Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 26 DE ABRIL DE 1974 N.º 18440 — ANO 54.º — PREÇO 2$50

CAXIAS CAIU

LIBERTOS OS PRESOS DETIDA A DGS/PIDE

Às nove e trinta de hoje um oficial dos Fuzileiros Navais comunicou aos jornalistas, na Rua António Maria Cardoso, que a PIDE-DGS acabava de render-se ao fim de uma noite inteira de resistência ao cerco. Milhares de pessoas assistiram, nas imediações à queda de um dos últimos redutos do regime.

Pouco depois, chefava ao local mais um contingente militar que ali tomou posições, vindo do Regimento de Infantaria 1.

Às 9 e 43 foram abertas as portas e entraram no edifício três oficiais das Forças Armadas. Passado um minuto saiu um indivíduo que abriu as portas das garagens, de onde, acto seguido saíram algumas dezenas de elementos da PIDE, em fila de dois. Traziam um ar carrancudo e dirigiram, mesmo, alguns impropérios aos circunstantes. Entraram no edifício principal.

Às 9 e 46, as forças militares ocuparam o edifício central da ex-PIDE-DGS.

A cadeia política da DGS/Pide em Caxias foi tomada pelas oito e meia da manhã de hoje, por uma força de pára-quedistas, que começaram imediatamente a libertar das celas os prisioneiros políticos,. conduzindo-os para o pátio interior da prisão, onde aguardam ordem de saída para o exterior. Foram presos sem resistência os quarenta elementos daquela odiada Polícia secreta, que durante a noite tinham resistido no interior do cerco e que, apesar de ontem terem ameaçado matar os prisioneiros, se apresentaram aos pára-quedistas já desarmados e em atitude colaborante.

— **«Dentro de poucas horas espero libertar os prisioneiros políticos que não sejam acusados de delito comum. Aguardo apenas ordens superiores»** — disse-nos cerca das nove horas o comandante da força dos pára-quedistas, cap. Mário Pinto, que nos descreveu o entusiasmo dos seus soldados.

O assalto final à prisão da Pide começou às 6 e 30 da manhã, altura em que o forte foi sobrevoado por aviões da Força Aérea, que davam apoio às tropas terrestres. Às 8 e 15 entregaram-se os guardas da GNR que defendiam a prisão. Com a chegada de uma companhia de fuzileiros navais do Vale do Zebro (Barreiro) foi reforçada a força de intervenção. Eram 9 e 22 quando o director da cadeia, inspector Parra da Silva, foi preso.

Abertas as portas da prisão, vários jornalistas que tinham sido conduzidos de Lisboa em viaturas da companhia dos fuzileiros, puderam contactar com os prisioneiros políticos que iam chegando, em grupos, ao pátio da prisão, num entusiasmo indescritível. Soube-se então que só ontem à noite os prisioneiros se aperceberam de que algo de anormal se estava a passar no País.

Cerca das dez horas, foram abertas as portas do Hospital Prisional anexo à cadeia.

Muitas pessoas aguardaram no cruzamento do desvio da estrada durante toda a noite o momento da libertação dos seus familiares.

— **O que vão fazer aos pides?** — perguntámos ao comandante dos páras.

— **Temos que ter compaixão e humanidade para com eles** — respondeu-nos o capitão, que salientou o facto de se terem entregue sem combate.

Minuto zero: o "regime" vai cair

Este espantoso documento fotográfico documenta toda a emoção e expectativa popular na hora H da queda do chamado Estado Novo: um minuto depois, segundos talvez, sairia do quartel da GNR no Carmo o carro blindado onde se escondia o prof. Marcello Caetano, que acabava de cair com o seu Governo e com o Regime que oprimia o País há quase cinquenta anos. Neste momento dramático e histórico, que o nosso repórter fixou com enorme realismo, começava para o povo português uma nova etapa de esperança numa vida verdadeiramente nova

Programa do Movimento das Forças Armadas

Considerando que ao fim de 13 anos de luta em terras do Ultramar, o sistema político não conseguiu definir, concreta e objectivamente, uma política ultramarina que conduza à paz entre os Portugueses de todas as raças e credos, considerando que a definição daquela política não é possível sem o saneamento da actual política interna e das suas instituições, tornando-as, pela via democrática, indiscutidas representantes do povo português;

Considerando ainda que a substituição do sistema político vigente terá de processar-se sem convulsões internas que afectem a paz, o progresso e o bem-estar da Nação; o Movimento das Forças Armadas Portuguesas, na profunda convicção de que interpreta as aspirações e interesses da esmagadora maioria do povo português e de que a sua acção se justifica plenamente em nome da salvação da Pátria e, fazendo uso da força que lhe é conferida pela Nação através dos seus Soldados, proclama e compromete-se a garantir a adopção das seguintes medidas, plataforma que entende necessária para a resolução da grande crise nacional que Portugal atravessa:

(A) — Medidas imediatas:

(1) — Exercício do poder político por uma Junta de Salvação Nacional até à formação, a curto prazo, de um governo provisório civil.

A escolha do presidente e do vice-presidente será feita pela própria Junta.

(2) — A Junta de Salvação Nacional decretará:

a) A destituição imediata do Presidente da Republica e do actual Governo, a dissolução da Assembleia Nacional e do Concelho de Estado, medidas que serão acompanhadas do anúncio público da convocação, no prazo de 12 meses, de uma Assembleia Nacional Constituinte, eleita por sufrágio universal, directo e secreto, segundo lei eleitoral, a elaborar pelo futuro governo provisório.

b) a destituição de todos os governadores civis no Continen-

Continua na pág. 3

2.ª EDIÇÃO

Hoje 28 páginas

DL/NACIONAL

"Situação totalmente controlada"

O Movimento das Forças Armadas difundiu, de madrugada, o seguinte comunicado:

«Aqui Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas.

Como é do conhecimento geral foi há pouco transmitida na Radiotelevisão Portuguesa e pelas estações emissoras, uma proclamação da Junta de Salvação Nacional dirigida ao país, onde são definidos os objectivos gerais do Movimento das Forças Armadas que, interpretando o sentimento da Nação, acaba de derrubar o Governo.

Entretanto, informa-se que a situação se encontra totalmente controlada, tendo-se rendido o Regimento de Lanceiros 2 e o Grupo de Detecção, Alerta e Conduta de Intercepção em Monsanto, encontrando-se os ex-membros do Governo sob custódia do Movimento.

Continua a recomendar-se à população o acatamento estrito das indicações da Polícia Militar, da Polícia de Segurança Pública e das brigadas de trânsito, contribuíndo assim para a manutenção da ordem que todos desejamos se mantenha inalterável.

Avisam-se as Unidades de que algumas delas serão rendidas na ocupação dos objectivos por forças do Regimento de Caçadores Pára-Quedistas».

COMUNICADO DIVULGADO ESTA MANHÃ:

Avisa-se a população que o Aeroporto da Portela continua fechado à navegação. Os passageiros e o pessoal das companhias serão avisados por esta via, com a antecedência devida, da hora de abertura.

Também se informa que, dado o facto de a situação se encontrar perfeitamente normalizada, a população poderá retomar as suas actividades habituais.

Reina a calma em todo o País».

A movimentação das Forças na Região Militar de Évora

Na Região Militar de Évora, aderiram ao Movimento, imediatamente à sua eclosão, o Regimento de Cavalaria 3, em Estremoz, e a Escola Prática de Artilharia, em Vendas Novas.

O comandante da primeira destas unidades aproveitou o facto de se ligar ao Movimento para dar voz de prisão, cerca das três horas da madrugada, ao general director da Arma de Cavalaria, que se encontrava em visita de inspecção ao aquartelamento. Deste regimento, partiram imediatamente companhias qus passaram por Arraiolos e ocuparam S. Gabriel.

Da Escola Prática de Artilharia, em Vendas Novas, partiram duas baterias equipadas com obuses, depois de terem detido o comandante, coronel Melo de Carvalho, o tenente-coronel Nascimento, um sargento-ajudante, oito sargentos e um cabo miliciano.

Estas forças, que partiram para Lisboa, ocuparam postos junto ao Cristo-Rei, apontando as peças para o Palácio de S. Bento e para as forças estacionadas em Monsanto.

Uma outra bataria ficou nas proximidades de Pegões, enquanto uma outra ainda ficava na zona de Vendas Novas.

Os oito sargentos e demais militares foram soltos pouco depois, por terem aderido ao Movimento.

No Regimento de Infantaria 3, estacionado em Beja, arrancaram forças com destino a Alcáçovas e outros pontos do Alentejo, ao que parece inicialmente para apoiar o Governo deposto.

Esta situação modificou-se a uma ordem do brigadeiro comandante do quartel-general de Évora.

Entretanto, em Tavira, no C. I. S. M. I., as forças actuaram tentando o controlo de entradas e saídas pela fronteira de Vila Real de Santo António.

Em Faro as Forças Armadas diligenciaram no sentido de dominar o aeroporto local.

O C. I. C. A. de Lagos tratou da dominação da zona onde está instalada a antena do canal de Foia.

Em Évora, onde estão aquartelados o R. A. L. 3 e o R. I. 6, as forças só saíram para a rua por volta das 18 e 55, em direcção ao quartel-general, com o objectivo de obterem uma tomada de posição do respectivo comandante.

Membros do Movimento das Forças Armadas de ambos os aquartelamentos mantinham-se desde muito cedo em contacto com o brigadeiro da Região Militar, tentando obter uma decisão.

Por volta das 19 horas ocuparam posições junto da entrada de Lisboa e de outras saídas, posições que rapidamente foram abandonadas por não parecerem necessárias, já que o Movimento havia obtido o controlo da situação.

Elementos da G. N. R. antes de se renderem

A Junta de Salvação Nacional

Individualidades de grande prestígio nas Forças Armadas, com largas folhas de serviços prestados ao País, os componentes da Junta de Salvação Nacional são os seguintes oficiais: cumulativamente com outras funções, chefiou o Serviço de Preboste. Mais tarde, foi nomeado 2.º comandante-geral da Guarda Nacional Republicana, assumindo, em 1968, com o posto de brigadeiro, o Governo da Guiné. A sua promoção a general verificou-se em Julho de 1969.

General António de Spínola

pitão-de-fragata António Alba Rosa Coutinho; capitão-de-mar-e-guerra José Baptista Pinheiro Azevedo; general Francisco da Costa Gomes; general António de Spínola (que preside); brigadeiro Jaime Silvério Marques; coronel Carlos Galvão de Melo e general Manuel Diogo Neto (ausente da Matrópole).

O GENERAL SPÍNOLA

Personalidade de militar, político e administrador de inexcedível prestígio, o general António de Spínola, cuja acção como governador da Guiné foi notabilíssima, tem 64 anos e é natural de Santo André, Estremoz. Feitos os estudos secundários no Colégio Militar, ingressou, em 1930, na então Escola Militar, cujo curso de Cavalaria terminou em 1933.

Tendo iniciado a carreira de oficial no Regimento de Cavalaria 7, serviu depois noutras unidades e estabelecimentos, nomeadamente no Regimento de Lanceiros 2, de que foi comandante, e no Comando Militar dos Açores, integrado no corpo expedicionário que para ali foi destacado em 1945.

Entre Novembro de 1961 e 21 de Fevereiro de 1964, comandou um batalhão de cavalaria, em Angola, com o posto de tenente-coronel, tendo então merecido excepcionais louvores da parte do ministro do Exército pela acção que desenvolveu no Norte da província, onde se manteve até Maio de 1963.

Regressado de Angola, o general António de Spínola foi transferido para a Direcção da Arma de Cavalaria, onde, cumulativamente com outras funções, chefiou o Serviço de Remonta. Mais tarde, foi nomeado 2.º comandante-geral da Guarda Nacional Republicana, assumindo, em 1968, com o posto de brigadeiro, o Governo da Guiné. A sua promoção a general verificou-se em Julho de 1969.

Nomeado vice-chefe do Estado-Maior Ceneral das Forças Armadas, após ter deixado o Governo da Guiné, viria a ser exonerado daquele cargo em 14 de Março último (exercera-o durante dois meses menos quatro dias).

Oficial e cavaleiro da Ordem Militar de Avis, foi agraciado com o grande-oficialato da Torre e Espada, em 7 de Junho do ano passado. Possui, igualmente, as medalhas de Mérito Militar e de prata dos Serviços Distintos e de ouro de Comportamento Exemplar. O Governo espanhol conferiu-lhe a cruz de 1.ª classe da Ordem do Mérito Militar, com o distintivo branco.

O GENERAL COSTA GOMES

Oficial dos mais distintos com que têm contado as Forças Armadas do País, o general Francisco da Costa Gomes nasceu em Chaves em 1914, tendo concluído o curso de oficial de cavalaria em 1935. Frequentou os cursos de Estado-Maior e de Altos Comandos no ano lectivo de 1963-64, sendo, neste último, promovido a brigadeiro e, quatro anos depois, a general.

Em 1944 licenciara-se, com distinção, em Ciências Matemáticas, na Universidade do Porto e, antes da promoção a oficial-general, serviu em várias unidades e estabelecimentos militares. Em Macau, foi notável a sua acção como chefe do Estado-Maior do Exército estacionado naquela província.

Professor do Curso de Altos Comandos, no Instituto de Altos Estudos Militares, foi também comandante da Região Militar de Moçambique, exercendo, igualmente, as funções de subsecretário de Estado do Exército, tendo, quando no exercício destas funções, em Abril de 1961, participado no fracassado movimento militar de que também fizeram parte o general Botelho Moniz e o brigadeiro Almeida Fernandes, entre outros.

Em 12 de Setembro de 1972, em substituição do general Venâncio Deslandes, que atingira o limite de idade, foi nomeado chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, cargo de que foi exonerado em 14 de Março deste ano, juntamente com o general António de Spínola.

Antes de assumir a chefia do Estado-Maior General, exerceu o cargo de comandante-chefe das Forças Armadas de Angola.

Comendador da Ordem de Avis, é condecorado com a medalha de prata de Comportamento Exemplar e a medalha comemorativa das Expedições a Moçambique.

Conversa à porta com o general António de Spínola

«Estamos a guardar a casa do general, mas podem passar.»

Assim nos falou um tenente na Rua Rafael Andrade, ontem, às 10 e 20.

A casa guardada era a do general António Spínola.

Aproximámo-nos da porta e tocámos à campainha. Um segundo, dois segundos — e a porta abriu-se.

Disse-nos a porteira:

«O senhor general habita no rés-do-chão e no primeiro andar.»

Subimos ao primeiro andar.

Um toque na porta.

Uma voz que vem do rés-do-chão:

«Façam favor.»

Descemos. À nossa frente — a esposa do general.

«Meu marido — diz-nos — está a dormir.»

Depois emenda e afirma:

«A dormir, não. Mas está deitado.»

Ouvia-se distintamente uma emissão do Rádio Clube Português. Findas as palavras — um fado de Coimbra. A senhora de Spínola sorri-nos, hesita, atenta nos cartões que testemunham a nossa qualidade de jornalistas.

«Só um momento» — acaba por dizer.

Afasta-se, deixando a porta aberta.

Regressa e diz:

«O meu marido só lhes pode dizer poucas palavras. Esse é o recado que o meu marido lhes pede para transmitir.»

Um minuto depois o general Spínola estava à nossa frente.

Encontrava-se já barbeado, muito direito, envergando um roupão de cor cinzenta.

»Então que há ...?» — perguntou-nos com um sorriso.

Nós dissemos:

«Está a passar-se qualquer coisa ... »

E o general António de Spínola com uma certa ironia:

«Onde?»

«Nas ruas ... »

O general afastou-se um passo, tornou-se subitamente sério. E disse:

«Assim como vieram aqui cumprimentar-me, eu também vos cumprimento. É tudo quanto posso fazer neste momento.»

Estendeu-nos a mão.

Entretanto chegava, apressado, um capitão.

«Agora — disse o general — tenho de falar com este senhor.»

E foi tudo: a porta fechou-se amavelmente sobre nós.

Na rua, de arma na mão, os soldados mostravam-se calmos. E o tenente que nos tinha indicado a casa do general António Spínola veio ter connosco e perguntou-nos:

«Então ... ?»

«Tudo certo» — dissemos.

Ele disse:

«Sim, acho que está tudo certo.»

Horas depois, de tarde, o general António de Spínola apresentava-se no Quartel do Carmo para a cerimónia de rendição do prof. Marcello Caetano.

DL/NACIONAL

Programa do movimento das Forças Armadas

Continuação da pág. 1

te, governadores dos distritos autónomos das ilhas adjacentes e governadores gerais nas Províncias Ultramarinas, bem como a extinção imediata da Acção Nacional Popular.

(1) Os Governos-Gerais das Províncias Ultramarinas serão imediatamente assumidos pelos respectivos Secretários-Gerais investidos nas funções de Encarregado do Governo, até à nomeação do novo Governador-Geral pelo Governo provisório.

(2) Os assuntos decorrentes dos Governos Civis serão despachados pelos respectivos substitutos legais, enquanto não forem nomeados novos governadores pelo Governo provisório.

c) a extinção imediata da DGS, Legião Portuguesa e organizações políticas de juventude. No Ultramar, a DGS será reestruturada e saneada, organizando-se como Polícia de Informação Militar, enquanto as operações militares o exigirem.

d) a entrega às Forças Armadas dos indivíduos culpados de crimes contra a ordem política instaurada, enquanto durar o período de vigência da Junta de Salvação Nacional, para instrução de processo e julgamento.

e) medidas que permitam uma vigilância e um controle rigorosos de todas as operações económicas e financeiras com o estrangeiro.

f) a amnistia imediata de todos os presos políticos, salvo os culpados de delitos comuns, os quais serão entregues ao foro respectivo, e reintegração voluntária dos servidores do Estado destituídos por motivos políticos.

g) a abolição da Censura e Exame Prévio.

(1) reconhecendo-se a necessidade de salvaguardar o segredo dos aspectos militares e evitar perturbações na opinião pública, causadas por agressões ideológicas dos meios mais reaccionários, será criada uma Comissão «ad-hoc», para controle de imprensa, rádio, televisão, teatro e cinema, de carácter transitório, directamente dependente da Junta de Salvação Nacional, a qual se manterá em funções até à publicação de novas leis de imprensa, rádio, televisão, teatro e cinema pelo futuro Governo provisório.

h) medidas para a reorganização e saneamento das Forças Armadas e militarizadas (GNR, PSP, GF, etc.).

i) o controle de fronteiras será das atribuições das Forças Armadas e militarizadas enquanto não for criado um serviço próprio.

j) medidas que conduzam ao combate eficaz contra a corrupção e especulação.

(B) — MEDIDAS A CURTO PRAZO:

1) No prazo máximo de 3 semanas após a conquista do poder, a Junta de Salvação Nacional escolherá, de entre os seus membros o que exercerá as funções de Presidente da República Portuguesa, que manterá poderes semelhantes aos previstos na actual Constituição.

a) os restantes membros da Junta de Salvação Nacional assumirão as funções de Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Vice-Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Chefe do Estado-Maior da Armada, Chefe do Estado-Maior do Exército e Chefe do Estado-Maior da Força Aérea e farão parte do Conselho de Estado.

2) após assumir as suas funções, o Presidente da República nomeará o Governo provisório civil, que será composto por personalidades representativas de grupos e correntes políticas e personalidades independentes que se identifiquem com o presente programa.

3) durante o período de excepção do Governo provisório, imposto pela necessidade histórica de transformação política, manter-se-á a Junta de Salvação Nacional pela salvaguarda dos objectivos aqui proclamados.

a) o período de excepção terminará logo que, de acordo com a nova constituição política estejam eleitos o Presidente da República e a assembleia legislativa.

4) o Governo provisório governará por decretos-leis que obedecerão obrigatoriamente ao espírito da presente proclamação.

5) o Governo provisório, tendo em atenção que as grandes reformas de fundo só poderão ser adoptadas no âmbito da futura Assembleia Nacional constituinte, obrigar-se-á a promover imediatamente:

a) a aplicação de medidas que garantam o exercício formal da acção do Governo e o estudo e aplicação de medidas preparatórias de caracter material, económico, social e cultural que garantam o futuro exercício efectivo da liberdade política dos cidadãos.

b) a liberdade de reunião e de associação.

Em aplicação deste princípio será permitida a formação de «associações políticas», possíveis embriões de futuros partidos políticos, e garantida a liberdade sindical, de acordo com lei especial que regulará o seu exercício.

c) a liberdade de expressão e pensamento sob qualquer forma.

d) a promulgação de uma nova Lei de Imprensa, rádio, televisão, teatro e cinema.

e) medidas e disposições tendentes a assegurar, a curto prazo, a independência e a dignificação do poder judicial.

(1) A extinção dos «tribunais especiais» e dignificação do processo penal em todas as suas fases.

(2) Os crimes cometidos contra o Estado no novo regime serão instruídos por juizes de direito e julgados em tribunais ordinários, sendo dadas todas as garantias aos arguidos.

As averiguações serão cometidas à Polícia Judiciária.

6) o Governo provisório lançará os fundamentos de:

a) uma nova política económica, posta ao serviço do povo português em particular das camadas da população até agora mais desfavorecidas, tendo como preocupação imediata a luta contra a inflação e a alta excessiva do custo de vida, o que necessariamente implicará uma estratégia antimonopolista.

b) uma nova política social que, em todos os domínios, terá essencialmente como objectivo a defesa dos interesses das classes trabalhadoras e o aumento progressivo, mas acelerado, da qualidade de vida de todos os portugueses.

7 — o Governo provisório orientar-se-á em matéria de política externa pelos princípios da independência e a igualdade entre os Estados, da não ingerência nos assuntos internos dos outros países e da defesa da paz, alargando e diversificando relações internacionais com base na amizade e dooperação.

a) o Governo provisório respeitará os compromissos internacionais de correntes dos tratados em vigor.

8 — a política ultramarina do Governo provisório, tendo em atenção que a sua definição competirá à Nação, orientar-se-á pelos seguintes princípios:

a) reconhecimento de que a solução das guerras no Ultramar é política e não militar.

b) criação de condições para um debate franco e aberto, a nível nacional, do problema ultramarino.

c) lançamento dos fundamentos de uma política ultramarina que conduza à paz.

c) CONSIDERAÇÕES FINAIS

1 — logo que eleitos pela Nação a Assembleia Nacional constituinte e o novo Presidente da República, será dissolvida a Junta de Salvação Nacional e a acção das Forcas Armadas será restringida à sua missão específica de defesa externa da soberania nacional.

2 — o movimento das Forças Armadas, convicto de que os princípios e os objectivos aqui proclamados traduzem um compromisso assumido perante o País e são imperativos para servir os superiores interesses da Nação, dirige-se a todos os portugueses um veemente apelo à participação sincera, esclarecida e decidida da vida pública nacional e exorta-os a garantirem, pelo seu trabalho e convivência pacífica, qualquer que seja a posição social que ocupem, as condições necessárias à definição, em curto prazo, de uma política que conduza à solução dos graves problemas nacionais e à harmonia, progresso e justiça social indispensáveis ao saneamento da nossa vida pública e à obtenção do lugar a que Portugal tem direito entre as nações.

Três agentes da DGS quase linchados pelo povo

Só a muito custo elementos do Exército conseguiram evitar que hoje, ao meio dia, três elementos da PIDE-DGS fossem linchados pela população em fúria, no Largo da Misericórdia.

Detectados, os três indivíduos foram encostados ao pelourinho do Largo, enquanto um oficial do Exército lhes passava cuidadosa e cautelosa busca. Assim, foram-lhes capturadas pistolas, a cuja aparição o povo, que formava um compacto círculo, rompeu em gritos crescentes de «Assassinos! Assassinos» e fazia tentativas de avançar para os agentes da extinta polícia.

Tournou-se assim necessário que o oficial fizesse disparos para o ar, que acalmaram momentaneamente o povo mas não fizeram arredar pé. Em dado momento, um popular conseguiu romper a barreira dos poucos soldados presentes e conseguiu atingir com vários socos um dos detidos, que começou a sangrar da cabeça ao mesmo tempo que insultava a multidão.

Apenas cerca de meia hora depois de terem sido dominados e desarmados os agentes da PIDE-DGSchegouumafortecoluna militar, entusiasmaticamente saudada pela multidão, que aumentava a cada momento. Os presos foram então metidos no interior de um carro blindado, para os livrar da indignação do povo. A coluna desceu a Rua da Misericórdia, por entre aplausos à tropa e gritos de indignação dirigidos aos agentes. Por parte da multidão compacta que estava no Largo e se juntara à massa compacta de povo que se manifestava em frente das instalações do vespertino «Epoca».

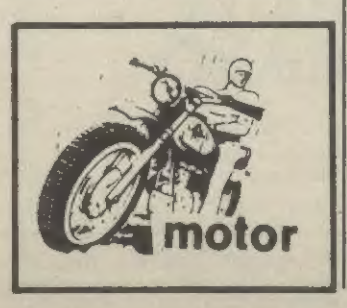
ENCERRADAS AS FRONTEIRAS DO PAÍS

MADRID, 26 — (R.) — A polícia portuguesa encerrou hoje completamente as fronteiras do país, segundo comunicou a sua congénere do outro lado da raia.

Um informador da polícia fronteiriça espanhola disse à Reuter na cidade de Ajamonte que guardas portugueses estinham recebido ordens para manter fechados os postos da raia até novo aviso.

As fronteiras encerraram à meia-noite como é habitual mas a polícia portuguesa não as abriu hoje, de manhã.

As fronteiras abriram ontem normalmente, após o golpe de Estado militar em Portugal.



DOIS MIL JOVENS MANIFESTARAM-SE EM AVEIRO

AVEIRO, 26 — Hoje, às 12 e 30, mais de dois mil jovens manifestaram de maneira vibrante a sua alegria pela queda do regime fascista presidido, até ontem, por Marcello Caetano. Os manifestantes, precedidos por um carro da Polícia, subiram a Avenida dr. Lourenço Peixinho e concentraram-se, dois quilómetros adiante, em frente do quartel (em Sá) do Regimento de Infantaria 10. Assomando às janelas, com muitos oficiais, o comandante da unidade, coronel João Dias Santos, agradeceu emocionado a mais espontânea de quantas manifestações conheceu a cidade de Aveiro. Entre os cartazes exibidos, um deles dizia: «Aleluia, aleluis, o fascismo acabou, parabéns valentes».

Durante o longo trajecto, os jovens manifestantes gritavam vivas aos generais Spínola e Costa Gomes, e à Imprensa, Rádio e Televisão. Milhares de pessoas assomaram às janelas, aplaudindo, ou juntaram-se nos passeios.

Muitas senhoras idosas, assistindo à manifestação, choravam emicionadas.

Ainda hoje, às 18 e 30, haverá nova manifestação de trabalhadores.

CANCELADA A SESSÃO DA ASSEMBLEIA NACIONAL

Por determinação do Presidente da Assembleia Nacional, foi cancelada a reunião plenária marcada para esta tarde. O despacho do eng. Amaral Netto é do seguinte teor: «Ouvido o Conselho da Presidência, cancelo a sessão da Assembleia Nacional de hoje».

Como nesta edição informamos, a actual Assembleia Nacional será dissolvida por decreto da Junta de Salvação Nacional.

Invadidas a Censura e a «Época»

Um grupo numeroso de populares assaltou, ao fim da manhã de hoje, o jornal «A Epoca», destruindo parte do seu recheio e arquivos. Bem como as instalações da Comissão de Exame Prévio (Censura), cuja acção foi dada por finda pela Junta Militar.

UNIVERSIDADE ENCERRADA ATÉ SEGUNDA-FEIRA

As actividades universitárias estão encerradas até segunda-feira. A comunicação foi feita, esta manhã, aos estudantes reunidos em frente da Reitoria, por um comandante da PSP. Não se verificou qualquer distúrbio, tendo os estudantes entabulado amena e cordial conversação com o agente da autoridade.

Companhias Reunidas de Gás e Electricidade

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica no próximo domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

1.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua do Cruzeiro, Trav. Fornos, Trav. Pardal, Terras do Pardal, Trav. João Alves, Trav. da Ferrugenta e imediações. (Das 8 às 12 h).

2.º Sector — B.º de Caselas. (Das 8 às 12 h).

6.º Sector — Rua Ivens, de 45 a 69. (Das 8 às 12 h). Poço do Borratém, de 1 a 17 (seguidos). (Das 8 às 12 h).

9.º Sector — Av.ª Almirante Reis, 27 F a 33 B e de 35 A a 49, Regueirão dos Anjos, 2 a 54 A e de 3 a 33 (Das 8 às 12 h); Praça de Alvalade, lote 1102 (Das 8 às 12 h).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras** — OEIRAS: Alto da barra e imediações, (Das 8 às 14 h); Falagueira. (Das 8 às 14 h); AMADORA: Praça da Igreja, Rua João XXI, Rua 1.º de Maio, Rua St.º António, Rua Pio XII, Rua Gomes Freire, Rua 27 de Julho, Rua 5 de Outubro, Rua 1.º Dezembro, Rua Mestre Roque Gameiro, Rua da Venteira, Rua Diogo Bernardes, Rua Alexandre Herculano, Rua Antero de Quental, Praceta Antero de Quental, Rua Afonso de Albuquerque, Rua Heliodoro Salgado, Rua Elias Garcia e imediações. (Das 8 às 14 h).

2.ª Zona — **Concelho de Cascais** — ESTORIL: Alto do Estoril, Alto do Desembargador, Vale de St.ª Rita, (Das 8 às 14 h); Estrada Nacional n.º 6 (Marginal) entre o Hotel Atlântico e o Colégio dos Salesianos e zonas vizinhas, Av.ª Fausto de Figueiredo (parte e imediações. (Das 8 às 14 h); Av.ª Portugal, Av.ª Nice, Rua Porto, Av.ª Biarritz, Rua S. Reno, Av.ª Bombeiros Voluntários, Rua António Martins, Rua dr. Joaquim dos Santos, Av.ª Clotilde, Est. Marginal e imediações. (Das 8 às 14 h).

3.ª Zona — **Concelho de Sintra** — CACEM: B.º Alegre, Rua Ribeira, Rua Ribeiro de Carvalho, Rua S. José, Praceta B.º Alegre, Est. Marquês de Pombal, Rua D. Luís I, Rua Professor António Joaquim das Neves, Rua do Olival, Rua Sacadura Cabral, Rua Casal Patrício, Rua Machado de Castro, Rua S. Sebastião, e imediações. (Das 8 às 14 h.); Linhó. (Das 8 às 14 h.); A-da-Beja. (Das 8 às 14 h.); Arnil — zona Sul — (Das 8 às 14 h.); Vila Verde — zona Sul — (Das 8 às 14 h.).

4.ª Zona — **Concelho de Mafra** — Santo Isidoro, Alagoa, M. Godel, Pedra Amassada. (Das 8 às 14 h); Barril da Encarnação. (Das 7 às 14 h); Ericeira — zona Norte — (Das 8 às 14 h); Carvalhal. (Das 8 às 14 h).

5.ª Zona — **Concelho de Vila Franca de Xira** — Quinta da Boiça, Vale de Figueira. (Das 8 às 14 h); ALVERCA: Cruz das Almas, Adarse. (Das 8 às 14 h); Póvoa (parte) Estrada dos Caniços, Vialonga, Verdelha do Ruivo, Morgados, Granja, St.ª Eulália e St.ª Cruz. (Das 8 às 14 h); ALHANDRA: B.º da Escusa, Rua Passos Manuel, Rua Salvador Marques, Rua Miguel Bombarda, Rua Tomás de Almeida e imediações (Das 8 às 14 h).

6.ª Zona — **Concelho de Alenquer** — Antas, Santana Carnota, Qt.ª Leão, Pedra de Ouro, Qt.ª Carnota, Refugiados, Casais Marmeleira, Cadafais. (Das 8 às 14 h); Paredes (parte), Companhia das Águas (em Paredes). (Das 8 às 14 h).

DL/NACIONAL

NO PORTO

Cerca de vinte feridos em recontros entre populares e elementos da P.S.P.

. PORTO, 26 — Em consequência de recontros verificados na tarde de ontem, entre elementos da P.S.P. e os populares, na Avenida dos Aliados e na Praça da Liberdade, ficaram feridas várias pessoas, entre os quais cinco elementos daquela corporação.

Por volta das 23 e 30 um grupo de cerca de três centenas de manifestantes dirigiu-se em direcção à sede no Porto da D.G.S., na Rua do Heroismo, a fim de se manifestarem contra quela Polícia. Foi então que soaram dois tiros de pistola e uma rajada de metralhadora, disparados por elementos da P.S.P., do posto existente junto à Escola Superior de Belas-Artes. Houve correrias, tendo sido atingido com uma coronhada na face, Joaquim da Silva Castro, de 17 anos, serralheiro, de Arcozelo, Gaia, que foi socorrido no Hospital de Santo António.

Entretanto, um destacamento das Forças Armadas rodeou o edifício e o oficial comandante aconselhou os civis a dispersar.

Desta forma, a cidade ficou praticamente deserta, tendo as pessoas recolhido a suas casas, atendendo assim à solicitação do Movimento das Forças Armadas. Apenas na Praça da Liberdade e na Avenida dos Aliados se verificaram ajuntamentos de populares que vitoriaram os elementos do Exército, quando estes aconselhavam que todos recolhessem a casa.

A quase totalidade dos restaurantes da cidade do Porto encerraram as suas portas ontem à noite. Também os cinemas anularam as suas sessões da noite.

OS FERIDOS

Nos recontros da tarde, ficaram feridos: Ilídio Queirós Mota, de 42 anos, comissário da P.S.P., da Rua da Ferraria, em Rio Tinto (ferido na cabeça); Augusto Martins Lobo, de 40 anos, 1.º subchefe da mesma corporação, da Rua Central de Francos, igualmente ferido na cabeça; Joaquim Pinto, de 52 anos, guarda da P.S.P., da Calçada da Corticeira, Bairro da Capela, (escoriações na face); Serafim Ribeiro Pinto, de 34 anos, guarda da P.S.P., da Rua General Torres, (Gaia); Adelino Freitas Ribeiro, de 39 anos, guarda da P.S.P., da Rua das Oliveiras, em Rio Tinto; Francisco Telmo Seabra do Amaral, de 18 anos, estudante, da Rua Aníbal Cunha, atingido a tiro na perna direita (foi operado para extracção da bala); António de Araújo Jesus, de 19 anos, da Rua 9 de Abril, (ferimentos pelo corpo); Aristides Meireles Aguiar, de 13 anos, da Obra do Padre Grilo, da Rua da Boavista (atingido com um tiro no rosto); Fernando de Jesus Trigo, de 14 anos, da Alameda do Cedro (Gaia) com várias escoriações; José Maria da Silva Azevedo Cardoso, de 16 anos, empregado de mesa, do Porto (escoriações várias); Augusto Afonso Pinheiro Pinheiro, de 39 anos, ajudante de motorista, do lugar do Marmeleiro (Guarda) com fractura exposta do braço esquerdo; José Luís Martins de Almeida, de 18 anos, técnico de contas, da Rua da Ranha, António Francisco Fernandes Moutinho, de 32 anos, padeiro, da Rua do Monte do Arco, Aguas Santas (Maia); Isaura Pereira Almeida, de 66 anos, da Rua Faria Guimarães, atingida com um tiro numa perna; Sérgio Valente, de 32 anos, fotógrafo, da Rua D. João de Deus, Gaia (ligeiros ferimentos); Rosa Magalhães, de 19 anos, operária, da Rua dos Pelmames (ligeiros ferimentos).

Todos foram conduzidos ao Hospital de Santo António, tendo ali ficado internados Francisco Telmo do Amaral, Adelino Freitas Ribeiro, José Maria Azevedo Cardoso, Augusto Afonso Pinheiro e José Luís Moutinho de Almeida.

No Hospital de S. João ficou também internado António José de Sousa, de 25 anos, empregado comercial, da Rua da Bouça, com uma ferida perfurante no tórax, atingido com um tiro na Avenida dos Aliados.

Um dos feridos (em Lisboa) chega ao Hospital de S. José

HOSPITAIS: BALANÇO PROVISÓRIO

CINCO MORTOS E QUARENTA FERIDOS

Em consequência de vários incidentes ocorridos durante o dia de ontem em vários pontos da cidade, originados pelo Movimento das Forças Armadas, foram internados no Hospital de S. José cerca de quatro dezenas de feridos, alguns dos quais em estado desesperado.

Ontem, às 23 horas, contavam-se três mortos: Fernando Carvalho Gesteiro, de 18 anos, de Montalegre; António Lage, de 32, agente da D.G.S.; e um indivíduo de identidade desconhecida.

Os feridos eram os seguintes: Carlos Alberto Carvalhais Parreira, 35 anos, empregado comercial, morador na Calçadinha do Tijolo; Maria Emília Estrona Marques, 32, também empregada comercial, Praça Gil Vicente; Fernando José Venâncio Pereira, 25, estudante, Algés; Maria Fernanda de Jesus, 18, Vale de Cavalos; Arnaldo João Marques, 16, serralheiro, Almada; José Morgado Rodrigues, 21 anos, escriturário, Almada; Joaquim Silva Correia, 20 anos, escriturário, R. Filipe da Mata (todos feridos a tiro, nomeadamente na Rua António Maria Cardoso); Maria Afonso Santos Martins, 21 anos, Póvoa de Santo Adrião (seguiu para casa); Francisco José Silva Ramos, 20, R. Bernardino de Oliveira; Rui Eduardo Alves Morais, 19, R. Artur Lamas; Aarão de Almeida, 44, Travessa do Calado (casa); Maria da Conceição Neto, 20, Estrada da Luz; Armando Jesus Lopes Afonso, 17, R. dos Fanqueiros; António Maria Cruz, 18, R. Presidente Arriaga; Joaquim Inácio Cristo, morada desconhecida; Maria Manuela Cortes Flores, 23 (casa); António Ribeiro, 20; António José Santos Lima, 17; José Luís Gutierres Rosa, 19 (casa); Jorge Salgueiro Costa, 24; Fernando Simões Martins, 16; Armindo Fernandes de Oliveira, 16, (casa); Camélia Ferreira Pimenta, 23, Barreiro; Rogério Francisco dos Santos, 20, Av. de Roma; José Luís Bernardes Fernandes 19, Oeiras (casa); António Pereira Esteves, 35, R. José Falcão; Rogério Paulo Carvalho Osório, 18; Luís de Oliveira, 20 (casa); Manuel Pereira Alves, 24; Armando Nascimento Ferreira Reis, 26, empregado bancário; Agostinho Manuel Soares, 26 (casa) e Francisco José da Silva Barros, 20, Algés.

Foi também ferido o jornalista Adriano de Carvalho, de 37 anos, redactor do «O Tempo e o Modo».

Além destes feridos, encontra-se também internados no Hospital de S. José mais quatro indivíduos, de identidade desconhecida, cujas idades variam entre os 18 e os 25 anos.

Repercussões em Macau

HONG-KONG, 26 — (R.) — O consul geral português, CA.A.Simões Coelho, partiu hoje para Macau menou menos de 24 horas depois da notícia do golpe de Estado militar em Lisboa ser ecebida nesta cidade.

O consulado informou que Simões Coelho partira para o território português vizinho, a fim de assistir a um banquete do corpo consular marcado para home.

Um informador desmentiu uma notícia da imprensa local dizendo que o cônsul fora a Macau para travar conversações urgentes com funcionários sobre o golpe de Estado de ontem.

O jornal da tarde «China Mail» afirma que a viagem de Simões Coelho se seguira a discussões durante toda a noite sobre o golpe de Estado militar entre o governador de Macau, general Nobre de Carvalho, e os seus principais colaboradores.

Anunciou-se que a vida em Macau era hoje normal quando o governo aguardava qualquer comunicação oficial de Lisboa.

EM PERIGO DE VIDA

Tendo havido tiroteio em muitos pontos da cidade, é forçosamente elevado o número de feridos, sendo tido como certo que muitos não receberam tratamento nos hospitais civis. Aí, entre várias dezenas de pessoas que seguiram para suas casas depois de tratadas, continuam em estado muito grave outras quinze, de idades compreendidas entre os 17 e os 37 anos.

Entretanto, continua por identificar um dos cinco mortos, vítimas, todos eles, dos processos de actuação da tenebrosa D. G. S.

A identidade conhecida, dos feridos graves é a seguinte:

Rui Eduardo Alves Morais, aparentando 19 anos, Rua Artur Canas, 40, 1.º dt.º; Maria da Conceição Neto, de 20, Estrada da Luz Lote 1; Armando de Jesus Lopes Afonso, de 17, Rua dos Fanqueiros, 39, 1.º esq.º; António Maria Cruz, de 18, Rua Presidente Arriaga, 112, 2.º; Joaquim Inácio Ruivães Cristo, de 19; António Ribeiro, aparentando 20; António José Santos Lima, aparentando 17; Jorge Salgueiro Costa, de 25; Camélia Ferreira Pimenta, de 23, do Barreiro; António Pereira Esteves, de 35, Rua José Falcão, 31, 3.º esq.º; Rogério Teixeira Figueira, de 21, repórter fotográfico da UPI, Trav. dos Poiais, 9, 2.º esq.º; Adriano de Carvalho, de 37, jornalistas; Rogério Paulo Carvalho Osório, de 18; Fernando Simão Martins, de 16; Francisco José da Silva Barros, de 20, Rua Bernardino de Oliveira, 9, r-c dt.º, Algés; e José Valente da Silva Mendes de 19, Almada Conde de Oeiras, 4, em Oeiras.

Situação normal na fronteira

MADRID, 26 — (FP) — Ao fim da tarde sabia-se em Madrid que a situação era normal nos postos fronteiriços luso-espanhóis.

Em Pontevedra a passagem de viajantes e veículos era normal. Do lado português reinava a calma mais completa: as lojas estavam abertas e as pessoas prosseguiam o seu trabalho normal.

Em Valença de Alcântara (Cáceres) reinava a calma igualmente. Todavia no sentido Portugal-Espanha o movimento de veículos era nulo.

A situação é também normal em Caia (Badajoz).

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de realização de trabalhos na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 28 (domingo) das 8 às 13 horas, nas seguintes zonas:

Amoreira, Ramada, Alveijar, Ribeirão, Ponte da Bica, Bairro de S. Jorge, Montemor, Caneças, Famões, Arroja e toda a linha de A. T. entre amoreira-Ribeirão-Caneças.

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 24 DE ABRIL DE 1974.

O Engenheiro
Director-Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

TV

DL/ESPECTÁCULOS

TELEVISÃO, ALEGRIA DO POVO

. A Rádio. A Rádio. A Rádio. preso a ela por um invisível cordão umbilical. A Rádio. As palavras sabidas de cor. As marchas. As músicas escolhidas de qualquer maneira. O telefone que não pára. Quero saber, querem saber. A pergunta sacramental: «Estás a ouvir o Rádio Clube Português?»

. Sim. Claro, a Rádio. Sento-me esfalfado, como se andasse a calcetar estradas durante um ano inteiro. Na minha frente, o televisor está apagado. Distante, um ar inocente. Ele, o monstro!

G Aproximo-me. Chego-lhe lume. Por nenhuma outra razão mais do que vê-lo agressivamente vazio de branco. Para me ciliciar. A rádio, sim. Mas para quando a televisão? Televisão, se alguma vez. Fico-me a pensar. A sonhar. Sonhos velhos, sonhos quase apodrecidos e pendurados da árvore. Sonhos de uma televisão viva, feita gente.

Quando, quando ó televisão, te levantarás do túmulo? Quando, Lázaro electrónico desta idade?

. ... E foi então que apareceu aquele rosto jovem, um pouco estranho no ambiente, desconhecido. Não, ah isso não, o Manoel Caetano não era. Nem o Clímaco. Nem a Maria Margarida. Talvez mesmo não fosse ninguém. Talvez não passasse de um fantasma. De uma criação do espírito. Um produto da imaginação. Calma. Talvez seja melhor beberes um café! Passa-te.

Ei-lo que regressa. Com uma extrema simplicidade a anunciar o *Daktari, o viver no campo e depois a Telescola.*

A partir daí, estou hipotnizado. As imagens vão e vêm. Há som, não há som. Reparo nisso mas só de muito longe. Como se nada disso fosse importante. E não era. Bem me importavam a mim as imagens e o som. Por debaixo de tudo isso se infiltrava realidade — e tudo o mais eram aparências. Dei por mim a dialogar com o leão Clarence, à trela como um lulu: «Coragem, meu velho, leão és e não rendeiro. Quebra a arreata, vamos.»

. Com o *Viver no Campo*, a cena repetiu-se. O episódio recomeçou não me lembro quantas vezes. Como se isso importasse muito... Como se a realidade não fosse outra... Anunciam, mais tarde, a sinfonia n.º 3 de Beethoven — e transmitiram o *Corsário* de Berlioz, após o que, num alarde de delicadeza, pedem desculpa: *Como decerto notaram, houve uma alteração em relação ao concerto que tinhamos anunciado...* Descanse amigo, ninguém reparara. Porque tudo estava a reparar noutra realidade mais convincente.

O primeiro *Telejornal* — às 18 e 40 — com a presença de Fernando Balsinha a abrir, marca a viragem. Chegámos ao Cabo da Boa Esperança.

O interesse ficou centrado o jogo que iria manter-se por longo tempo. O locutor que começava a falar, a imagem que desaparecia. Uma suspeita ancestral a infiltrar-se. A rádio explicava: a antena de Monsanto ainda nas mãos da G.N.R.

Será que o telejornal das nove e meia acabaria por vir?

Veio. Balsinha e Fialho Gouveia, descontraídos, lado a lado. Fialho:

Boletim de notícias das nove e meia. O Balsinha vai começar por recordar-lhes os comunicados que lemos quando entrámos em contacto convosco, faltavam vinte para as sete.

Seguem-se as notícias. Assim:

Os acontecimentos verificados em Portugal desencadearam na bolsa de títulos da capital britânica uma vaga ordem de venda das acções de minas de ouro, a qual acelerou a descida dos valores verificados nos últimos dias, paralelamente à descida dos preços do lingote. A reacção reflete, segundo os especialistas, o receio de repercussões na África Austral. Alguns títulos desceram esta manhã mais de libra e meia...

O Vaticano tem-se recusado a comentar os acontecimentos ocorridos em Portugal, embora as relações entre a Santa Sé e o ex-Governo de Marcelo Caetano se tenham tornado mais tensas nos últimos tempos, em consequência da recente expulsão de Moçambique de catorze missionários combonianos

A France Press informa de Paris que o levantamento militar em Portugal produziu o efeito de uma bomba na África Austral. Na África do Sul, a notícia foi conhecida logo a seguir *a uma eleição legislativa* que confirmou no poder John *Vorster.*

Na Rodésia o Governo de Ian Smith segue igualmente com atenção os efeitos possíveis da revolta.

Em Bruxelas a organização do Tratado do Atlântico Norte e as delegações dos países membros da Aliança Atlântica seguem atentamente a evo*lução da situação militar em Portugal. O Governo belga adoptou a mesma atitude.*

O Governo brasileiro adoptou uma atitude de esperar para ver, perante o levantamento militar.

As estações de rádio do Rio de Janeiro acompanharam o desenrolar dos acontecimentos de hoje em Lisboa em sucessivos jornais falados.

A Reuter informa de Zurique: «Em telegrama hoje enviado, o Instituto Internacional de Imprensa (I.I.I.) exigia a libertação imediata de cinco jornalistas portugueses presos pelo Governo de Marcelo Caetano, hoje deposto.

«O director do I.I.I. declarou que o Instituto estava a observar com ansiedade cada vez maior a continuação das prisões de jornalistas em Portugal. O I.I.I. insiste em nome dos seus 1900 membros em 63 países na libertação imediata dos jornalistas presos e internados.

Acrescenta os nomes dos detidos: Fernando Correia, Albano Lima, Mário Henrique Leiria, Mateus Branco e Lino de Carvalho.

NOTÍCIAS DO MUNDO NAS ÚLTIMAS HORAS

Os bispos católicos romanos manifestaram publicamente a sua preocupação devido bà falta de garantias legais que *reina no país desde o golpe do Estado de Setembro último. Os bispos criticaram nomeadamente* as detenções arbi*trárias, técnicas de interrogatório e a falta de protecção das pessoas presas.*

Esta manifestação de protesto da Igreja Chilena foi feita através de uma conferência de Imprensa pelo Cardeal-Primaz Raul Henriques, arcebispo de Santiago do Chile.

Nas Nações Unidas, o Conselho de Segurança censurou Israel pelo «raid» de represália a seis aldeias libanesas. Mas condenou também todos os actos de violência das quais resultam perdas de vidas inocentes.

Entretanto a luta prossegue na frente sírio-israelita. Esta manhã continuavam os duelos de artilharia.

No Cairo, um porta-voz oficial disse que o ataque ao Colégio de Engenharia Militar do Cairo fez parte de uma intentona para derrubar o presidente Sadat.

Mais perto de nós, na França, a 10 dias de eleições. O candidato gaullista Chaban-Delmas perde terreno perante o eleitorado. Na última série de sondagens à opinião pública, Delmas baixou para 24 por cento, enquanto o seu rival das direitas, Giscard d'Estaing se mantém nos 28 por cento. O candidato socialista *François Mitterrand viu no entanto aumentada a sua margem de adesão, passando para 42 por cento.*

Na Bélgica, dificuldades de última hora adiaram a comuni*cação de formação de um novo Governo de coligação.*

Em Bona, as duas Alemanhas vão assinar hoje um acordo nos termos do qual será permitido a indivíduos particulares, sob certas condições, a transferência de dinheiro entre os dois países.

Simultaneamente, foi preso o colaborador pessoal do chanceler Willy Brandt. Acusam-no de fazer espionagem a favor da República Democrática Alemã.

Meus Deus, que distância nos separava dos antigos *telejornais!* Mas então, como era? Não havia nenhum ministro a discursar? Não havia nenhum subsecretário a cortar fitinhas? Não havia ninguém a dar abraços aos velhinhos e a depor beijos programados nas bochechas dos meninos? Então como era! Onde estavam as reuniões e as sessões em que também esteve presente o nosso presidente de administração? Como era possível haver, debaixo deste rol que o nosso orgulho e o nosso pendão turístico, um telejornal sem a solenidade do Henrique Mendes nem os olhos frios do Pedro Moutinho?

. Belisco-me nos braços. Ainda cá tenho as marcas. Acorda, pá. Não sejas lunático. Andaste para aí uma data de anos a pastar o teu rebanho de sonhos de uma televisão com rosto humano, uma televisão com asas mínimas que lhe retirassem toda a configuração de verme. Andaste nisso e agora pensas que é verdade, o que estás vendo não é a projecção do real, mas a projecção do teu desejo. Aguenta aí um bocadinho e vais ver se não te aparece o José Augusto com o seu vómito maior que a Torre Eiffel, e o Dutra Faria a refocilar na chocarrice impune, e o Barradas a estoirar de cómica agressão...

r O tempo ia passando. Essas imagens constantes de há tantos anos não aparecem. Aparecem mais notícias. A rendição do quartel do Carmo, a P.S.P. que já diz que sim.

E de súbito aquela explosão popular...

TERRA DA FRATERNIDADE

Sinceramente: tudo começa a ser real a partir daí. O povo acotovela os soldados. Toca-lhes. Mira-os com um sorriso. Devora-os. A câmara mostra-o formigueiro no largo, no passeio, nas árvores. Fialho Gouveia chama-lhes «curiosos». Mas não há curiosidade: há participação. A vaga poderosa e tranquila começa a alastrar, a pisar todos os terrenos. Em breve, os próprios tanques desaparecem: estão vestidos de gente. Transformam-se em carne viva através da cidade. Vão como se fossem para a grande festa, para o encontro marcado há muito.

Por MÁRIO CASTRIM

A Televisão, pela primeira vez na sua vida, respira. A mão treme-lhe, como a um ser humano. Nenhuma trucagem, montagem nenhuma. Nem sequer aquela marca em fundo para reforçar as emoções. Nem mesmo aquelas palmas, quando não havia ninguém para as bater. A câmara estremece. O operador João Rocha vai na onda, rola como um seixo. A multidão, nas lentes desfocadas, aparece como uma floresta. É um único rosto. Mal se adivinha: uma terrível força no equilíbrio da Hora.

Assim foi no Carmo. E na Televisão Portuguesa?

. Foi lá a primeira conferência de Imprensa. Presentes, Eduardo Guerra Carneiro, António Perucho, Teresa Monserrate e Joana Godinho, reunidos com o tenente Cerveira. Era a manhã nas suas primeiras horas. Novais Ribeiro, fotógrafo do *Século* conversa com o capitão Teófilo Bento que comandou *a operação TV.*

Referem-se os nomes doutros militares que ocuparam a Televisão: o aspirante Matos, o tenente Santos Silva, o capitão Gaspar, o aspirante Reis, o aspirante Costa, o alferes Geraldes ...

Do pessoal da Televisão, presentes por que quiseram e não por que fossem obrigados, Fialho Gouveia, Fernando Balsinha, Alfredo Tropa que comandou toda a emissão, António Esteves, assistente do *Telejornal*, Fernando Midões, Gomes Henriques, Monteiro, João Soares Louro, João Moreira, Jorge Teófilo, José Gomes, José Augusto Pinto, José Topa, Manuel Filipe, José Manuel Tudela e João Rocha, José Saraiva, Lucinda Gomes, Manuel dos Santos, Maria Teresa Barata, Norberto Santos, Ribeiro Soares, Simões Alberto, Virgílio Frazão, Restituto, Rio Tinto, Valdemar Marques, Armando Fernandes, Anacleto Lopes, Domingos Pimenta, José Viegas Esteves, Alberto Couto e Jorge Soromenho.

Palavras que se registam: *Triunfou o movimento das Forças Armadas e com ele, todos o sentimos, triunfou o povo, o povo, o nosso estóico povo que soube na hora da verdade manter o seu magnífico patriotismo conservando-se aparentemente afastado do movimento, mas apoiando-o pelo sentimento, com o seu enorme coração. Vitória do Movimento das Forças Armadas? Pois claro que sim. Mas a ela se sobrepõe, transbordante de alegria ainda mal contida, a grande vitória do povo. Foi para o dignificar que os nossos bravos militares actuaram. Para se tornarem dignos de preservar as* suas liberdades fundamentais.

A manhã do dia seguinte começara já. Anuncia-se a presença do General António de Spínola. Algum tempo ainda vai decorrer antes que tal aconteça. Há problemas com o estúdio. Sim, porque em dezassete anos a televisão portuguesa não tivera ocasião de alargar o cubículo estreito onde se encafuara.

Aí o temos, numa impressionante serenidade, a ele e aos seus companheiros da Junta. Ao ouvi-lo reafirmar solenemente a certeza de uma vida vivida na dignidade e na liberdade, ao ouvi-lo propor um futuro onde cada português se possa consciencializar e determinar e tomar sobre os seus ombros a sua quota parte de responsabilidade nos destinos da Pátria. Quantos nomes me povoaram a memória! Nomes de povo que, ao longo dos anos, se entregaram ao seu ideal: um futuro sem opressões e sem medos. Nomes de vários credos políticos ou religiosos, que tudo sacrificaram, incluindo a própria vida alguns deles: Bento Gonçalves Alex, Germano Vidigal, Catarina Eufêmia, Ferreira Soares, general Humberto Delgado, José António Ribeiro Santos, Guilherme Costa Carvalho, Dias Coelho, Bento de Jesus Caraça, Soeiro Pereira Gomes, Daniel Teixeira, Abel Varzim, Padre Mário, José Magro, Rogério de Carvalho, Dias Lourenço, Angelo Veloso — e tantos, tantos outros que adquirem, à medida que passa o tempo, maior vitalidade e maior razão.

A madrugada passou, é manhã madura do dia seguinte. Abeiro-me das seis horas. José Afonso canta, na rádio uma vez mais *Grandola vila morena terra de fraternidade...*

Terra de fraternidade...

Três palavras: uma promessa e uma responsabilidade na primeira claridade deste segundo dia de criação do mundo.

DL/NACIONAL

TODOS QUERIAM ASSISTIR AO FIM DO FASCISMO

Às 16 e 43 o capitão Maia dirige-se pelo megafone à multidão que enchia o Largo do Carmo. Diz que no caso de haver algum civil armado deverá retirar-se imediatamente. Minutos depois eram 17 horas, anuncia que se irá proceder dentro de momentos à transmissão de poderes ao general Spínola, dentro do edifício do Quartel. Apela novamente para que a multidão abandone o Largo do Carmo, a fim de que seja possível assegurar a segurança do general Spínola. Os apelos são vãos.

Pedro Coelho dirige-se à multidão aconselhando os presentes à calma, a obedecerem às ordens das Forças Armadas, a manifestarem o seu civismo. Mas ninguém arreda pé, ninguém quer perder o momento em que o prof. Macerlo Caetano abandonará o Quartel do Carmo.

Pouco depois, o dr. Francisco Sousa Tavares trepa para cima de uma guarita da GNR. Através de um megafone, fala à multidão:

«Povo Português! Vivemos um momento histórico como talvez não se viva desde 1640. Fomos libertados! Fomos libertados pelas Forças Armadas! Sem derramento de sangue. As únicas vítimas foram assassinadas pelas PIDE uma das quais junto deste mesmo largo. Todos nós temos sede de justiça, sede de gritar a nossa gratidão àqueles que nos libertaram. Mas é preciso que saiam deste quartel os homens que não queremos. Vós assististes durante o dia inteiro, como eu, aos movimentos das forças armadas. Foi-nos possível estar desde as cinco da manhã ao lado delas, a conquistar a nossa liberdade. Estes soldados estão a pé há dezoito horas, sem descansarem, sem comerem. É necessário que esta praça seja evacuada».

A multidão que enchia o Largo do Carmo e todas as ruas vizinhas, interrompe o dr. Sousa Tavares gritando: «O general Spínola à janela e vamos embora!»

O dr. Sousa Tavares prossegue: «Mas nenhum de nós pode garantir que existam condições de segurança nesta praça. Foi apanhado um PIDE há pouco nesta praça, outros dois foram referenciados. Começamos hoje uma vida nova. Abandonar a praça, obedecer aos pedidos para que abandonemos a praça, é uma maneira exemplar de começarmos uma vida nova!»

A multidão não cede, não arreda pé. O capitão Maia compreende que é impossível, a não ser com o recurso à força, evacuar o Largo do Carmo e as ruas vizinhas. Há lágrimas em muitos olhos. Conhecidos e desconhecidos abraçam-se. Ouve-se constantemente exclamar: «E a hora mais feliz da minha vida. Julguei que morria sem assistir ao fim do regime». Ouvem-se gritos: «Marcelo assassino», «Marcelo fascita». O nome do general Spínola é vitoriado. Os civis confraternizam com os militares, dirigindo-lhes palavras de incitamento e de gratidão. Nunca como neste momento, o Povo e as Forças Armadas se sentiram tão irmanadas.

Surge um enorme cartaz a incitar a multidão a seguir para o Terreiro do Paço, a fim de participar numa manifestação. É a última tentativa de evacuar o Largo do Carmo.

Só depois de a coluna militar abandonar o largo, a multidão desceria, em cortejo, em direcção ao Rossio e à Praça do Comércio.

«REORGANIZAR TUDO

— a tarefa dos portugueses segundo Carlos Lacerda

RIO DE JANEIRO, 26 — (F.P.) — O ex-governador Carlos Lacerda afirmou hoje que «a tarefa que cabe aos portugueses consiste em reorganizar tudo, pois não foi a desordem nas ruas, não foi a anarquia que chegou».

Para Carlos Lacerda a incompetência política de Marcello Caetano ficou demonstrada por não ver o que se passava. O general Spínola, de inegável prestígio nas províncias do Ultramar, afirmava, desde há cinco anos, o que escreveu, há pouco no seu livro «Portugal e o Futuro». Depois deste ter sido editado, Marcello Caetano «quis estabelecer uma opção definitiva entre um programa das Forças Armadas e a ditadura, endurecendo o jogo, quando não tinha condições para fazê-lo».

Foi sobre a realização das eleições em Portugal a última palavra de Carlos Lacerda. A sua convocação representa uma medida da maior importância, mas, a par disso, considera muito mais urgente criar as condições necessárias para a sua realização. Esse trabalho será, talvez, o mais sério a realizar em Portugal onde vai formar-se uma comunidade democrática de língua portuguesa.

O EXÉRCITO PORTUGUÊS FEZ CAUSA COMUM COM OS PROGRESSISTAS — COMENTA A «PRAVDA»

MOSCOVO, 26 — FP) — «O Exército desta vez fez causa comum com os progressistas» — escreve hoje a «Pravda». O órgão oficial do PC soviético observa que «presentemente o exército entrou também na luta proclamando como seu objectivo o restabelecimento das liberdades democráticas e a organização de eleições gerais. Não há dúvida que o regime podre de Marcelo Caetano está concenado.»

Os acontecimentos de Lisboa demonstram — continua o jornal — que «o exército, depois de ter sido o sustentáculo do regime, se tornou agora em seu adversário declarado».

A «Pravda» conclui: «A guerra sem solução que Portugal trava há catorze anos na África, as reivindicações internas de reformas democráticas e a supressão do regime reaccionário que atabafa as liberdades elementares no País, todos estes factores não podiam deixar de provocar é finalmente provocaram o levantamenteo maciço do Exército contra o Governo».

FINALMENTE

A "PIDE" foi ocupada esta manhã pelas Forças Armadas

A tomada da sede da PIDE, naRua António Maria Cardoso, onde se encontravam entrincheiraeos, dsede ontem à noite, mais de duas centenas de agentes daquela Polícia Política, constituiu um dos momentos mais importantes das actividades que hoje se verificaram por parte do Movimento das Forças Armadas.

Muito embora o Governo de Marcello Caetano tivesse capitulado ontem, ao fim da tarde, e quase todos os membros do Governo estivessem sob custódia das Forças Armadas, os elementos da PIDE encerrados nas suas instalações recusavam entregar-se.

Depois dos incidentes da tarde em que alguns agentes da PIDE atingiram a tiro transeuntes que manifestavam o seu contentamento e que provocaram cinco mortes e dezenas de feridos, a intervenção das Forças Armadas começou a evoluir no sentido de dominar por completo aquela Polícia.

O CERCO

Cerca das 2 e 40 começaram a chegar ao local forças de Fuzileiros Navais, enquanto que o Exército, apoiado por duas autometralhadoras que se colocaramna Rua António Maria Cardoso de ambos os lados do edifício da PIDE, começaram a tomar posições cercando a zona. Entretanto, os militares procediam à identificação das pessoas que passavam no local.

Por volta das 3 e 25 chegaram ao local das operações um capitão-de-fragata e um capitão-tenente que passaram a dirigir as operações de cerco.

Dez agentes da PIDE entretanto presos seguiram para o Governo Civil onde foram sujeitos a interrogatórios. Segundo informações recolhidas «revelaram» um excelente espírito de colaboração», confessando tudo o que lhe foi perguntado sobre o que, possivelmente, se passaria dentro do edifício.

A situação mantinha-se inalterável, com a polícia política recusando a rendição, a pretexto, segundo certas declarações, de que receavam o acolhimento da população que entretanto se aglomerara no Largo de Camões e noutras artérias limítrofes. Aliás, numerosos populares aguentaram durante toda a noite até ao desfecho da situação.

Por volta das 5 e 30, dois agentes foram presos no cruzamento da Rua Vítor Cordon com a Calçada do Ferragial quando se preparavam para entrar de serviço. Revistados, foram-lhes encontradas duas pistolas carregadas com balas tracejantes e perfurantes. Tratava-se dos cabos Belchior e Tranca.

A reacção dos opulares presentes não se fez esperar. E ouvia-se gritos de «assassínos» e outras vaias do género. Foram também transportados para interrogatórios. Às 7 e 15 foram presos mais dois polícias.

Entretanto, oficiais dos Fuzileiros informavam que o general Spínola teria telefonado para o coronel Silva Paia, ex-director da PIDE, para que ele se entregasse com o resto dos agentes, a fim de evitar problemas.

Surge também a informação de que uma coluna de Fuzileiros seguirá para Caxias no intuito de tomarem conta do forte e l'bertarem os presos políticos. Efectivamente, uma coluna militar chega por volta das 7 e 30 ao Largo do Chiado e estaciona ali dürante algum tempo partindo, depois, no meio dos aplausos da multidão.

ULTIMATO

Um avião de passageiros passa. São 7 e 40. Lá dentro seguem os ex-membros do Governo para o desterro nas ilhas adjacentes.

Mas a força de Fuzileiros Navais continua a fazer prisões. Desta vez, próximo do Teatro S. Carlos, um indivíduo aproxima-se de um marinheiro, mostra-lhe sub-repticiamente um cartão e diz em voz baixa: — **Sou da PIDE.** Foi preso imediatamente.

Um oficial da Marinha informa os jornalistas presentes que naquele momento, cerca das 8 e 55, um dos agentes detidos iria entregar aos amotinados as condições para se renderem e se assim não sucedesse as Forças Armadas teriam de actuar de outra maneira. Ao mesmo tempo, aquele oficial esclarecia que seria bastante aborrecido tomar uma posição de força, tanto mais que nas traseiras da PIDE existe um hospital.

A RENDIÇÃO

O mesmo oficial informaria às 9 e 30 que a PIDE se tinha rendido. Os acontecimentos começam então a processar-se a ritmo mais acelerado. Às 9 e 35 os jornalistas, que até esse momento tinham estado concentrados junto à Igreja da Encarnação no Largo das Duas Igrejas, são autorizados a avançarem até ao teatro S. Luis, ao mesmo tempo chega uma força do Regimento de Infantaria n.º 1, da Amadora, que se coloca frente ao edifício da PIDE; oito minutos depois, oficiais do Exército entram no edifício; logo a seguir, um indivíduo trajando civilmente, que depois se confirmaria ser da polícia saiu do edifício principal e foi abrir os portões das garagens e de onde saíram cerca de três dezenas de «pides», em coluna de dois, os quais se dirigiram para o edifício principal; na garagem foram encontradas numerosas pistolas além de albergar 18 carros imponentes, alguns com os vidros partidos: às 9 e 46, os elementos do Exército ocupam definitivamente as instalações.

4A população civil envolvia por completo a zona cercada pelos militares. Entretanto, informavam-nos de que os agentes presos seriam transferidos para a prisão de Caxias, tão bem conhecida daqueles elementos, mas em circunstâncias completamente diferentes das que irão agora sofrer.

OS PRESOS DE CAXIAS AINDA NÃO SAÍRAM

Às 2 e 30 da tarde, não tinham ainda saído em liberdade os presos políticos que se encontram no Forte de Caxias. Uma grande multidão de populares, junto do Reduto Norte, aguarda a todo o momento que as questões pendentes se resolvam e que os democratas ali encarcerados, alguns deles, como José Magro, há vinte anos sejam enfim restituídos à liberdade.

Sabe-se que uma comissão de democratas, presidida pelo prof. dr. Francisco Pereira de Moura, está em contacto com a Junta Militar, diligenciando para que não haja regime de excepção em relação a quaisquer presos políticos, estejam eles incriminados por mero delito de opinião, como é o caso da maioria (e alguns até sem culpa formada) ou por acusações de acção directa contra o regime deposto.

A SITUAÇÃO NO FORTE DE PENICHE

Segundo informação telefónica recebida a meio da tarde um funcionário civil da Cadeia Penitenciária de Peniche, ainda não conseguiu a libertação dos presos políticos que ali se encontram.

Cercado o Ministério da Defesa Nacional

Uma coluna blindada, comandada provavelmente pelo comandante Maia, que se destacou ontem nos acontecimentos desenrolados no Largo do Carmo, os quais assinalaram o fim do regime fascistas, cercou o Ministério da Defesa Nacional, na Cova da Mora, supostamente para deter elementos que ali se encontravam. O acesso foi cortado, havendo expectativa, embora o ambiente fosse de calma.

DEZ MIL CONTOS PARA SI?

LOTARIA COMEMORATIVA DA DESCOBERTA DO BRASIL

3 DE MAIO-SEXTA FEIRA

DL/NACIONAL

"Reabertura democratica" esperada por Rui Luis Gomes exilado no Brasil

SÃO PAULO, 26 — (F. P.) — A «reabertura democrática» em Portugal depois do golpe de Estado da madrugada de ontem, é esperada com grande entusiasmo pelo dr. Rui Luís Gomes, actualmente residindo no Recife, exilado no Brasil desde 1962, e professor de Matemática na Universidade Federal de Pernambuco.

Não sabe quando volta ao seu país. Espera que isso aconteça rapidamente para poder participar logo na vida política. Rui Luís Gomes considera o livro do general como tendo sido a estopa que acendeu o espírito revolucionário. Quanto ele, com efeito, «o sentido da luta democrática tem perdurado através dos últimos vinte anos».

«Hoje vejo com emoção os acontecimentos» — confessou.

Um dos maiores problemas que o salazarismo acarretou, disse mais o prof. Rui Luís Gomes, foi o «empobrecimento da economia e a crescente falta de condições para a população se fixar em território português. Não só os operários abandonavam a pátria, mas também os jovens, futuros técnicos, profissionais, estudiosos, líderes. Enfim, os que se sentiam violentados e mutilados pela ditadura.»

Apesar de não conhecer o general Spínola, o prof. Rui Luís Gomes considera que os seus objectivos são os mesmos que os do MND há vinte anos. «Ele combate a continuidade desta guerra que não acabaria nunca e somente solaparia cada vez mais a economia de Portugal. Há décadas que o país vem perdendo economicamente para conseguir não perder as colónias na África.»

Entretanto em Campinas, onde existe uma das maiores colónias portuguesas de São Paulo, com dez mil portugueses natos, a queda do Governo Caetano não alterou a rotina.

O vice-cônsul José Martins de Oliveira soube o que se passava pelasrádios e pelos jornais. E montou um sistema de informações para atender os seus compatriotas que queriam informar-se. A maior preocupação era com os parentes e com as remessas de dinheiro que estariam congeladas nos dois sentidos por tempo indeterminado.

COMUNICADO ÀS 12 E 30

Desactivação da D.G.S.

«Segundo as últimas notícias, chegadas ao Comando do Movimento das Forças Armadas, a situação em todo o País está normalizada. Repetimos: a situação em todo o País está normalizada.

As tropas que se encontram ainda nas ruas, fazem-no apenas para consolidação da situação.

Acrescenta-se que está já em curso a desactivação da D.G.S. Quaisquer outras notícias que circulam podem e devem ser consideradas boatos.

Todas as informações são emanadas pelos meios de comunicação».

Reaberta a Associação de Estudantes do I. S. T.

Recebemos por intermédio da Direcção da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico o seguinte comunicado:

«Os estudantes do Instituto Superior Técnico informam a população do País de que, ao abrigo do programa de reinstauração das liberdades públicas proclamado pelo Movimento das Forças Armadas reabriram por sua própria iniciativa as instalações da Associação de Estudantes, encerrada pelo antigo regime em 25 de Julho de 1973, contra os interesses das massas estudantis de todo o país e de todo o Povo Português.

Foi também abolido pelos estudantes o controlo das entradas no Instituto e ficou convocada uma reunião de estudantes para amanhã, sábado, 27 de Abril, às 12 horas».

ÀS 18 HORAS

Manifestação de regozijo no Rossio

O Movimento Democrático CDE convoca a população para uma manifestação no Largo do Rossio, às 18 horas, de regozijo pela queda do Regime fascista em Portugal.

A PIDE DO PORTO TAMBÉM SE RENDEU

PORTO, 26 — Forças do Regimento de Artilharia Pesada n.º 2, Polícia Militar e Lanceiros 2, adidas ao Quartel-General, cercavam esta manhã o edifício da D.G.S. nesta cidade.

A população, que se concentrou em massa nas imediações do local, a ponto de ter sido necessário um cordão de segurança para a conter, ofereceu aos militares milhares de cravos vermelhos e brancos, que ostentavam na lapela.

A Pide — D.G.S. desta cidade rendeu-se a meio da manhã. Ao meio-dia, avançou uma força do C.I.C.A. 1 para dissolver a PIDE, fazer a tiragem dos presos e garantir a segurança dos agentes, ameaçados por milhares de pessoas que aguardam a sua prisão.

SEJA MONITOR DA SUA PROFISSÃO!

Ser Monitor da sua profissão é um modo de transmitir aos outros os seus conhecimentos. O Serviço de Formação Profissional tem para si um lugar de Monitor nestas especialidades:

— Trolha-Estucador
— Trolha-Ladrilhador
— Cofragens e Armaduras
— Carpintaria da Construção Civil
— Pintura da Construção Civil
— Canalização
— Marcenaria
— Desenho da Construção Civil
— Pedreiros
— Operários da Construção Civil
— Serralharia Civil
— Torneamento
— Carpintaria de Moldes
— Mecânica Auto
— Soldadura Electro-Arco
— Desenho de Máquinas
— Pintura de Automóveis
— Fresagem
— Ajustagem
— Bate-Chapas
— Ajudante de Motorista Marítimo
— Electricidade B. T.
— Electricidade Auto
— Electrónica
— Escriturário-Dactilógrafo
— Electricidade de Instalações Industriais
— Reparação de Máquinas Agrícolas
— Soldadura a Argon

Informe-se e inscreva-se até ao próximo dia 1 de Maio em qualquer Centro do

SERVIÇO NACIONAL DE EMPREGO

OFERECE-SE

Vencimentos iniciais a partir de 6 670$00

Subsídios diários de 100$00 durante as provas teóricas e práticas

e outras Regalias Sociais

CRUZEIROS NO FUNCHAL

• TOTALMENTE REMODELADO!
• CLASSE ÚNICA A BORDO!
• SERVIÇO DE 1ª CLASSE!

A maior série de cruzeiros no melhor paquete português

MADEIRA · AÇORES
MARROCOS · CANÁRIAS

PARTIDAS:

ABR.	9-23	AGO.	13-27
MAI.	7-21	SET.	10-24
JUN.	4-18	OUT.	8-22
JUL	2-16-30		

9 DIAS DESDE 6.300$

RESERVAS E INFORMAÇÕES

abreu

Fundada em 1840

LISBOA: Av. da Liberdade 160 • Telefs. 32 00 21 (15 linhas)
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telefs. 3 79 21 (15 linhas)
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 27011 e 27012

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no Café Havaneza PRAIA DE SANTA CRUZ (Torres Vedras)

DL/NACIONAL

A SEQUÊNCIA DO ATAQUE A CAXIAS

O assalto à prisão de Caxias era o último objectivo depois de Monsanto. Durante toda a noite no PC instalado no Rádio Clube Português vive-se com ansiedade esse momento. Os oficiais que ali se encontram querem ir lá e durante cerca de três horas tentam convencer o Comando a autorizá-los. Há no entanto o receio de represálias da Pide mas um telefonema do director da prisão — inspector Parra da Silva — dissipou esses receios. E ele próprio que pede a presença das tropas para entregar os presos e os valores que tem à sua guarda. O director da prisão refere que há muitos familiares de presos nas imediações de Caxias e ele receia a ira da multidão.

Às duas da madrugada muitas famílias aguardavam efectivamente em Caxias que a prisão fosse assaltada. Entretanto no PC do Rádio Clube Português continuam a ser recebidos telefonemas de Caxias. É evidente o terror do director da prisão que teme as reacções das pessoas que se encontram nas imediações. Os oficiais que se encontram no Rádio Clube Português solicitam mais uma vez ao comando para os autorizar a irem a Caxias ocupar a prisão. Há uma ordem pouco clara em que o Comando parece autorizar essa pretensão desde que consigam reunir eles próprios uma pequena força de combate. Esta força surge dentro de poucos minutos. Cerca de duas dezenas de soldados de Caçadores 5 plenos de entusiasmo querem marchar sobre Caxias mas uma contra ordem refere que devem ser os pára-quedistas a efectuar a operação juntamente com fuzileiros navais. Amanhece e junto à prisão dezenas de pessoas esperam ansiosas.

Entre elas podia ver-se o dr. Manuel João Palma Carlos.

Às 7 e 50 chegam finalmente quatro companhias de paraquedistas que se dirigem imediatamente para a prisão. Os guardas não oferecem qualquer resistência. Permanecem nos seus postos para evitarem a entrada de civis mas não disfarçam um extremo nervosismo. Às 8 e 15 os pára-quedistas tomam conta do forte sem problemas ao mesmo tempo que procedem à prisão e desarmamento de elementos da Pide. Cerca de 15 minutos depois chegou a Marinha. Os fuzileiros vêm armados com muito material incluindo bazookas.

Se alguém tem vontade de os tirar de lá somos nós — exclama um segundo tenente. Nos canos das metralhadoras vêem-se cravos encarnados que pelo caminho lhes foram oferecidos. Pouco depois os elementos da Marinha identificam os representantes dos órgãos da informação e é-lhes facultado o acesso ao interior da prisão já ocupada pelos paraquedistas. Para o capitão Mário Pinto, que os comanda, há também motivos de emoção: *O meu pai também esteve cá dentro em 1938...*

Vários «pides» presos pelas Forças Armadas.

O MPLA está disposto a iniciar o diálogo

BRAZZAVILLE, 26 — (R.) — Guerrilheiros nacionalistas africanos em Angola aumentarão a sua acção armada contra tropas portuguesas se a nova junta militar em Lisboa não modificar a política colonial de Portugal, segundo afirmou hoje nesta capital Lúcio Lara, representante do Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA).

Em declarações prestadas à Reuter, Lara disse que se não se registasse qualquer mudança política, «aproveitaremos a vantagem da situação em Portugal para resolver a questão de Angola vibrando ainda golpes mais duros ao Exército português».

Notou que duvidava que os novos dirigentes militares de Portugal alterassem a política colonial «porque continuam a falar de portugueses de todas as raças».

Lara prosseguiu asseverando que o único mérito que o MPLA atribuía ao general António de Spínola, chefe da Junta Militar, era a de ter «previsto a derrota do exército português na Guiné-Bissau, em Moçambique e Angola».

Ao ser-lhe perguntado se o MPLA negociaria com a Junta respondeu: «Desde que a nossa personalidade seja respeitada, estamos sempre dispostos a iniciar um diálogo».

Os exilados políticos podem regressar

— afirmou o gen. Spínola na primeira Conferência de Imprensa

Sob a presidência do general António de Spínola, a Junta de Salvação Nacional deu hoje aos órgãos de Informação a sua primeira conferência de Imprensa no Regimento de Infantaria 1, na Pontinha, unidade em que desde o princípio esteve instalado o Quartel-General do Movimento das Forças Armadas.

O general Antonio de Spínola começou por agradecer à Imprensa a forma patriótica como acompanhou o Movimento e anunciou a abolição da Censura à Imprensa em Portugal. Passou depois a responder a perguntas dos jornalistas nacionais e estrangeiros. Sobre a liberdade dos partidos políticos em Portugal, o general respondeu que tudo leva a crer venham a ser autorizados movimentos políticos como, por exemplo, o partido socialista e a CDE.

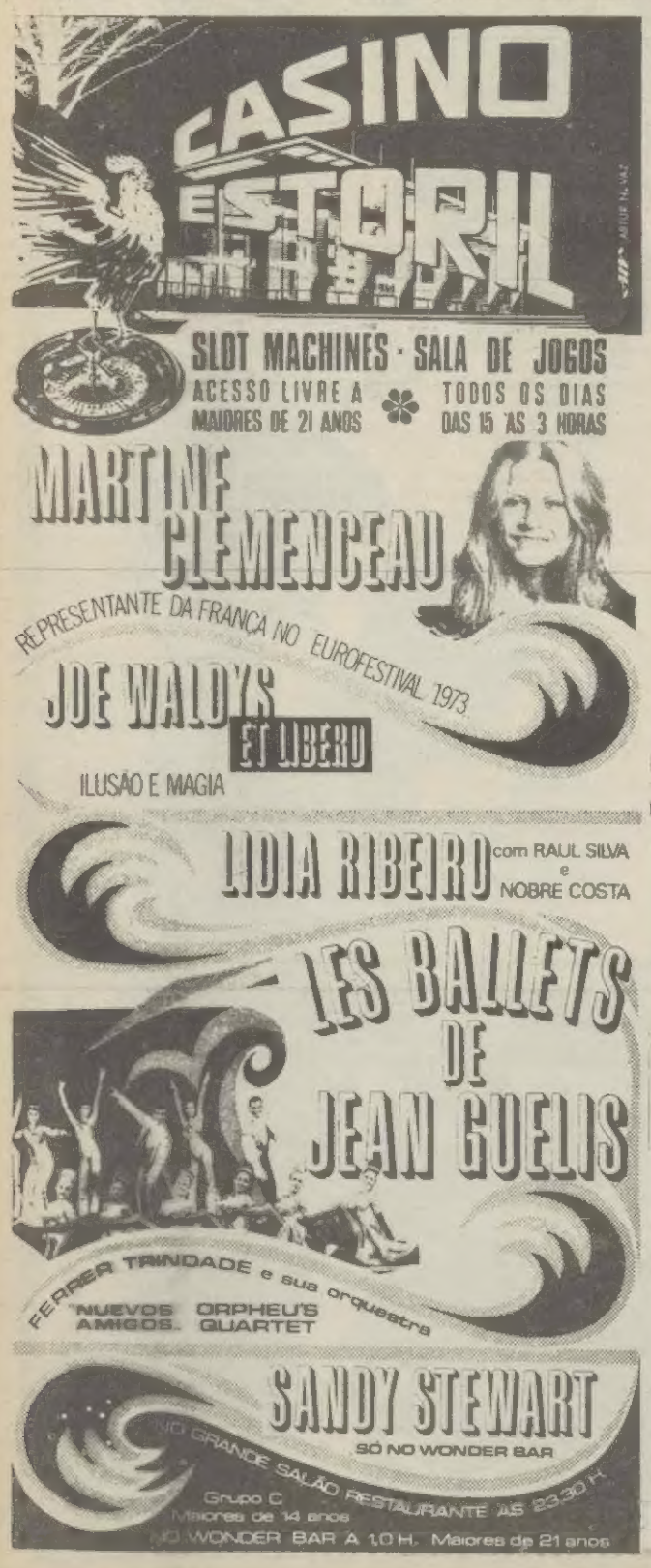
A um jornalista que quis saber quem era o líder do Movimento, o presidente da Junta respondeu que ele próprio não sabia, sublinhando que se trata de um movimento colectivo das Forças Armadas.

Informou que as notícias relativas aos acontecimentos foram publicadas sem qualquer censura, o que continuará a acontecer. No entanto, acrescentou que, dentro de pouco tempo, os órgãos de Informação receberão indicações a este respeito.

Interrogado sobre se tenciona estabelecer contactos com os dirigentes da guerrilha que actuam nos territórios africanos sob administração portuguesa, o general apenas respondeu: «Neste momento, não».

Especialmente importante foi a afirmação feita pelo presidente da Junta de Salvação Nacional de que os portugueses refugiados no estrangeiro por motivos políticos poderão regressar ao País, abrangidos pelas medidas de amnistia também referentes aos presos políticos.

A culminar a conferência de Imprensa foi lido e entregue aos jornalistas o texto do programa da Junta de Salvação Nacional, que publicamos noutro local.



DL/NACIONAL

EMOÇÃO E ALEGRIA NO FORTE DE CAXIAS

A partir deste momento já não dou ordens — assim respondeu o director da prisão da PIDE, em Caxias, quando uma enfermeira que ali se encontrava, pediu autorização para abandonar o local.

Momentos depois, o director abandonava o edifício sob escolta. Alguns elementos da PIDE-DGS também foram ali detidos. Os pára-quedistas e fuzileiros autorizaram então os orgãos da Informação a entrar no pátio.

Estabeleceu-se imediatamente diálogo entre jornalistas e os detidos. Ali estavam alguns colegas. O Fernando Correia acenava entre as grades. O Figueiredo Filipe numa outra janela. Todos queriam saber o que se passava. «Albano Lima, onde está o Albano Lima?» — perguntavam. Também ele aparece. No sector reservado às mulheres começam a aparecer panos vermelhos. Entoam-se hinos.

Elementos das Forças Armadas informaram, minutos mais tarde, que os presos iriam sair para o pátio em etapas, para evitar a confusão.

Cenas indescritíveis passaram-se em seguida. *Já fizeste as malas»...* perguntavam de umas celas para as outras. Mostravam os sacos de plástico com as roupas. *E a barba? Tens que aparecer bonito!* — diziam outros.

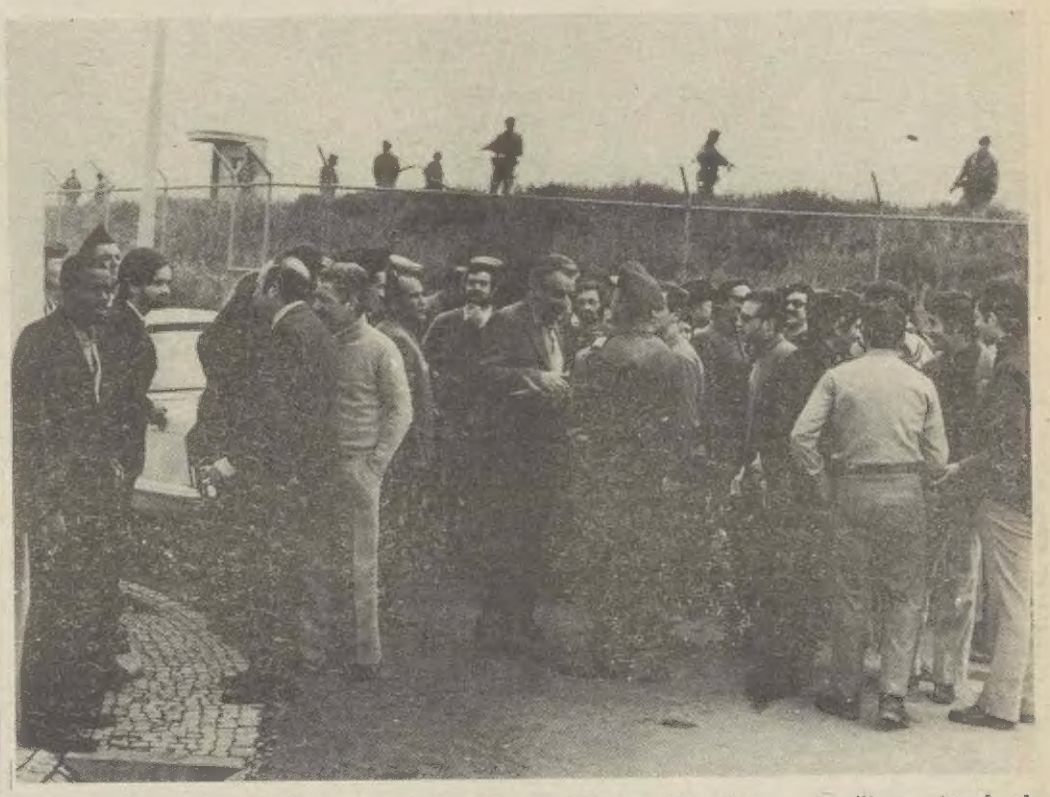
Começaram a sair os primeiros detidos. Verdadeiras cenas de emoção. Sérgio Ribeiro foi um dos primeiros a aparecer. Cansados. Felizes. Abraços mesmo á desconhecidos. Forças Armadas, de cravos vermelhos nos canos das armas estabelecem um cordão, enquanto elementos da Guarda Nacional Republicana aguardavam ordens no interior de um dos pavilhões.

A nosso lado, um homem abraça-nos. Trata-se de José Cardoso. *Imagine, andei 15 anos na clandestinidade. Principalmente no centro do País. No domingo fui apanhado numa reunião e agora já cá estou fora. Quase que não acredito. Parece um sonho.* Dirige-se a toda a gente. Conta este facto com entusiasmo. *Quinze anos na clandestinidade e apenas quatro dias preso.*

Alguns mostram-se reservados. A emoção impede-os de falar. É o caso de João Resende. Mantém-se afastado. Abraça-nos. *Estou aqui há mais de cinco meses. Fui detido precisamente no dia 19 de Novembro. Pensava que ia estar aqui durante muito mais tempo. Vale a pena ter vivido para ver isto* — afirma-nos.

Entretanto, no cruzamento da auto-estrada, familiares aguardavam a sua saída. Estiveram ali durante toda a noite...

Reencontro: em Caxias, o pai (oficial do Exército) abraça o filho, preso político.



Presos políticos (em Caxias) conversam esta manhã com jornalistas e familiares depois de serem libertados

O INSTITUTO INTERNACIONAL DE IMPRENSA E A SITUAÇÃO EM PORTUGAL

O Instituto Internacional de Imprensa, com sede em Zurich, enviou esta manhã ao nosso camarada NunoRocha, o seu membro em Portugal, o seguinte telegrama:

«Peça favor transmita poderes estabelecidos o telegrama seguinte: o Instituto Internacional de Imprensa de Zurich saúda a promessa de restituição das garantias constitucionais e solicita libertação imediata dos jornalistas encarcerados, Fernando Correia, Alvano Lima, Mário Henrique Leiria, Mateus Branco e Lino de Carvalho». O telegrama é assinado pelo secretário-geral do Instituto Internacional de Imprensa Ernest Mayer. Esta manhã foi já enviado um telegrama para Zurich dizendo que aqueles jornalistas se encontram em liberdade.

Opinião africana

NAIROBI, 26 (R) — Os acontecimentos em Lisboa arrancaram uma das pernas do banco racial no qual se achavam sentados confortavelmente há tanto tempo a Africa do Sul, Rodésia e Portugal, segundo afirma hoje o «East African Standard».

Num editorial, o jornal diz que o Malawi deve também encarar seriamente a situação.

Tendo mantido ligações com a Africa governada por brancos em face de, por vezes, tempestuosa oposição por parte de Estados africanos idependentes, o Malawi poderá agora achar-se fisicamente isolado.

«Se, como parece possível, a nova Junta em Portugal adoptar uma atitude mais liberal em relação aos territórios africanos, então o sr. Vorster e o sr. Smith deverão ser homens preocupados, especialmente o último, que tem dependido muitíssimo das ideologias da supremacia branca de Portugal para assegurar a passagem do seu comércio ilegal através do porto da Beira e, confessadamente com menos facilidade, por intermédio de Angola.

«O golpe de Estado em Portugal poderá fazer com que os brancos na Africa Austral pensem maduramente acerca da sua própria situação. E provável que tenham perdido um poderoso aliado» — acrescenta o «East African Standard».

Comunicações suspensas

MADRID, 26 — (F.P.) — As comunicações aéreas entre a Espanha e Portugal continuavam esta manhã suspensas. Mantêm-se igualmente encerrados os postos fronteiriços, aguardando numerosos jornalistas a sua reabertura, designadamente em Caia.

O GRANDE CASINO PENINSULAR

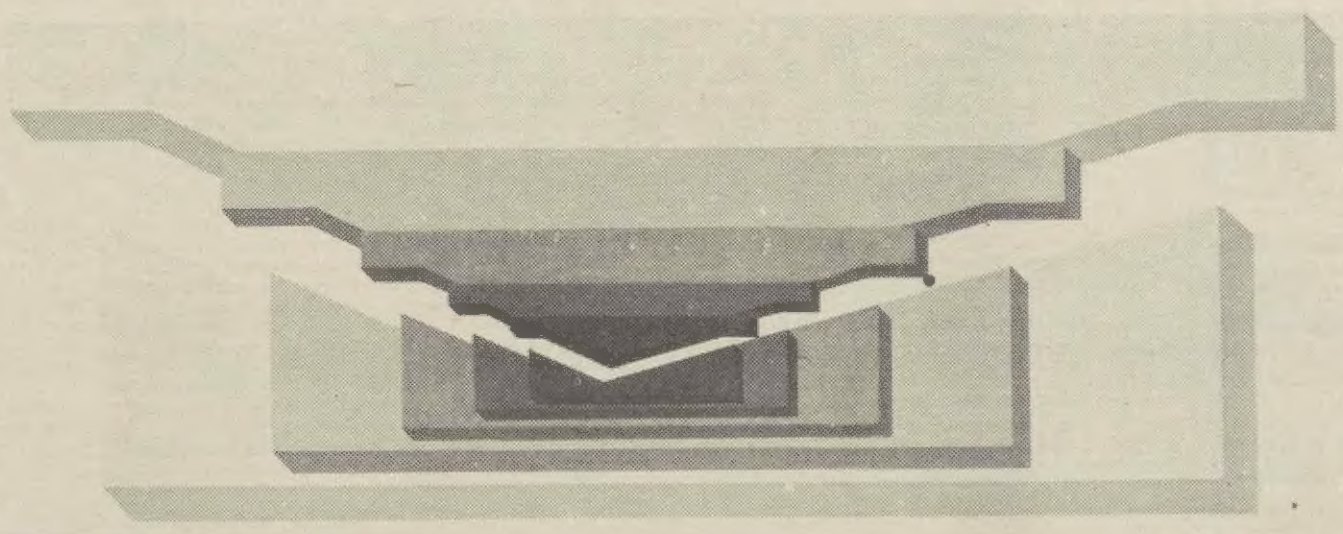
DA

FIGUEIRA DA FOZ

abre NO DIA 1 DE MAIO DE 1974

SOLIDAMENTE ASSENTES EM ACTUAIS CONCEITOS DE GESTÃO, PROJECTAMOS FUTURO

PROJECTAMOS, CONSTRUIMOS, COMERCIALIZAMOS,



MACRO SOCIEDADE DE ESTUDOS E PROMOÇÃO IMOBILIÁRIA, S.A.R.L. Rua do Arco do Carvalhão 1-2 Dto LISBOA 1 Telef. 65 75 20

Grande manifestação popular e criminosa reacção da PIDE

Já libertados, alguns detidos da prisão da Pide de Caxias conversam com os jornalistas, autorizados a entrar no pátio. Entre eles, vê-se o nosso camarada de redacção Fernando Correia (de óculos).

Largas massas populares de Lisboa exprimiram as suas mais fundas pretensões políticas nas vibrantes manifestações saídas da explosão de entusiasmo que se seguiu ao núncio da vitória do movimento militar.

Milhares e milhares de jovens operários, empregados e estudantes marcharam do Largo do Carmo em direcção ao Terreiro do Paço onde se julgava que o novo regime apresentaria uma proclamação. A multidão desceu correndo as ladeiras e escadas que levam do Carmo aos Restauradores, gritando «Abaixo a Guerra Colonial», «Liberdade» e «Vitória» e arrastando consigo, além de muitos soldados que trabalharam na insurreição, as centenas de populares que se apinhavam nas varandas da estação do Rossio e nos passeios dos Restauradores.

À entrada da Rua do Ouro, cuja estreiteza favoreceu a concentração dos manifestantes, o grito «Guerra do Povo à Guerra Colonial» redobrou de vigor, seguindo-se-lhe o de «Socialismo» e depois os de «Liberdade, Pão, Paz, Terra, Democracia e Independência Nacional».

Quando o desfile chegou ao Terreiro do Paço, e verificando-se que não seria ali a proclamação do novo regime, dividiu-se em dois grandes grupos: o mais numeroso seguiu para o Cais do Sodré, enquanto alguns milhares de manifestantes tomaram o caminho de Santa Apolónia.

Centenas de pessoas que se encontravam entre a Praça do Comércio e o Cais do Sodré, e sobretudo nesta praça, foram contagiadas pelo entusiasmo da multidão que avançava por ali, lançando «vivas» aos movimentos de libertação e gritando com convicção que «os povos irmãos das colónias vencerão». Ao mesmotempo, os cartazes de Moçambique com os dizeres «Praias de sol, praias de sonho», eram arrancados com raiva das paredes dos prédios.

Subindo a Rua do Alecrim, a multidão continuou a gritar «Socialismo» frequentes saudações e organizações políticas. O grito foi repetido até ao Chiado, para onde cerca de mil pessoas se dirigiram após passarem pelo Camões, e onde uma surpresa desagradável os esperava.

A D.G.S. AINDA MATOU

Com efeito, a sede da D.G.S. não tinha ainda sido tomada pelo Exército. Eram 19 horas. Uma multidão, composta por cerca de um milhar de jovens, desceu a Rua António Maria Cardoso e concentrou-se em volta do edifício da D.G.S. com ar ameaçador, embora não possuísse outras armas que não fossem as mãos e os gritos de ódio contra aquela instituição: «Morte à P.I.D.E.», «Assassinos».

Foi então que de uma das janelas do edifício partiram várias rajadas de pistola-metralhadora. Muitos dos manifestantes não se aperceberam imediatamente do que se passava, acreditando que os tiros tinham sido disparados para o ar. Mas quando viram alguns dos seus companheiros tombarem no chão, compreenderam que a repressão e o assassínio por parte da D.G.S. continuaram até ao último momento de vida da instituição.

Retrocedendo alguns metros, para salvaguardar as suas vidas, os manifestantes não desistiram. Enquanto as ambulâncias se aproximavam do local para transportar os feridos ao hospital, onde dois jovens viriam a morrer, um esquadrão de Cavalaria 3, de Estremoz, aproximava-se do edifício, aclamado pela multidão, que exigia às tropas o assalto à D.G.S. O esquadrão, composto por duas colunas com dois tanques, tomou posição nas ruas de acesso à sede da D.G.S., apontando as armas ao edifício.

A multidão voltou a aproximar-se do local onde fora repelida a tiro, clamando aos soldados para que interviessem rapidamente. No entanto, o que se lhes deparou pouco depois, foi o aparecimento de um corpo de forças de choque da P.S.P. no Largo do Picadeiro, prontas a avançar. Um oficial anunciou, através do megafone, que a P.S.P. tinha aderido ao movimento militar e que o general Spínola a havia encarregado de «limpar as ruas de Lisboa».

A multidão não aceitou a pretendida intervenção destes agentes. «A P.S.P. tem feito muitas mortes», gritava-se da Rua dos Duques de Bragança. A certa altura, acreditou-se que o capitão Maltês, sobejamente conhecido na repressão às manifestações anteriores, comandava as forças de choque. Gritos de «assassino» caíram, então, sobre o Largo do Picadeiro, onde a P.S.P. se manteve, não chegando a intervir.

As armas do Exército continuavam apontadas à sede da D.G.S. A situação parecia ser de impasse, quando um dos seus agentes saiu à rua, com as mão no ar, dirigindo-se aos soldados. Enquanto estes o revistavam, a multidão clamava pela sua morte. Apavorado, o agente temiou fugir, só se detendo quando uma bala do Exército o atingiu mortalmente.

Quando os bombeiros se aproximaram para retirar o corpo, a multidão formou uma barreira à sua passagem, gritando «Os PIDES morrem na rua». Eram perto das 21 e 30.

Dez minutos depois, outros três agentes da D.G.S. abandonaram o edifício com as mãos no ar, tendo sido imediatamente detidos e revistados pelos militares. Enquanto permaneciam encostados à parede, vigiados pela tropa, alguns manifestantes tentavam arrancar pedras da calçada para as lançar sobre eles. Mas o Exército impediu qualquer represália popular.

Cerca das 21 e 50, outro indivíduo era detido enquanto se abrigava numa porta do antigo cinema Chiado-Terrasse, onde esboçou o movimento suspeito de sacar de uma arma. Revistado, verificou-se que efectivamente possuía uma arma de guerra. Depois de interrogado pelo comandante do esquadrão, foi preso.

A pedido dos militares, a multidão começava a recuar para os largos do Chiado e do Camões. Muitas pessoas ali permaneceram até depois das 23 horas, não obstante a chuva que engrossava. A certa altura, militares que formavam o cerco afirmaram que a D.G.S. começava a render-se e que os seus agentes ficariam ali detidos. No entanto, muitas pessoas viram alguns agentes escaparem-se pela Rua Nova Garrett, que não se encontrava guardada por tropas. Perante o aviso dos populares, e depois de recebido reforço, o tanque que se encontrava à entrada dos Duques de Bragança avançou para a Rua Victor Cordon, fechando finalmente o cerco à D.G.S. Passava da uma e meia.

Durante toda a noite, centenas de pessoas permaneceram nas imediações do local, esperando a tão desejada rendição. Mas esta só viria a verificar-se pela manhã.

Entra no quartel do Carmo o carro blindado em que sairia, escondido, Marcelo Caetano

Um elemento da PIDE-DGS ao ser detido por militares do Movimento, no Chiado

As operações no Porto

A movimentação das forças militares começou a ser notada na cidade do Porto, logo às primeiras horas da manhã de ontem quando as pessoas se dirigiam para os seus empregos, verificaram que algo de anormal se passava, dado que em diversos pontos da urbe estacionavam tropas e viaturas, colocando-se estrategicamente. Pouco depois e através dos comunicados difundidos pela rádio, a população começou a aperceber-se da situação.

A partir das 3 horas da madrugada as tropas revoltosas começaram a convergir para o norte. Uma companhia do batalhão de Caçadores 5, de Viana do Castelo, chegou aos limites da cidade por volta das sete horas, passando desde logo a controlar as ligações para Braga e Viana do Castelo e ocupando o Aeroporto de Pedras Rubras. As viaturas que se dirigiam para a cidade passaram a ser revistadas e os seus ocupantes identificados. No Aeroporto, as forças policiais ali em serviço foram desarmadas e identificados os respectivos elementos.

As entradas da cidade (pontes D. Luís e da Arrábida) passaram também a ser controladas pelas tropas. Para o quartel general, subindo a Rua da Boavista dirigiram-se tropas do M.I.C.A. 1, que o cercaram.

O general - comandante e o segundo comandante, respectivamente, general Martins Soares e brigadeiro Oliveira Barreto, ficaram sob vigilância daquela unidade. Entretanto as tropas comandadas por oficiais de unidades do Porto, ocuparam as instalações do Rádio Clube Português, na Rua Tenente Valadim (Estúdio) e em Miramar (emissor). Os estúdios do Monte da Virgem, da Rádio Televisão Portuguesa foram cercados por comandos vindos de Lamego. Tropas do Regimento de Cavalaria 6 saíram do quartel de manhã cedo e postaram-se na Avenida dos Aliados e Praça do Município, com autometralhadoras «Panhard», conservando-se ali algum tempo com um canhão apontado ao edifício da Câmara Municipal. Mais tarde este dispositivo retirou.

Segundo o oficial de dia do quartel general do Porto, esta manhã as tropas estão a retirar gradualmente dos sítios que ocupavam.

A situação na via pública é normal. Contudo a vigilância policial continua a ser feita pela Polícia Militar. O serviço de trânsito já está totalmente regularizado e é feito por agentes da secção de Trânsito da P.S.P.

Embora o comércio esteja hoje aberto, os bancos estão encerrados ao público.

Por sua vez, as forças de comandos que fizeram a ocupação do Rádio Clube Português deixaram um pelotão de guarda àquelas instalações e a meio da tarde de ontem, marcharam para a Chenop a fim de reporem o abastecimento da energia eléctrica àquela estação uma vez que aquela empresa havia cortado a corrente. Essa interrupção verificou-se cerca das 10 horas, quando inesperadamente o Rádio Clube Português, porta-voz do Movimento se deixou de ouvir no Porto.

Por outro lado, sabe-se que o governador civil do Porto, recentemente empossado, o conselheiro Mário Valente Leal, havia partido para Lisboa. Por seu turno, o presidente da Câmara, eng. Vasconcelos Porto conservou-se nos Paços do Concelho trabalhando toda a manhã no despacho do expediente.

Às 19 horas de ontem um grupo de populares que se encontrava na Avenida da Liberdade arremessou pedras ao consulado da Africa do Sul, destruindo as vidraças do edifício da Embaixada. Também o «stand» da Fiat e o da Ford Lusitana, na mesma avenida, foram danificados. A delegação do Ministério da Economia, nesta cidade, foi igualmente alvejada com pedras por populares.

Da delegação da D.G.S. destacta cidade, foram libertados quatro indivíduos presos por uma agitação em Matosinhos. Eram acusados de distribuição de panfletos. Saíram sob caução nos termos da lei.

MANIFESTAÇÃO DE APOIO

As Forças Armadas da Região Militar do Porto, estacionadas no quartel general, na Praça da República foram ontem, às 20 horas, alvo de uma entusiástica manifestação popular.

Constantemente vitoriados pela multidão, os oficiais que se encontravam no interior do edifício, vieram à varanda principal agradecer a manifestação, tendo em circunstância o coronel Passos Esmeriz proferido breves palavras. No final, a multidão entoou em coro o Hino Nacional.

SITUAÇÃO DOS HOSPITAIS

As medidas de prevenção adoptadas durante o dia de ontem, nos hospitais centrais da cidade, S. João e Santo António, com o recrutamento de médicos e enfermeiras, foram aliviadas ao princípio da madrugada de hoje, e esta manhã a situação era da maior normalidade.

A rendição de Marcelo

Milhares de pessoas no Largo do Carmo aguardavam com ansiedade o desfecho do cerco ao Quartel da G.N.R. Sabia-se, há muitas horas, que Marcelo Caetano se encontrava no interior. Quinze horas, dezasseis horas. Precisamente às 16 e 5, surge no recinto o director do Serviço de Informação e Turismo, dr. Feytor Pinto. Acompanha-o o dr. Nuno de Távora, chefe de gabinete do dr. Pedro Pinto.

Diz o dr. Feytor Pinto para um soldado:

«Quero falar com o comandante das tropas do cerco.»

É logo conduzido à presença do capitão Salgueiro Maia, da Escola Prática de Cavalaria.

«Sou portador de uma mensagem para o prof. Marcello Caetano — afirma — Talvez seja uma plataforma de entendimento.»

Os dois funcionários da SEIT são conduzidos ao Quartel.

Às 16 e 21 o dr. Feytor Pinto abandona a G.N.R. com o dr. Nuno de Távora.

Dirigem-se ao capitão Salgueiro Maia e dizem-lhe:

«Vamos a casa do general Spínola.»

Às 16 e 38, os dois homens estão perante o ex-governador da Guiné. Afirmam-lhe que são portadores de uma mensagem do prof. Marcello Caetano: o então ainda Presidente do Conselho entrega-lhe o comando das tropas para que o poder não caia na rua.

Telefonema entre Marcello e Spínola: o prof. Caetano garante ao general do monóculo que o Governo de sua chefia se lhe entregava.

É então que o general Spínola, num «Peugeot» negro, se dirige para o Quartel do Carmo. A multidão rompe com o cordão dos soldados e cai, aos aplausos, sobre o automóvel.

Logo a seguir ouve o Hino Nacional.

O tempo vai passando — e às 19 e 25 Marcello sai no blindado Chaimite, acompanhado, ao que parece, por três ministros do seu Governo.

Ainda o carro-fortaleza que serviu a Marcelo Caetano para deixar o quartel do Carmo, após total rendição ao general Spínola

No Algarve

FARO, 26 — A vida normalizou-se hoje nesta cidade, continuando a população a escutar com interesse as emissões da rádio. Entretanto, nos quartéis, as forças militares continuam de prevenção.

Na manhã de ontem, o Emissor Regional do Sul, que logo após a eclosão do Movimento, passou a retransmitir o noticiário de Lisboa, começou a dar apenas música, por intercessão das forças da reacção. O público privado de acompanhar o desenrolar dos acontecimentos da capital, recorreu avidamente às emissões do estrangeiro.

Os bancos, ontem e hoje, mantêm-se encerrados.

A jornada do Largo do Carmo

Era meio-dia de ontem e havia já muitas horas que toda a cidade se tinha dado conta do que estava a suceder: um golpe militar ia destituindo, minuto a minuto, o Governo de Marcelo Caetano.

Assim, pois, quando três carrinhas cheias de fuzileiros navais subiram a Rua do Alecrim e se aposentaram da Rua António Maria Cardoso, foi (pode dizer-se) um autêntico delírio.

Toda a multidão que se concentrava na zona de Chiado correu para as carrinhas, vitoriou os fuzileiros, e quis de imediato avançar para a DGS.

«Calma, calma» — aconselharam os fuzileiros.

«Mas vão assaltar a DGS?» — perguntava toda a gente.

Uma informação seca, mas sorridente:

«Estamos aqui a cumprir ordens.»

Minutos depois, um grupo de fuzileiros entrava na DGS — e alguns agentes foram saindo sem, como dissemos ontem, «qualquer aparato profissional.»

Entretanto, uma nova surpresa: blindados e outras viaturas militares cresciam pela Rua do Alecrim e tomaram a direcção do Largo do Carmo. Toda a população presente se «abraçou» às viaturas, dando vivas aos soldados e subindo para o aço blindado.

Foram uns minutos de festa. Jovens e velhos dançavam, batiam palmas, dirigiam palavras amistosas aos soldados. Estes, extenuados, correspondiam estendendo as mãos e pedindo «alguma coisa para beber».

Mas todos os estabelecimentos estavam fechados. Era difícil arranjar de beber e de comer. A solidariedade, no entanto, concretizou-se e em breve apareciam garrafas de sumos, de cerveja, de líquidos restauradores...

Todas essas viaturas se foram colocar, numa longa fila, e em posição de fogo, em frente ao Quartel do Carmo, onde a GNR, com o prof. Marcello Caetano sob a sua protecção, se mantinha indiferente ao movimento exterior das tropas.

Um oficial, cuja patente não nos foi possível verificar, disse o que a coluna rebelde pretendia. Empunhava um megafone e repetia constantemente uma palavra de ordem. Mas...

Mas as portas do Quartel do Carmo mantinham-se cerradas. Nenhuma resposta vinha da GNR. «Ataquem» — pedia o povo. As tropas, sempre em posição de fogo, mantinham uma calma soberba. Assim estiveram cerca de uma hora.

Através das viaturas, a população tendo como fundo o Teatro da Trindade. Súbito — um arrepio. A Guarda Nacional Republicana surgiu, também muito calma, ao longo da parede do teatro.

«As tropas estão encurraladas!»

Este grito nós a multidão em debandada. Todos os portais que se encontravam abertos foram inundados, subidas as escadas até aos últimos andares. Com receio, os inquilinos mantinham as portas dos andares fechadas.

Que se estaria a passar?

As pessoas encurraladas nos portais e escadas não se atreviam a sair para a rua. Temiam a GNR.

Três quartos de hora depois (seriam 13 e 45) um oficial das tropas rebeldes começou a percorrer os portais-esconderijos pronunciando as seguintes palavras:

«Saiam ordeiramente. Não insistem a GNR. Estamos em conversações.»

Quando as pessoas saíram dos portais, quatro a quatro, verificaram que as tropas e o corpo da GNR que tinha surgido junto do Teatro da Trindade se olhavam sem hostilidade. A resistência, portanto, existia no interior do Quartel e não no exterior.

NO CAMÕES

A mesma hora, a Praça de Camões e o início da Rua do Calhariz foram ocupadas por forças de Lanceiros 2 e da GNR fiéis ao governo de Marcelo Caetano.

No Largo da Misericordia, concentra-se outra força da GNR também fiel ao regime deposto ontem. Mas não tardam a abandonar o combate. Grande parte das praças resolve abandonar aquele largo e dirige-se para o Jardim de S. Pedro de Alcântara. São substituídos pouco depois por uma força da GNR, vinda da província, uma coluna de jeeps, que se encontrava na Rua das Gáveas. Outros soldados da GNR, também vindos da província, alinham-se ao longo das Escadinhas do Duque, até à rampa que conduz à estação do Rossio.

Em todas as ruas vizinhas do Quartel do Carmo sucedem-se, à distância apenas de alguns metros, as forças ainda fiéis ao governo de Marcelo Caetano e as tropas revoltadas contra o regime.

Cerca das 15 horas, a situação começa a clarificar-se. Torna-se evidente que a tentativa de envolver as unidades do Movimento das Forças Armadas com contingentes da GNR e de Lanceiros 2 falhara. O regime não tinha defensores.

O capitão Salgueiro Maia, que comandava as tropas que se encontravam no Largo do Carmo e nas ruas vizinhas, dirige um ultimatum ao prof. Marcelo Caetano e às forças da GNR que se encontravam no Quartel do Carmo. É repetidas vezes afirmado, através de megafones, que não se desejava o derramamento de sangue, mas que não se hesitaria em esmagar qualquer tentativa de resistência.

Os apelos à rendição ficam sem resposta. O prof. Marcelo Caetano parece alimentar ainda a ilusão de que há forças fiéis ao governo, que é possível dominar a situação. Ou não estaria convencido da firme decisão que animava o Movimento das Forças Armadas.

As forças militares que sitiavam o Quartel do Carmo abriram fogo eram 15 e 33. Rajadas de pistola metralhadora foram disparadas, simultaneamente da Rua da Trindade e da Travessa do Carmo. A ressonância e o eco amplificaram o matraquear das pistolas metralhadoras, as vidraças estremeceram em todos os prédios vizinhos. Nos patamares e nas escadas em que se acumulam dezenas e dezenas de civis, junto dos soldados que atiraram há um movimento de recuo. As balas atingiram as janelas e a parede do último andar do Quartel do Carmo. O estilhaçar dos vidros confundia-se com o ruído dos disparos.

Seguiu-se um longo silêncio. Talvez três minutos. Ouvem-se novas rajadas de metralhadora, agora só a partir da Travessa do Carmo. As forças da Guarda Nacional Republicana entrincheiradas no quartel não respondem. As janelas e as portas continuam fechadas. Os canhões dos dois carros blindados que se encontram no Largo do Carmo rodam lentamente, até ficarem apontados às portas principais do aquartelamento.

Através de megafones é repetido o ultimatum para a rendição. O Quartel do Carmo permanece silencioso. As forças sitiantes continuam em posição de fogo, protegidas pelos carros blindados e alojadas nos portões das ruas vizinhas. Aparecem também soldados nas varandas e balcões dos últimos andares da Rua da Trindade.

Finalmente há a certeza de que o Quartel do Carmo não resistirá. Soldados com pistolas metralhadoras em posição de disparar alinham-se em frente das entradas do aquartelamento.

V SEMANA em LONDRES
PARTIDAS:
TODOS OS DOMINGOS
ABRIL 21 • 28
MAIO 5.12.19 • 26
JUNHO 2.9.16.23 • 30
Preços excepcionais desde 3 250$
INCLUINDO:
• Viagem em avião a jacto
• Estadia no Hotel
• Transportes em terra
• Visita turística de Londres
• Taxas Hoteleiras
• Assistência de Guia
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu
Fundada em 1840
LISBOA: Av. da Liberdade, 190 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 2 70 1/2

BUCARESTE
viagens especiais para
TRATAMENTO GERIÁTRICO
PARTIDAS: 12/5, 9/6, 14/7, 11/8 e 15/9
15 DIAS (TUDO INCLUÍDO) 19.880$
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu
Fundada em 1840
LISBOA: Av. da Liberdade, 190 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 2 70 1/2

Teatro Maria Matos
HOJE
As 21,45 HORAS
«MORTE DE UM CAIXEIRO VIAJANTE»
de Arthur Miller
SÓ MAIS 3 SEMANAS
(IMPRETERIVELMENTE)
Bilhetes à venda
M/ 14 anos
Tel.: 717017
Matinée aos Domingos
Às 16 horas
3.ª FEIRAS — DESCANSO DA COMPANHIA

CAPELITA
TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS, DE JUNHO A OUTUBRO
UMA SEMANA DESDE 2 500$00
DUAS SEMANAS DESDE 3 900$00
TELEFONES: 58722 58785 58791 58874 58815 - LISBOA

DL NACIONAL

A "CALMA" DE MOÇAMBIQUE

JOANESBURGO, 26 — (R) — As autoridades de Moçambique anunciaram ontem à noite que reina a mais completa calma neste território da Africa Oriental depois do golpe militar ocorrido em Lisboa.

No primeiro comentário à rebelião militar que começou ontem de madrugada, o gabinete de Imprensa do Governo em Lourenço Marques publica um comunicado que dizia: «Reina a mais completa calma no Estado de Moçambique onde as autoridades militares e civis estão a assegurar a ordem e a estabilidade».

O comunicado, noticiado em Joanesburgo pela South African Press Association, reivindicava que o governo de Lisboa continuava ainda no controle da situação e estava a tentar dominar a revolta das Forças Armadas.

A South African Press Association anunciara anteriormente que não tem havido reação entre os 60.000 soldados brancos e africanos estacionados em Moçambique para combaterem as guerrilhas nacionalistas.

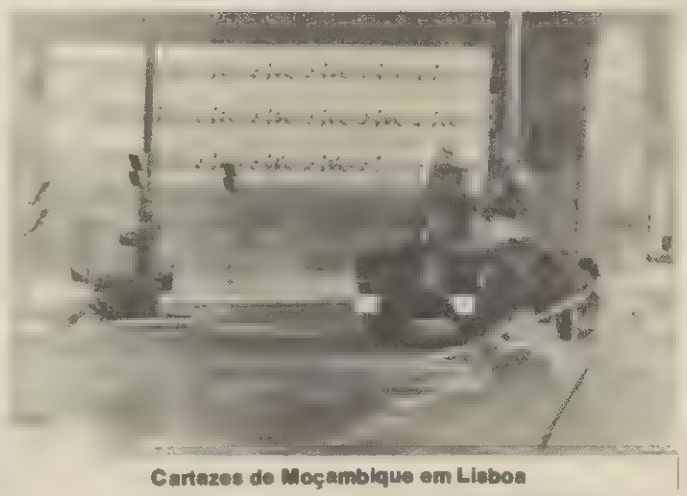
Círculos governamentais e civis dizem que residentes em Moçambique se sentem «assustados e preocupados» pelas notícias de Portugal — que lhes chegam ao conhecimento através de transmissões estrangeiras de noticiário.

Na Africa do Sul, que possui fronteira comum com Moçambique, o primeiro-ministro John Vorster disse que os acontecimentos em Portugal podem ter consequências tremendas para o seu país, mas acrescentou que as notícias de Lisboa continuam a ser confusas e que seria prematuro fazer mais comentários sobre o assunto.

Os acontecimentos em Portugal parecem ter colocado em segundo plano as eleições na Africa do Sul, tanto nas notícias dos jornais como no noticiário da Radio.

Na Rodésia, onde as incursões de guerrilheiros partidos de território de Moçambique têm levado a uma guerra em pequena escala na fronteira nordeste do país com o território português, ministros do gabinete levaram a efeito medidas pouco habituais de telefonarem para as agências noticiosas a pedirem informações.

A Rodésia tem forjado fortes laços com a Africa portuguesa em face das sanções económicas das Nações Unidas depois de se ter declarado unilateralmente independente da Inglaterra, em 1965.



Cartazes de Moçambique em Lisboa

RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE A R.D.A. E A GUINÉ-BISSAU

NAÇÕES UNIDAS, 26 (R) — A República Democrática Alemã e a autoproclamada República da Guiné-Bissau concordaram em estabelecer relações diplomáticas e permutar embaixadores — anunciou nas Nações Unidas a missão leste-alemã.

A organização para a independência de Guiné-Bissau (Guiné Portuguesa) proclamou a independência relativamente a Portugal em Setembro do ano passado, que foi reconhecida pela Assembleia Geral das Nações Unidas.

A autoproclamada República da Guiné-Bissau foi autorizada a abrir uma missão diplomática de observação nas Nações Unidas, mas até agora não pediu formalmente qualquer candidatura a país membro da ONU.

REACÇÕES EM ANGOLA

..LUANDA, 26 (ANI) — Pelo Governo Geral de Angola foi, ontem distribuida aos orgãos de Informação a seguinte nota oficiosa:

«No Governo Geral, até às 20 horas e 30, não foi recebida qualquer informação oficial sobre os acontecimentos que hoje se registaram em Lisboa.

«Notícias de origem diversa dão, entretanto, indicação de que terá triunfado o Movimento Militar, tendo o prof Marcello Caetano renunciado às suas funções de Presidente do Conselho de Ministros.

«Teria assumido o poder uma Junta Militar, cuja composição se não conhece ainda completamente.

«O Governo Geral, como é do seu dever, procurará assegurar a completa normalidade da vida da província e recomenda a toda a população a maior tranquilidade e confiança».

A União Sul-Africana poderá intervir em Moçambique

LONDRES, 26 — (R.) — Os jornais ingleses voltados às direitas vaticinaram uma grande reviravolta na Africa Austral depois do golpe militar em Portugal.

O «Times» dizia que do ponto de vista da paz mundial o golpe está prenhe de perigos — uma retirada portuguesa da Africa Austral só poderá vir a desencadear uma escalada na guerra nos territórios da Africa Austral tal como a retirada dos franceses da Indochina constituiu apenas um preliminar para a escalada da Guerra do Vietname.

O «Daily Mail», um jornal conservador, dizia que o golpe em Portugal marcou o capítulo final da guerra colonial, frisando: «Esse golpe poderá ou não ser uma alavanca, mas o facto é que depois de ontem não podem subsistir dúvidas para que lado os portugueses se estão a dirigir em Angola e Moçambique — para o lado da saída».

O «Daily Mail» prosseguia: «Será na Africa Austral que o eco do golpe de Lisboa se propagará mais alto e com maior alcance e duração. A Rodésia está já abalada, Angola e Moçambique parecem agora estar a seguir para uma independência dentro de poucos anos e a Africa do Sul poderá muito em breve encontrar-se sozinha, e o primeiro-ministro Jonh Vorster sabe isso muito bem.

«Eis porque o Abril em Portugal dá uma promessa, embora ainda ténue, de uma primavera africana há tanto tempo demorada».

O «Times» dizia que a verdade por trás do golpe mostra que Portugal tinha, há muito, perdido a vontade de levar a efeito a última acção de retaguarda colonial por uma potência europeia em Africa e que a consequência mais importante será o que se irá passar em Moçambique. Poderá haver uma solução brasileira de um Moçambique ligado de certa maneira a Portugal sob os seus actuais governantes ou um regime nacionalista africano com base na Frelimo.

A esse propósito o jornal concluía: «Se o que vier for um Governo nacionalista em Moçambique, então a segurança da Rodésia estará em perigo, coisa que, no seu devido tempo, colocará o Governo sul-africano a defrontar-se com uma escolha histórica».

«Deverão os governantes sul-africanos brancos lançar-se para a frente com todo o seu poder para a Rodésia e possivelmente também para Moçambique, juntando-se à comunidade de colonos brancos de Lourenço Marques e incorporando essa área na sua esfera de segurança, ou deverão pura e simplesmente apagar a influência europeia a norte das actuais fronteiras da Africa do Sul?»

O Brasil reconhecerá o novo regime português

BRASILIA, 26 — (R) — O Brasil reconhecerá o novo Governo português logo que sejam recebidas notícias oficiais em Brasília de que esse governo se encontra a dominar por completo a situação e mantiver o respeito por todos os compromissos internacionais — anunciou esta noite na capital brasileira um porta-voz do palácio presidencial.

Anteriormente, o governo brasileiro adoptara uma atitude de «esperar para ver» perante o levantamento militar ocorrido ontem em Portugal.

O porta-voz do ministério dos Estrangeiros disse que o governo de Brasília esperará por um comunicado oficial «das autoridades portuguesas no controle da situação» antes de decidir qual o rumo da acção a seguir.

O porta-voz disse: «Esse comunicado será feito através da nossa embaixada em Lisboa e só então saberemos se a situação requer o reconhecimento de um novo governo».

Portugal e o Brasil — que foi governado pelos portugueses até 1822 — partilham uma língua comum e lavraram um acordo de nacionalidade dupla no âmbito do qual os súbditos de ambos os países têm automaticamente residência e direitos de trabalho nos dois territórios.

A REVOLUÇÃO NA IMPRENSA BRASILEIRA

RIO DE JANEIRO, 26 — (ANI) — As estações de rádio da cidade do Rio de Janeiro acompanharam o desenrolar dos acontecimentos de ontem, em Lisboa, em sucessivos jornais falados. A Rádio Globo emitia um jornal de meia em meia hora, sobre os acontecimentos revolucionários em Portugal.

O único jornal a noticiar a revolução foi o vespertino «A Notícia», de propriedade do governador do estado da Guanabara.

Disse aquele jornal, na primeira página, em subtítulo, «Presos os ministros militares». E num grande título, a toda a largura da primeira página, «Revolução em Portugal».

Também o Centro de Turismo de Portugal e a delegação da ANI no Rio de Janeiro divulgaram notícias do Movimento das Forças Armadas.

SARAIVA PEDE CALMA

BRASILIA, 26 — (R) — O embaixador de Portugal no Brasil, dr. José Hermano Sar[illegible], fez uma declaração pela rádio à numerosa comunidade lusitana, dizendo: «Estamos a viver um momento grave e crucial da nossa história. Peço aos portugueses que se mantenham calmos.»

O embaixador disse aos jornalistas estar crente de que as relações entre o Brasil e Portugal não sofrerão com os acontecimentos ocorridos na metrópole portuguesa.

Missionários expulsos de Moçambique criticam Paulo VI

BRUXELAS, 26 (R.) — Dois missionários espanhóis expulsos na semana passada de Moçambique, criticaram ontem o Papa Paulo VI por não se ter publicamente oposto à política de Portugal nos seus territórios ultramarinos de Moçambique e Angola.

Os sacerdotes, padres Alfonso Valverde e Júlio Moure, que passaram muitos anos na diocese de Nampula, Moçambique, disseram a jornalistas que cerca de 100 padres, principalmente não-portugueses, foram expulsos de Moçambique e que mais de 100 foram privados dos seus direitos cívicos e serão em breve expulsos.

Não obstante tais actos, o Sumo Pontífice continuou a tratar Moçambique e Angola como entidades separadas da Africa e reconheceu Lisboa como sede central a partir da qual o Núncio Apostólico administrava os dois territórios relativamente a assuntos eclesiásticos.

Comentando o golpe de Estado de ontem em Portugal, os dois missionários disseram que é ainda muito cedo para se saber se o regime militar tomará uma linha conduta mais branda relativamente aos territórios africanos.

Os padres disseram também que os colonialistas portugueses em Africa estão já preparados para declarar unilateralmente a independência com o apoio da Rodésia e da Africa do Sul.

A Rodésia manifesta-se interessadíssima em poder utilizar a rede de caminhos-de-ferro de Moçambique e destruir bases de guerrilheiros que atacam a Rodésia a partir de Moçambique.

Os padres acusam também que interesses económicos e financeiros estrangeiros estão por trás da aparente determinação portuguesa em manter os seus territórios ultramarinos de Moçambique e Angola.

A NATO face aos acontecimentos

..CIDADE DO VATICANO, 26 (UPI-ANI-FP) — A Rádio Vaticano, comentando o Movimento das Forças Armadas ocorrido em Portugal, declarou ontem à noite:

..«A Santa Sé está a seguir atentamente os acontecimentos registados em Portugal, desejando que a actual crise possa resolver-se por si própria sem ferir o povo português, e ser benéfica para o País, constituindo uma solução justa para os problemas que tem de enfrentar».

O VATICANO E A NATO

O Vaticano tem-se recusado a comentar os acontecimentos ocorridos em Portugal embora as relações entre a Santa Sé, o Governo de Caetano se tenham tornado mais tensas nos últimos tempos em consequência da recente expulsão de Moçambique de 14 missionários cambonianos.

O «Osservatore Romano» de quinta-feira à noite anuncia na primeira página a duas colunas «Uma revolta de militares contra o Governo português» e a constituição de um «Governo provisório» pelos «rebeldes».

O Secretariado Geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte, em Bruxelas, e as delegações dos países membros da Aliança Atlântica seguem atentamente a evolução da situação militar em Portugal. Indicam oficialmente quinta-feira na sede da organização.

Precisa a mesma fonte que não haverá qualquer reacção oficial, lembrando que se trata de um assunto interno.

O Governo belga, cuja composição foi anunciada hoje de manhã, adoptou a mesma atitude.

Novo modelo «MZ»

MZ TS 250
FABRICO ALEMÃO
MAIS POTENTE!!!
MAIS BONITA!!!
MAIS ROBUSTA!!!
PREÇO EXCEPCIONAL!!!
Um cilindro a dois tempos
Cilindrada: 243 c. c.
Assistência técnica assegurada
Por 64 Agências em todo o País
Representantes gerais para Portugal Continental, Insular e Ultramarino
MOTAUTO, LIMITADA
Rua D. Estefânia, 81-A
LISBOA

APARTAMENTO
Na Charneca da Costa da Caparica com 14 050 m2, integrado na Zona Urbanística H2. Vende-se [illegible] por andares ou lojas.
Informa: CONSTRAVE
Construções de Aveiro, Limitada
Tel. 25076 Apartado 163
AVEIRO

DL NACIONAL

OS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO FACE AOS ACONTECIMENTOS EM PORTUGAL

..DAKAR, 26 (R) — O levantamento militar em Portugal é pouco provável que modifique a atitude dos Movimentos Africanos de Independência nos territórios portugueses — indicaram em Dakar observadores políticos.

Embora não houvesse reacção imediata do PAIGC aos acontecimentos de ontem, sente-se que a chefia do Partido Africano para a Independência da Guiné e arquipélago de Cabo Verde — a organização que recentemente declarou unilateralmente a independência na Guiné-Bissau — não vê o levantamento militar como provável de introduzir uma modificação fundamental no sistema colonial português.

Em Kinshasa, o presidente do Governo Angolano Revolucionário no exílio, Holden Roberto, recusou-se a fazer quaisquer comentários até que a situação em Portugal evolua.

Observadores consideravam o levantamento, assumindo que favorável ao antigo governador da Guiné Portuguesa, general António de Spínola, como uma situação que deve ser tratada com cautela ou indiferença pela chefia do PAIGC, porque este movimento não julga que a revolta militar possa levar a uma aceitação portuguesa da independência para os territórios ultramarinos.

O dirigente da Guiné-Bissau, Luís Cabral disse em Dakar no mês passado que o general Spínola — demitido após a publicação do seu livro instigando um sistema federal para Portugal e seus territórios — dedicou toda a sua vida ao serviço do fascismo e à repressão criminosa dos povos africanos que combatem pela sua liberdade.

Luís Cabral disse: «Não podemos acreditar na sinceridade de Spínola. Sabemos que se ele fala de autodeterminação para os povos colonizados, está a pensar acima de tudo no colonialismo português».

O dirigente da Guiné-Bissau disse também nessa altura que os nacionalistas africanos estariam preparados para aceitar uma federação sob a bandeira portuguesa, se esse sistema garantisse o direito de voto.

Mas Luís Cabral acrescentou: «Como os africanos estariam em maioria numa tal federação, poder-se-ia acabar por ver um Governo negro em Lisboa, e eu estou certo que Spínola não gostaria de ter um Governo negro a dirigir Portugal».

Em Salisbúria o Conselho Nacional Africano (ANC) disse ontem à noite que o levantamento militar torna ainda mais urgente uma solução entre negros e brancos na Rodésia.

O secretário dos serviços públicos do ANC, Edson Sithole, disse numa declaração que o levantamento afectará enormemente os países governados por brancos na Africa Austral, particularmente na Rodésia.

A Rodésia partilha uma fronteira comum com o território português de Moçambique, na Africa Oriental, e encontra-se correntemente a lutar numa guerra de guerrilhas na sua fronteira do nordeste.

A declaração do ANC dizia também ser suficientemente claro que o levantamento foi feito em apoio às ideias exprimidas pelo general Spínola.

A declaração frisava: «Se um general do calibre de Spínola acredita firmemente que os problemas na Rodésia poderão ser querem uma solução política e não militar, seria uma má política da parte das autoridades rodesianas pensarem que os problemas da Rodésia poderão ser solucionados através de uma fórmula militar».

Até agora, o Governo rodesiano ainda não manifestou qualquer reacção oficial ao levantamento militar português.

MOÇAMBIQUE

LUSAKA (Zâmbia), 26 (R) — Combatentes dos Movimentos de Libertação nos territórios africanos de Portugal não se sentem seguros sobre se o golpe militar em Lisboa virá a ajudar a luta que travam pela independência total das colónias.

Os combatentes de Movimentos de Libertação receiam que os colonos portugueses em Moçambique tentem estabelecer um Estado separado governado por brancos, possivelmente com o auxílio da Africa do Sul.

Os combatentes de Movimentos de Libertação nos territórios em Africa disseram ontem que não acreditam que o golpe militar de Lisboa venha necessariamente a ajudar as suas causas.

O dr. Faustino Kambeu, secretário da Informação da Comissão para a Revolução em Moçambique (Coremo), comentou: «Até agora, a chefia em Moçambique continuas nas mãos dos colonos brancos. Embora eles possam vir a necessitar de alguns africanos no seu gabinete, a verdade é que não nos podemos sentir muito optimistas a respeito da situação em geral».

A Coremo é um grupo separado formado por membros dissidentes da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo).

Entretanto, não foi possível contactar com membros da Frelimo para se obterem comentários sobre o golpe de Lisboa.

O dr. Kambeu disse que é difícil fazerem-se comentários sobre a situação em Portugal até que seja conhecido o programa político dos homens que realizaram o golpe, acrescentando: «Mas até agora o modo dos colonos brancos em Moçambique é de que têm todas as pretensões a apoderar-se do poder, afastando-nos a nós».

Membros da Frente Popular de Libertação de Angola (MPLA) exprimiram opiniões semelhantes ao serem contactados, mas aguarda-se uma declaração formal do porta-voz oficial do MPLA, que entretanto ainda não pôde ser publicado.

O dr. Kambeu, secretário de informação da Coremo, disse ainda que «pelo menos neste momento está fora de hipótese» que o golpe português venha a conduzir a um governo em Moçambique formado por combatentes do Movimento de Libertação.

O dr. Kambeu frisou: «Concerteza que eles não irão dizer que os combatentes da libertação podem vir e formar governo. Não, deverão tentar entrar num compromisso qualquer, mas não particularmente em qualquer coisa que os leve a darem de mão beijada o governo minoritário aos africanos».

Disse também que nem mesmo os colonos brancos em Moçambique querem a continuação da guerra de guerrilhas, mas que por outro lado também não desejam cortar inteiramente com Portugal, frisando: «é essa a diferença fundamental entre eles e nós».

A POSIÇÃO DA F. P. L. N.

«O levantamento das Forças Armadas, compreendido e aclamado pelo povo, pode abrir o caminho à participação do povo na construção de uma sociedade democrática e socialmente justa», salienta um comunicado publicado em Argel pela Frente Patriótica de Libertação Nacional (movimento da oposição revolucionária portuguesa no exílio).

O comunicado acentua ainda: «Portugal assistiu a um acontecimento de alcance nacional, pois a queda do Governo fascista de Caetano é a primeira condição a cumprir para uma transformação da sociedade portuguesa segundo uma orientação democrática e popular».

«O levantamento das Forças Armadas, cujo patriotismo e coragem cívica louvamos, deve agora dar uma resposta clara a certas exigências fundamentais», como seguem:

A) «Libertação dos presos políticos e livre regresso dos exilados.

B) «Fim para todas as formas de repressão».

C) «Supressão da censura e da polícia política».

D) «O fim da guerra colonial e reconhecimento do direito dos povos africanos à autodeterminação e à independência».

«Viva a liberdade» — conclui o FPLN.

Soldados em posição no elevador de Santa Justa

As anteriores tentativas de Golpe de Estado

PARIS, 26 (F.P.) — Eis a lista dos anteriores golpes de estado contra o regime português:

— 10 de Outubro de 1946: [illegible] golpe de estado no Porto.

10 de Abril de 1947: cinco generais, seis oficiais superiores e 13 professores universitários são demitidos das suas funções por terem participado numa conjura que se manifestou através de greves e de uma tentativa de revolta na região de Tomar.

— 8 de Outubro de 1948: são presos vários oficiais superiores entre os quais o almirante Cabeçadas, acusados de terem fomentado uma terceira conjura.

— 1 de Janeiro de 1962: tentativa de golpe de estado do ca[illegible] 200 km de Lisboa. Balanço: 4 mortos, entre os quais o sub-secretário de Estado do Exército.

— 16 de Março de 1974: su[illegible] à entrada de Lisboa

Voos normais comunicam a TAP e a VARIG

..RIO DE JANEIRO, 26 — (ANI) — A Varig e os TAP anunciaram os seus voos normais para Lisboa, no dia de ontem.

Informadores das duas companhias dizem que não houve cancelamento de nehuma passagem. E os voos de anteontem também haviam sido normais, dois diários, tendo o último saído do Rio de Janeiro, às 20 horas e 30, sido desviado para Madrid.

As empresas de aviação e as empresas de turismo informaram ontem que não foi cancelada nenhuma passagem para Portugal, para os próximos dias, e que os aviões estão lotados nesta época, que é de Inverno no Brasil e de Verão em Portugal.

PORTUGUESES EM PARIS:

Espera-se maior liberdade de expressão

PARIS, 26 — A notícia do golpe de estado militar em Portugal foi acolhida, senão com indiferença, pelo menos com calma pelas comunidades portuguesas de Paris.

Um eclesiástico português que está constantemente em contacto com a população imigrada da região parisiense, declarou na quinta-feira à noite: **«Toda a gente esperava que sucedesse alguma coisa. Sabíamos que a situação estava tensa. Os portugueses jovens que trabalham em França são especialmente hostis à nossa presença em Africa. Também são contra a duração do serviço militar de quatro anos, quer seja feito nas nossas províncias do Ultramar ou na Metrópole. Acompanhamos, evidentemente, a situação com a maior atenção, mas sem angústia particular. Não somos 'à priori' hostis aos homens que tomaram o poder. Esperamos que autorizarão, nomeadamente, maior liberdade de expressão. É o voto que muitos fazem aqui**

A OPOSIÇÃO DEMOCRATICA UNIDA E O POVO PORTUGUÊS DEVEM DESDE JA FAZER OUVIR E ACEITAR AS SUAS REIVINDICAÇÕES FUNDAMENTAIS

PARIS, 26 — (FP) — Um certo número de individualidades portuguesas residentes em França publicaram ontem um comunicado «saudando a acção corajosa do Movimento das Forças Armadas». O «derrubamento do governo ditatorial pode abrir o caminho à conquista da liberdade, da paz e do pão, sob a condição da oposição democrática unida e o povo português conseguirem desde já fazer ouvir e aceitar as suas reivindicações fundamentais», — declara o comunicado.

Reclamam os signatários «a libertação imediata de todos os presos e detidos políticos e militares, a abolição da censura, das leis e tribunais de excepção, a dissolução da [illegible] abertura de negociações imediatas com os movimentos de libertação de Angola, Guiné-Bissau, e Moçambique».

Os signatários: Joaquim Barradas de Carvalho, historiador, encarregado de investigações no centro científico CNRS; Victor de Carvalho, informático; Celestino de Castro, arquitecto, Silas Cerqueira, José Dias, sociólogo; Virgílio Fernandes, economista; prof. Vasco Magalhães — Vilhena, doutor de Letras, António Marquês dos Santos, funcionário internacional, dr.ª Maria Helena Neves, socióloga, assistente do Ifed, doutor Mário Pádua, médico-biologista, dr.ª Palma Féria, secretária; Tomás Rato, comerciante, doutor Carlos Plácido de Sousa, médico-biologista' V. Sousa, antigo comandante do exército português.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Vicente Romão Bravo, P.Tomás J.Machado, 13-1º BUCELAS

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por V.ª de Inácio J. Teixeira, Rua Cândido dos Reis VIANA DO ALENTEJO

DL GERAL

Bombeiros dos Estoris

Em assembleia geral realizada na sua sede, a Associaçao dos Bombeiros Voluntários dos Estoris elegeu os corpos gerentes para o corrente ano. Presidem, à assembleia-geral, dr. José Manuel de Sousa; à direcção, major Raul Jorge Pedroso Guerra; e ao conselho fiscal, Joaquim António Fernandes Abrantes.

LONDRES
TELS 36722 36785 36791 36804 36874 LISBOA

ORA DIGA-NOS

COSTUMA COMPRAR A PRESTAÇÕES?

Consumo. A vertigem do consumo apodera-se lentamente das massas. Você pode ter frigoríficos, automóveis, casas... a prestações, dizem os «slogans» publicitários. Compre o seu funeral aos bocadinhos e depois morra tranquilo. Viaje, conheça o Mundo pagando por mês uma quantia irrisória. E assim por diante. A tentação do consumo entra nas casas através dos «mass-média». Só não compra coisas quem não quer. O consumo ao alcance de qualquer um. Basta uma assinatura para se rodear do conforto sonhado.

Albano Santos, contínuo de profissão, se não fosse o casamento talvez não se tivesse atirado para as compras a prestações, mas os compromissos familiares transformam as pessoas em escravos do consumo.

Desde que casei comprometi-me nas compras a prestações. É a única maneira de uma pessoa comprar qualquer coisa. Isso de juntar dinheiro não dá hipótese para nada.

Maria de Fátima

Maria de Fátima Esteves

Albano Santos

No entanto, nunca saio do limite das minhas possibilidades. As últimas compras que fiz foi uma máquina de lavar e um carro».

Pelo contrário, Maria de Fátima Esteves (matemática) nunca utilizou esse sistema de compras.

Acho que pode ser importante para quem queira adquirir coisas... Porém eu não gosto do sistema. Prefiro comprar a pronto. E além de mais não tenho necessidade de pagar a prestações.

Maria de Fátima, empregada de restaurante professa a mesma opinião da anterior inquirida.

De facto há muitos anos que deixei de comprar a prestações. Prefiro juntar dinheiro e pagar a pronto porque assim tudo me fica mais barato.

TECNICASA
EMPREENDIMENTOS E CONSTRUÇÕES
S. A. R. L.
CORUCHE

CONVOCACAO DE ASSEMBLEIA-GERAL EXTRAORDINÁRIA

Ao abrigo do disposto nos estatutos, convoco a Assembleia-Geral desta Sociedade, para reunir em sessão extraordinária, no dia 10 de Ma'o de 1974, pelas 21,00 h., na sua Sede provisória, a fim de:

1 — AUTORIZAR OS ACCIONISTAS A CEDEREM PARTE DAS SUAS ACÇÕES

Coruche, 26 de Abril de 1974.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL
a) Dr. Alberto Manuel Alves Andrade

electro átomo

ANTÓNIO ROSÁRIO PEREIRA

EMÍLIO MÁRIO F. COSTA

VASCO PEREIRA DE CARVALHO

Comunicam a todos os seus amigos,
a abertura do seu estabelecimento
ELECTRO ÁTOMO, Rua de S. José, 1 a 7
Largo da Anunciada, 20, Telefone 32 57 21, Lisboa 2
com as seguintes secções e artigos:

Secção de vendas, com;

Material eléctrico-Candeeiros-Iluminação-Rádio-TV-Electrofones
Gravadores-Auto rádios-Ar condicionado-Ventiladores-Esquentadores
Aquecimento-Electrodomésticos-Fogões-Alcatifas-Alabastros-
Móveis-Maples-Arcas de cantora-Novidades-Artesanato-Papeis
decorativos-Artigos para brindes-Quadros blindados
Intercomunicadores.

Secção de obras, com;

Estudo-Projectos-Orçamentos-Rádio técnico-Bobinagens
Mecanico electricista-Técnicos de frio e ar condicionado-Canalizador
Electricista montador-Montador de Antenas-Torneiro de metais
Cromagem-Carpinteiro e Marceneiro-Pedreiro-Pintor construção civil
Alcatifador-Assentador papel decorativo-Serralheiro
Restaurador de obras de arte-Força motriz
Reparações em electro-domésticos-Reclames luminosos-Iluminação
Serviço de reparações rápidas-Telefones-Ventilação-Aquecimento.

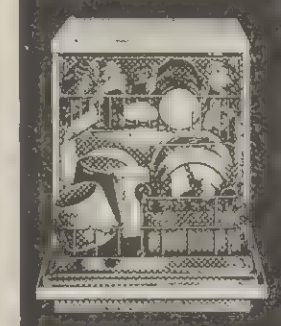
IGNIS · JVC NIVICO · MORPHY-RICHARDS · SUPER SER

LELLO & IRMÃO
EDITORES
APRESENTAM
PADRE MANUEL BERNARDES
«OBRAS COMPLETAS»
impressas em papel bíblia
5 vols. encadernados em Skyvertex 2 000$00

«FÁBULAS DE FEDRO»
Para crianças lerem, estudarem e meditarem
Adaptadas por
JOSÉ PEREIRA TAVARES
Antigo Professor do Liceu de Aveiro
1 volume brochado . . . . . 40$00

«OS DOIS PARENTES NOBRES»
Atribuído por alguns a Shakespeare e por outros a John Fletcher, acabou por ser aceite pelos críticos e historiadores mais recentes a autoria de
SHAKESPEARE
Tradução de ÉNIO RAMALHO
1 volume brochado . . . . . 50$00
Pedidos à
Rua das Carmelitas, 144 — PORTO
AILLAUD & LELLOS — Rua do Carmo, 76-80—LISBOA

Máquina de lavar louça G 550 "de luxe"
MIELE pode ultrapassar-se a si pr[illegible] com as características especiais, entre as quais
- 7 programas à e[illegible]lha
- 3 braços de aspersão rotativ[illegible]
- Descalcificador de grande capacidade
- Controle de dureza [illegible] água



Miele

AGENTE OFICIAL:
Casa Júnior
Rua do Alecrim, 19-A — 21-A — Telef.: 321053
Rua de S. Paulo, 29-1.º — Telef.: 328663 — LISBOA

STREAKING:

Exibicionismo de Grupo

«Le Monde»-«DL»

Do Atlântico ao Pacífico, um estranho vírus parece ter colhido milhares de jovens americanos que estão a praticar com deleite e na exuberância uma espécie de exibicionismo de grupo. Esta febre primeiro localizada no ensino superior alastrou ao secundário e já não afecta apenas o sexo masculino uma vez que as raparigas (Oh, Virginia que preferiu despir-se da vida a despir a roupa!) parecem agora com igual pressa de se despirem para participar no fenómeno colectivo do **streaking**.

Na origem, com efeito, tratava-se de um simples exercício individual de rapidez: alguns jovens surgiam inteiramente nus, atravessavam a via pública, punham-se entre e à frente dos automóveis, sem deixar aos basbaques tempo para o menor esboço de reacção. De onde o nome **streaking** (de **to streak**: correr como um raio ou relâmpago), dado a este jogo, uma espécie de polícias e ladrões para adolescentes que corriam assim o risco de ser presos por atentado ao pudor público ou suspensos das respectivas universidades.

Mas esta blague de estudantes na tradição das Quatro Artes medievais mudou hoje de natureza e tomou uma nova também dimensão.

O gesto provocador de alguns isolados transformou-se em uma manifestação de massa; os «raids» individuais transformaram-se em menifestações colectivas. E às centenas que agora se contam os **streakers** que deixaram entretanto de correr e desfilam antes cerimoniosamente, bloqueando a circulação. Nisto jogou para alguma medida, por certo, o espírito de emulação e competição. De momento, o «record» é detido pela universidade de Colorado, que reune dois mil e duzentos **streakers**, batendo assim por escassa margem a da Geórgia e de mais longe a de Maryland que reuniram respectivamente mil, uma, e 530 participantes, a outra.

Estas multidões são pitorescas mas algo desembestadas na sua nudez. Porque a fantasia reina no des-vestuário. Alguns arvoram uma gravata, um chapéu, outros deixam a sua «pélerine» flutuar ao vento. Alguns trazem sandálias de ténis, outros mantêm os seus sapatos usuais. Para o penteado, todos os cuidados são poucos. Os disfarces vão desde simulações dos irmãos Marx ao presidente Nixon. Muitos pintam apenas o corpo com cores várias, mas alguns escrevem com «batôn» o número de turma no traseiro. Aqui, uma estudante esconde todo o seu pudor em um simples passa-montanha; uma outra cobriu a cabeça com uma meia de seda. Pretende não querer ser reconhecida.

UM REGRESSO ÀS TRADIÇÕES

Mesmo se perdeu um pouco da sua espontaneidade original («Eu sentia uma necessidade urgente de me despir», declarou um jovem à polícia), o **streaking** tem provocado algumas proezas individuais. Assim quatro pára-quedistas nus tombaram do céu no campo da Universidade de Illinois; motociclistas completamente despidos fizeram petardear as suas máquinas em Georgetown University.

Em Westpoint, o Saint-Cyr americano, uma dezena de cadetes sem uniforme correram em torno dos postos de guarda, perseguidos pelos seus superiores. Noutra parte, um estudante meio paralítico passou a toda a velocidade que era capaz de um extremo a outro do campus, nu também.

Aparentemente as autoridades universitárias e policiais resignaram-se a esta exibição de nudez e por vezes parecem acomodar-se bem com ela. O presidente de um colégio de raparigas aplaudiu, com o rosto radiante, a passagem-relâmpago perante a sua casa de cinquenta das suas alunas, nuas, enquanto que na Virginia Oidental fez dizer que os **streakers** não seriam perseguidos na condição de serem do sexo feminino e de passagem pelo seu escritório.

Bem entendido, os psicólogos, sociólogos e psiquiatras inclinam-se com outra seriedade sobre o problema. Para uns, o **streaking** é um rito da Primavera; para outros trata-se do regresso à grande tradição estudantil dos anos 50

«O **streaking** é uma forma de assalto», disse McLuhan, o grande especialista da comunicação. «É um desafio às normas culturais aceites», afirmou um psiquiatra da universidade de Colúmbia, enquanto que um dos seus colegas de Yale vê nele sobretudo «um desafio à autoridade e uma tentativa de a ridicularizar». Um outro especialista não receia ligar o fenómeno à escassez da gasolina. Porque já não podem utilizar os seus automóveis, lugar favorito para os seus esbates amorosos, os estudantes descarregam assim, descomprimindo-a, a sua frustração. Outros, pelo contrário, acham que o **streaking** não tem qualquer conotação sexual.

«A segurança nacional não está ameaçada ainda», disse um professor de Yale. Todavia, alguns espíritos abatidos detectam no fenómeno um sinal irremediável de decadência. De facto, a sociedade fica antes reforçada por estas demonstrações que contrastam singularmente com o activismo político do decénio anterior. Os defensores da ordem estabelecida não se enganam aliás sobre este ponto...

O streaking assinalaria assim o fim de uma era, a da contestação e do protesto.

Não será significativo que os primeiros **streakings** tenham arrancado dos degraus da biblioteca da universidade de Colúmbia, um dos altos locais da contestação estudantil, cena de violentos afrontamentos com a Polícia nos anos 60?

HENRI PIERRE

Congresso de Publicidade

A Câmara Municipal oferece hoje às 18 e 30, na Casa do Leão do Castelo de S. Jorge, uma recepção em honra dos participantes no Congresso da Federação Europeia de Publicidade Exterior.

Feira Internacional da Moeda

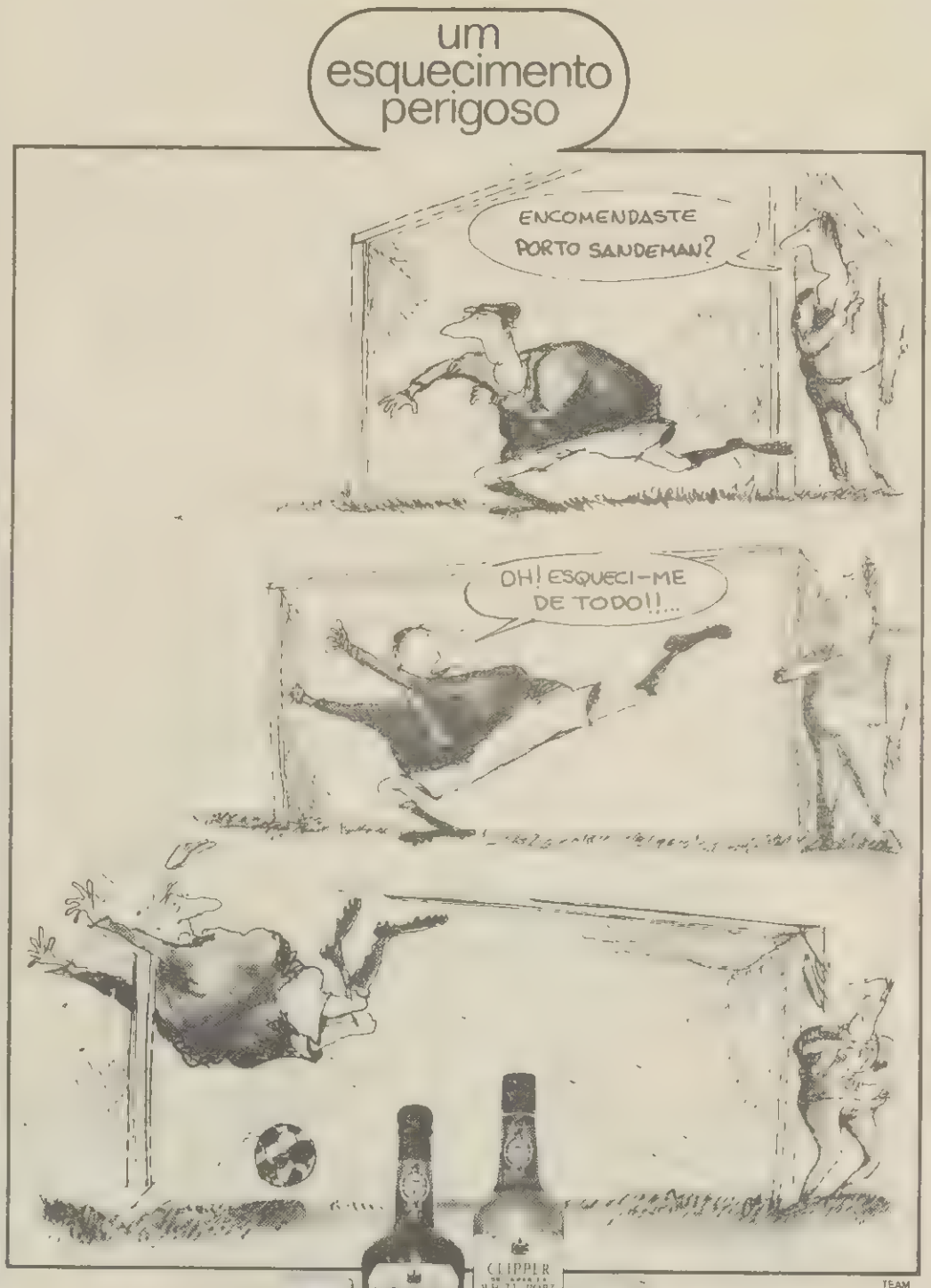
«O salão de exposições do Hotel Ritz, efectua-se nos dias 27 e 28, das 10 às 24 horas, a III Feira Internacional da Moeda, da Medalha e do Selo de Lisboa.

As principais novidades deste certame são: uma colecção de moedas e notas do Ultramar; a edição de duas medalhas de bronze comemorativas, com uma série de temas sobre a história da numismática; e a saída do segundo volume do preçário de moedas.

Garraiada de estudantes

Os estudantes de Agronomia e Veterinária organizaram uma garraiada que se vai realizar às 16 e 30 do próximo sábado, na Praça do Campo Pequeno. Nos dois Institutos, que parecem ter regressado à boa amizade de outros tempos, a garraiada é esperada com bastante interesse, o mesmo acontecendo em outros meios académicos. Convites à disposição dos interessados, desde já, em Veterinária e em Agronomia e, no próprio dia, no Campo Pequeno.

um esquecimento perigoso



PORTO SANDEMAN

Sandeman recomenda os seus vinhos **Partner's** e **Clipper**.
Partner's é um Porto Ruby-velho, muito melhor Porto **Clipper** Branco Extra-seco, aperitivo: simples, "on the rocks", com soda ou água tónica
Deliciosamente refrescante
Não ter **Porto Sandeman** – esquecimento desastroso! Perigosíssimo! Para o seu bom gosto

POSTAS EM DÚVIDA NA ONU AS CREDÊNCIAS DA DELEGAÇÃO PORTUGUESA

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 26 — R.) — Pôs-se a noite passada em dúvida as credenciais das delegações de Portugal e da Africa do Sul junto das Nações Unidas durante uma sessão, de duas horas e meia, da comissão de credenciais da Assembleia Geral, que não chegou a qualquer conclusão.

O organismo de nove nações marcou para hoje nova sessão.

Representantes da Tanzânia e do Senegal citaram o sistema eleitoral só para brancos, que vigora na Africa do Sul, ao pedirem a rejeição das credenciais da delegação daquele país à actual sessão especial da Assembleia sobre problemas económicos.

Alegaram também que a delegação de Portugal deveria ser declarada como representando somente a nação metropolitana, dentro das suas fronteiras europeias, e não os seus territórios africanos.

As credenciais da Africa do Sul foram rejeitadas na regular da Assembleia do Outono passado e as de Portugal declaradas como sendo limitadas.

Contudo, membros da comissão de credenciais não puderam ontem apresentar uma fórmula que fizesse com que as decisões tomadas no ano passado pela assembleia se aplicassem à actual sessão.

O representante da Tanzânia propôs uma fórmula nos termos da qual as credenciais de todas as delegações seriam aceites «sujeitas às decisões e reservas exprimidas» na sessão regular do último Outono.

A comissão adiou a sessão após o delegado japonês afirmar desejar mais tempo para estudar o assunto.

Os Estados Unidos avisaram que, como no ano passado, se oporiam a qualquer rejeição ou limitação de credenciais devido a fundamentos políticos.

Juntamente com o Japão, os Estados Unidos declararam que a tarefa da comissão era simplesmente a de assegurar que as credenciais tivessem sido passadas pelas autoridades do Governo apropriado. Não deveria condenar os regimes que passassem os documentos.

Seja qual foi a decisão a que chegue finalmente a comissão, espera-se a assembleia plenária siga a orientação do ano passado.

Contudo, como a assembleia deverá terminar a sua sessão especial na próxima segunda ou terça-feira, a sua acção não terá quaisquer efeitos práticos na participação das delegações de Portugal e da Africa do Sul na actual sessão.

Viva férias na Madeira toda a vida por apenas 15.000$00

Madeira. Ilha das flores. A ilha da eterna Primavera de Janeiro a Dezembro.

Ao seu alcance a oportunidade de viver férias nesta ilha de sonho. Férias num apartamento do seu hotel. Durante uma (ou mais) das 52 semanas do ano. Todos os anos. Para sempre.

Seja sócio do Clube de Férias da Madeira. Assegure férias por toda a vida, por apenas 15.000$00. Pode escolher já a semana que mais lhe convém.

O Clube de Férias da Madeira oferece-lhe, todos os sábados, viagens em jacto a preços especiais.

O que é o Clube de Férias da Madeira?

Um luxuoso complexo turístico situado frente ao mar, na elegante zona do Alto Lido, no Funchal. 100 apartamentos familiares, com varanda para o mar, totalmente equipados, piscina, solário, restaurante, snack-bar, supermercado.

clube de férias da madeira

as suas férias nas 4 estações do ano

MAIS EM IMPRENSA

Condições especiais de lançamento

PREVÊ A IMPRENSA FRANCESA

O Golpe de Estado português terá repercussões em toda a África Austral

"O INVENTÁRIO DESTES LONGOS ANOS DE DITADURA É CATASTRÓFICO" - DIZ O JORNAL "L'HUMANITÉ"

PARIS, 26 — (FP) — A maior parte dos jornais matutinos de Paris dedicam largos comentários à situação em Portugal.

«L'Aurore» (direita radical) escreve que sem dúvida o «general Spínola julga que amputando o seu país dos longíquos territórios o fará sair do «ghetto» internacional e do mesmo golpe, voltando as costas ao vasto largo, lhe dará um grande lugar na Europa em construção, quer dizer a parte de prosperidade que muitos dos seus maturais foram buscar fora das suas fronteiras».

Para o «Figaro» (direita moderada), o general Spínola volta uma página da História do seu país. Tomando a chefia dos insurrectos, o herói nacional de ontem compromete a sua responsabilidade quanto ao futuro de Portugal. «Les Echos» (informações economicas) escreve pela sua parte: «O golpe de Estado parece ter-se feito menos por conta deste ou daquele partido da oposição do que por uma empresa nacional de envergadura, o acesso à independência, de uma forma ou doutra, dos territórios portugueses de Africa. Os tempos parecem maduros de há muito tempo. «A europeização» de Portugal para isso empurrava».

«Le Quotidien de Paris» (independente de esquerda): «Os oficiais e os soldados batendo-se em Africa não deixaram de tomar consciência da situação e, sobretudo, inquietaram-se com a ausência de toda a política governamental. Marcelo Caetano parecia hesitar todos os dias entre o caminho do autoritarismo e do liberalismo». «L'Humanité» (comunista): «O inventário destes longos anos de ditatura é catastrófico. Quanto à miséria e ritmo de inflação em Portugal bate todos os recordes da Europa. Cerca de um milhão de trabalhadores foram constrangidos a emigrar ...».

Quanto ao «Quotidien Rouge» (trotskista), diz: «Este golpe de Estado terá repercussões em toda a Africa Austral. Na Africa do Sul e na Rodésia, a notícia não deixará de inquietar estes dois Governos partidários da solução dura».

«DAR LIBERDADE AOS PORTUGUESES»

NOVA YORK, 26 — (F.P.) — O «New Yok Times» consagra hoje o seu editorial à subida dos militares ao Poder em Portugal.

«Se a Junta conseguir realizar o seu programa, isso será um grande alívio para a N. A. T. O. constantemente preocupada com um Governo que praticava a repressão no interior e continuava as guerras coloniais em Africa», nota o jornal.

«O mais importante será o facto de a Junta fazer justiça às maiorias negras nos territórios africanos e dar liberdade aos portugueses que verdadeiramente nunca a conheceram desde a ditadura de António de Oliveira Salazar, há quarenta anos.»

O VENTO QUE VEM DE LISBOA É UM VENTO REVOLUCIONÁRIO»

ROMA, 26 — (F. P.) — Os primeiros jornais da manhã comentam abundantemente o que se passou em Portugal.

«Il Messaggero» atribui ao «complexo de culpabilidade que amadureceu nos 'capitães' e no seu general, em consequência das experiências atrozes da guerra.

«A mudança que interveio em Lisboa só pode agradar a Washington» — acrescenta o jornal romano, pois os «Estados Unidos dificilmente podiam justificar o reforço de uma aliança com um país que se revelou o inimigo mais brutal dos países africanos».

«Il Lavora» (de Génova) — tendência socialista — julga que os acontecimentos portugueses poderão consolidar a democracia na Itália como em muitos outros países europeus. «O vento que vem de Lisboa é um vento revolucionário, antifascista» — conclui o jornal.

São abundantemente comentados nos meios políticos brasileiros os acontecimentos de Lisboa

RIO DE JANEIRO, 26 — (F. P.) — O golpe de Estado Militar em Portugal pode provocar uma modificação radical na política deste país em Africa e acelerar a emancipação de Moçambique, de Angola e da Guiné-Bissau, afirmam nos meios políticos brasileiros onde os acontecimentos de Lisboa são abundantemente comentados.

Não foi ainda registada qualquer reacção oficial em Brasília, mas indica-se de fonte próxima do poder que o presidente Ernesto Geisel se manteve constantemente informado da evolução da situação.

Nos meios políticos, todos os comentários se referem ao futuro dos territórios portugueses no Ultramar — problema que segundo a maior parte das análises locais esteve na origem directa do levantamento de Santarém.

Esta questão suscita ainda mais interesse pelo facto do Brasil ter iniciado no ano passado uma vasta ofensiva «económico-diplomática» em Africa que o levou a dissociar-se cada vez mais nitidamente da política africana do Governo de Lisboa.

Esta mudança de atitude foi ilustrada recentemente por um severo editorial do «Jornal do Brasil» em que se pede ao governo brasileiro para votar contra Portugal nos próximos debates a realizar nas Nações Unidas sobre o estatuto das províncias ultramarinas portuguesas.

Até agora, o Brasil, alegando a existência de «laços afectivos especiais» com Portugal, nunca votou, na ONU, a favor das resoluções condenando a política portuguesa em Africa.

CAMPANHA ELEITORAL FRANCESA

O candidato da esquerda unida foi delirantemente aclamado

PARIS, 26 — (R.) — A campanha presidencial do socialista François Mitterrand ganhou hoje extraordinário calor e animação quando o candidato da esquerda unida foi delirantemente aplaudido num dos mais gigantescos comícios políticos ocorridos nos últimos tempos em França.

Mitterrand — que disse sentir que a presidência está cada vez mais ao seu alcance — foi apoteoticamente aclamado na noite passada nos arredores de Paris, por uma multidão que os organizadores computaram em cerca de 100 000 pessoas.

A Polícia avaliou o número em 80 000 pessoas, que se aglomeraram num vasto salão de exposições da Porte de Versailles com o tamanho de cinco campos de futebol.

O comício constituiu um dos principais programas da sua campanha e Mitterrand discursou com o apoio de George Marchais, dirigente do Partido Comunista francês.

O comício da frente unida das esquerdas foi a culminância de um dia quiçá dos mais ocupados e movimentados da campanha política para a presidência.

Anteriormente, Mitterrand teve um debate transmitido pelas redes nacionais da Rádio e Televisão com Valéry Giscard d'Estaing, ministro das Finanças e seu mais perigoso rival pelas direitas.

O debate deixou os dois homens roucos depois de uma discussão tempestuosa sobre Economia.

Mitterrand procurou atirar as culpas da inflação para cima do ministro das Finanças, que por sua vez tentou retratar o candidato das esquerdas como o precursor do comunismo em França.

Os dois políticos lutaram bravamente pelas suas convicções e a certa altura Mitterrand, num momento de maior exaltação de Giscard d'Estaing, pediu-lhe que tivesse mais moderação, ao que o ministro das Finanças respondeu com fina ironia que tomara ele que Mitterrand soubesse o que era «moderação».

Nem um nem outro mencionaram uma só vez que fosse o candidato gaullista Chaban-Delmas, que está a perder cada vez mais terreno nas sondagens à opinião pública e que corre o sério risco de ser eliminado da corrida presidencial na primeira volta do escrutínio.

Apenas os dois candidatos com mais votos obtidos na primeira volta do escrutínio disputarão o segundo e vital escrutínio disputarão o segundo e crutínio do dia 19.

Pugilato

TOUR (França), 26 — (R.) — Uma jovem tirou a blusa, e registaram-se cenas de pugilato entre manifestantes e contínuos e foram arrancados os fios dos microfones quando cerca de 5.000 pessoas, aos gritos, interromperam ontem, à noite, um comício a favor do candidato presidencial Jean Royer.

APOS AS ELEIÇÕES

Criação de Estados negros nos planos sul-africanos

JOANESBURGO, 26 — (R.) O Partido Nacional, que governa a África do Sul e que introduziu o «apartheid» no Mundo, ganhou mais três lugares na eleição de quarta-feira, dispondo agora de um total de 122 e de uma maioria de 75. O Partido Unido, o vencido na consulta às urnas, obteve 41 lugares, ou seja menos cinco do que na última eleição. Entretanto, aumentou o apoio ao pequeno Partido Progressista.

Após serem informados os resultados oficiais, o primeiro-ministro John Vorster declarou: Penso que é inevitável que esteja em perspectiva um [illegible] namento nas fileiras da oposição».

As observações de Vorster repetiram aquilo que muita gente pensava — que os dinâmicos progressistas, que viram aumentados os seus lugares de um para 6, poderão muito bem renascer e até mesmo alterar todo o carácter da oposição parlamentar.

O Partido Unido em desordem por resultado de disputas internas e o grande ataque dos progressistas; os ganhos do Partido Nacional não atingiram grandes proporções e a sua percentagem da votação total, 51,1 por cento, era quase igual à da última eleição, em 1970.

Contudo, grande maioria do eleitorado e a completa falta de êxito do Partido Nacional Herstigte, ultraconservador, deram a Vorster o que os seus críticos classificaram como um «cheque em branco» para os próximos cinco anos.

O seu sucesso em manter em respeito qualquer movimento nas fileiras da direita poderá encorajar Vorster a prosseguir rapidamente com a edificação do pilar principal na sua política denominada «apartheid positivo», a independência de zonas delimitadas onde são obrigados a viver africanos.

Estando agora desacreditados os avisos do Partido Unido acerca dos perigos de criar Estados negros na África do Sul, as primeiras diligências de Vorster poderiam muito bem ser na direcção do Transkei, a maior, mais antiga e mais desenvolvida daquelas áreas, que pretendem a independência dentro de cinco anos.

Mesmo arriscando-se a vigiar um Estado recém-nascido, embora sujeito a restrições, quando participar na próxima eleição, alguns observadores desta cidade suspeitam que Vorster poderá ir para a frente para completar os seus planos nesse campo dentro de tão pouco tempo como três anos.

A Imprensa inglesa comenta o levantamento militar português

LONDRES, 26 (F.P.) — O levantamento militar em Portugal que marca o fim do regime do dr. Marcelo Caetano é anunciado hoje em grandes títulos pela Imprensa britânica e suscitã numerosos comentários.

«Rendição (Daily Express), «As Froças Armadas derrubam os ditadores» (Daily Mail), «A Junta Portuguesa compromete-se a restabelecer a Liberdade» (Guardian). «Os rebeldes portugueses afirmam dominar a situação depois da rendição do dr. Caetano» (Times). «Os rebeldes apelam para o general Spínola depois de um golpe de Estado» (Daily Telegrapf). Tais são alguns dos títulos a toda a largura da página dos jornais.

Num editorial, o «Times» (independente) escreve: «Há certo tempo que se tornava evidente a tensão criada em Portugal pela guerra que travava em Africa o arcaico regime de Lisboa. Portugal acabou por perder a vontade de prosseguir o último combate da retaguarda travado por um potência europeia em Africa»

«Sob o ponto de vista da paz no mundo» — conclui o jornal independente — «o perigo que apresenta a situação actual consiste no facto da retirada dos portugueses da Africa constituir um primeiro passo para a escalada da guerra no sul da Africa, da mesma forma que a retirada dos franceses foi um primeiro passo para a escalada da guerra na Indochina.

Nova agressão esperada em Conakry

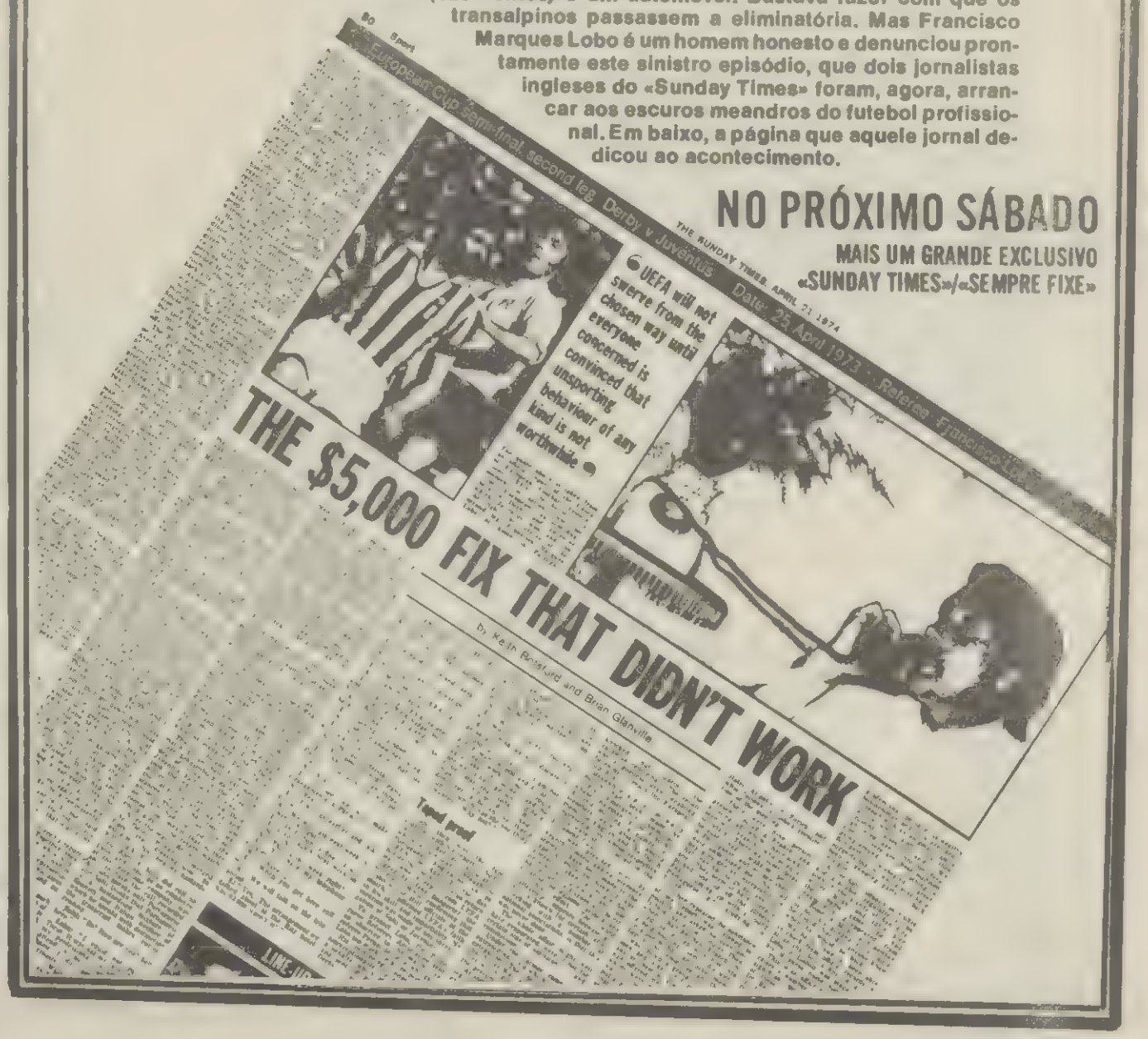
DACAR, 26 (R) — «Está em preparação uma nova agressão ao povo da Guiné a ser desencadeada na semana começando em 29 de Abril» — anunciou a noite passada a Rádio Conakry captada em Dacar.

«Esta nova agressão» — continuou — que será duplicado da agressão de 22 de Novembro de 1970, é apoiada material e estrategicamente pelos países limítrofes da Guiné».

sempre fixe

TENTATIVA DE SUBORNO DUM ÁRBITRO PORTUGUÊS

Oito e meia da tarde do dia 27 de Março de 1973. O telefone tocou na modesta casa do Barreiro onde habita o árbitro português de futebol Francisco Marques Lobo, escalado para dirigir um encontro entre o Derby County e o Juventus, a contar para a segunda «mão» da meia-final da Taça da Europa, que havia de realizar-se no mês seguinte. Aquela chamada marcou o início de uma tentativa de suborno por parte dos italianos que, se tivesse sido aceite pelo juiz português, lhe podia ter rendido cinco mil dólares (125 contos) e um automóvel. Bastava fazer com que os transalpinos passassem a eliminatória. Mas Francisco Marques Lobo é um homem honesto e denunciou prontamente este sinistro episódio, que dois jornalistas ingleses do «Sunday Times» foram, agora, arrancar aos escuros meandros do futebol profissional. Em baixo, a página que aquele jornal dedicou ao acontecimento.



NO PRÓXIMO SÁBADO

MAIS UM GRANDE EXCLUSIVO «SUNDAY TIMES»/«SEMPRE FIXE»

O cerco à D.G.S- (PIDE)

Esta madrugada, depois de evacuada a multidão de civis que no Chiado — na Rua António Maria Cardoso e na Rua Duque de Bragança, protestava contra o assassínio, pela Direcção Geral de Segurança (Pide), de vários manifestantes, forças do Regimento de Cavalaria 3, comandadas pelo capitão Moura, fizeram as primeiras prisões de elementos daquela corporação policial.

Segundo nos informaram os militares ali presentes à meia-noite, elementos da DGS entregavam-se ao Exército em «grupos de três e quatro». Os prisioneiros, depois de desarmados eram levados para o comando do Movimento das Forças Armadas.

Também segundo nos informaram elementos do Exército, membros da DGS terão disparado cerca das 23 horas tiros contra civis, que, no Rossio, se manifestavam contra a guerra nas colónias.

Ao princípio da madrugada, toda a Baixa encontrava-se já inteiramente dominada por forças do Movimento.

Um capitão que participou no cerco ao quartel da GNR, no Largo do Carmo, disse-nos ter ordens para evitar derramamento de sangue, mas também para «não perdoar à Pide, nem à Legião».

Pelas 3 e 30, uma força de fuzileiros navais começou o cerco do quarteirão em que se encontra instalada a DGS (PIDE). A sede do Sindicato Nacional dos Jornalistas, na Rua Duque de Bragança, fora anteriormente ocupada por uma força militar. O cerco à D.G.S. era nessa altura efectuado também por forças da Polícia Militar, dos Fuzileiros Navais (armados de «bazookas») e de outras unidades.

Segundo informações que nos foram fornecidas por um oficial das forças sitiantes, os agentes daquela corporação policial teriam ameaçado assassinar os democratas presos na cadeia de Caxias, no caso de serem atacados pelo Exército.

À mesma hora, o forte de Caxias continuava a ser dominado pela sua guarda normal, constituída por uma força da GNR, e por agentes da DGS. À porta da Prisão-Hospital de S. João de Deus, a cerca de 500 metros do forte de Caxias, encontravam-se muitas dezenas de familiares e amigos dos detidos. O director da prisão-hospital, dr. Carlos Meira, declarou-nos que aguardava a todo o momento a chegada de uma força de fuzileiros navais.

Na verdade, como nos disse na Rua António Maria Cardoso um dos oficiais que comandava a força de fuzileiros navais, um dos objectivos prioritários do Movimento das Forças Armadas era a ocupação do forte de Caxias e a libertação dos democratas que ali se encontravam presos. Todavia, este objectivo não pôde ser cumprido dentro do horário previsto.

Até às 3 horas, já haviam sido executados dois agentes da Pide. Um deles, cerca das 22 horas, durante um recontro em que participou uma autometralhadora. Neste combate também teria sido mortalmente atingido um soldado. O outro agente da Pide foi morto quando fugia pela Rua Garret, por não ter obedecido a uma ordem dada pelas forças sitiantes. Por outro lado, doze agentes da DGS já haviam sido feitos prisioneiros pelas forças do Exército ao fugirem da sede daquela corporação policial.

Às 3 e 25, chegou às imediações da sede da Pide o capitão-de-fragata António Alves Rosa Coutinho, que assumiu o comando das operações. Era acompanhado por um oficial superior da Armada. O comandante Rosa Coutinho disse-nos que os presos de Caxias não estavam esquecidos. Informou-nos, também, que as forças sitiantes eram constituídas por 180 fuzileiros navais, forças da Polícia Móvel, da Polícia Militar (também armada de «bazookas»), um tanque, autometralhadoras e outras viaturas de guerra. Acrescentou que esperava um reforço de 200 fuzileiros navais

Nas imediações da Rua António Maria Cardoso, encontravam-se também estacionadas numerosas ambulâncias e algumas viaturas dos bombeiros. No Largo de Camões, centenas de pessoas, na sua grande maioria jovens, acompanhavam o desenrolar das operações, incitando os militares a aniquilar a resistência da DGS.

Um «pide» detido, ante a multidão, pelas Forças Armadas

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco de Borja, 24
Todas as noites 22 h
Dom. 16 horas
2.ª — Descanso
DOROTEIA
De Nelson Rodrigues
Encenação de Morais e Castro
Marc. Tel. 677299
G. D. — Maiores 18 anos
Sub. Fundo Teatro

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Caeaca e Martins, Lda., P. Visconde Abrantalha, 15 — ABRANTES

RENDIÇAO DE LANCEIROS-2

As três horas da madrugada, o Rádio Clube Português transmitiu o seguinte comunicado do Movimento das Forças Armadas: «Como é do conhecimento geral, foi há pouco transmitido pela Radiotelevisão portuguesa e pelas estações emissoras uma proclamação da Junta de Salvação Nacional dirigida ao País, onde são definidos os objectivos gerais do Movimento das Forças Armadas, que, interpretando o sentimento da Nação, acabam de derrubar o Governo. Entretanto, informa-se que a situação se encontra totalmente controlada, tendo-se rendido o Regimento de Lanceiros 2 e o G.D.A.C.I., em Monsanto, e encontrando-se os ex-membros do Governo sob custódia do Movimento. Continua a recomendar-se à população o acatamento estrito das indicações da Polícia Militar, Polícia de Segurança Pública e Brigadas de Trânsito, contribuindo assim para a manutenção da ordem que todos desejamos se mantenha inalterada.

Avisam-se as unidades de que algumas delas serão rendidas, na ocupação dos objectivos, por forças do Regimento de Caçadores Pára-Quedistas».

televisão

HOJE
1.º Programa (22.00)
ANTOLOGIA
«Um Pedido de Casamento»
Filme baseado numa obra de Guy de Maupassant e realizado por Jean L'Hote. Os principais papeis estão confiados a Gabrielle Doulcet e Paul Le Pearson.
2.º Programa (22.55)
SÉRIE DE AVENTURAS
«Randall e Hopkirk»
Com Mike Pratt, Kenneth Cope e Annette André nos protagonistas.
SIEMENS ESTORIL

HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «TV Funnes»
13.00 Saber não faz mal
13.15 «George»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Fim-de-semana
14.30 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.25 «O Diário das Fábulas»
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 TV infantil
20.00 Cartaz TV
20.25 A marcha do mundo
21.00 Caminhos de Arraiolos
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Antologia «Um Pedido de Casamento»
22.30 Telejornal — 4.ª edição
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Saber não faz mal
21.00 «George»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Variedades
22.55 «Randall e Hopkirk»
23.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «O Feiticeiro de Oz»
13.00 O caso da semana
13.15 «Os Garotos do 47 A»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Hoje pode ver
14.05 Dó Lá Si
14.35 TV Educativa
15.00 Sabe quem foi Amália Luazes?
16.10 Desenhos animados «Flintstones»
16.35 Estúdio sem marcação
17.15 «Os Waltons»
18.05 Motivos de poesia
18.15 Teledesporto
18.40 Skippy
19.05 A cozinha ao alcance de todos
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 E a vida continua ...
20.00 Ensaio
21.00 Se bem me lembro
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 «Julie Andrews Show»
22.50 «Pesquisa»
23.50 Telejornal — 4.ª edição
23.35 Fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados «O Feiticeiro de Oz»
20.45 O caso da semana
21.00 «Os Garotos do 47 A»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 «Médicos de Hoje»
22.50 Museu do cinema
23.45 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H de S. Maria	73 0231	C. Águas	38 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário.
16.05 Melodias do cinema
16.30 «Convívio»
18.05 Ao encontro da melodia
18.30 «Forças Armadas»
19.05 Passatempo musical
19.30 «Recordar é viver» por Maria Natália Bispo
20.00 Jornal da noite
20.30 1.º episódio do folhetim «O Ourives do Rei» de Alexandre Dumas, numa adaptação de Alice Ogando
20.50 Solos de orgão
21.00 Momento 74
21.30 Música portuguesa
22.00 Noite de teatro: — «Maria Stuart» de Schiller.
23.32 De um dia para o outro por Fernando Correia
00.00 Sinal horário.

2.º Programa

16.00 Ciclo do Barroco Italiano
16.45 Música da vanguarda
17.00 Música de cravo
17.30 O compositor da semana: George Bizet
18.00 Música e músicos portugueses
20.00 Jornal da Noite
20.30 Concerto pelo grupo vogal feminino Harmonia
20.50 Filatelia, pelo dr. Silva Gama
21.00 Música sinfónica pela orquestra nova filarmónica dirigida por Otto Klemperar
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho.

Programa Estereofónico — MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Música de Alban Berg e Schostakovich
23.04 Canções italianas de Hugo Wolf interpretadas pelo barítono Fischer-Dieskau e pelo sopr. Elisabeth Scharwkoff. Ao piano Gerald Moore
23.28 Música de Câmara: a noite transfigurada op. 4 (Schonberg).
24.00 Música de piano de Beethoven e Brahms
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
16.02 Programa Movimento
21.03 Portugal além da Europa
21.15 Música para meditar
21.30 Quando o telefone toca.
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Rubrica policial do inspector Varatojo
23.19 Presença do fado
23.30 No mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário Rural
07.00 Talismã

Modulação de Frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Em órbita 1
21.02 Boa noite em FM
22.02 Clube à Gô-Gô
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
16.00 Diálogo
16.22 Palavra do dia No final — Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 (Jornal do serviço de noticiários e reportagens de Rádio Renascença)
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.06 Programa dos sócios
22.00 Quando o telefone toca
23.30 Esquema,
13.05 A 23.ª Hora

EMISSORES ASSOCIADOS

RÁDIO GRAÇA
Das 6.00 às 10.00 das 14.30 às 17.00

RÁDIO PENINSULAR
Das 10.00 às 12.00 e 19.30 às 22 00

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 12.00 às 14.30

RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 17.00 às 19.30 e 22.00 às 02.00

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral pouco nublado o vento era fraco e havia neblina em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H.

PORTO	13º
P. DOURADAS	9º
COIMBRA	13º
PORTALEGRE	11º
LISBOA	13º
FARO	16º
FUNCHAL	15º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima 23,0º
MONTALEGRE
Mínima 1,0º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar	14,2º
Atmosfera	12,2º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.39	3,6 m		
18.57	3,7 m	12.13	1,0 m
Dia 27			
7.31	3,5 m	0.47	1,0 m
19.51	3,6 m	13.05	1,2 m
Dia 28			
7.31	3,5 m	0.47	1,0 m
19.51	3,6 m	13.05	1,2 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado por vezes muito nublado, vento fraco de Norte, possibilidades de aguaceiros.

AMANHÃ

NASCER ÁS 6.46
OCASO ÁS 20.24

DIA 29 | DIA 6 | DIA 14 | DIA 21

Farmácias de serviço

LISBOA

TURNO B-1
ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Boa Hora, Rua dos Quartéis, 25 (Telef 637777)
ALVALADE
Paris, Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Água) (Telef 710131). Ideal, Av Almirante Gago Coutinho, 49-A (Telef 712803); Neoterápia, Campo Grande, 138 (Telef 774682)
AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Avenida S João de Deus) (Telef 724941)
ARROIOS
Oriental de Lisboa, Rua de Arroios, 215 (Telef 45079)
BAIRRO ALTO
Labor, Rua Diário de Notícias, 81 (Telef 323428)
BAIRRO AMÉRICA
Martins, R Fernão Magalhães, 33 (Telef 849448)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Telef 310172)
BAIXA
Estácio, Rossio, 63 (Telef 327067-324224)
BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (Telef 702532)
CAMPOLIDE
Central de Campolide, R General Taborda, 17 (Telef 680304)
CAMPO DE OURIQUE
Portírio, Rua Francisco Metrass, 59 (Telef 663349)
CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Telef. 780181).
CONDE REDONDO
Davi, Rua Conde Redondo 68-72 (Telef. 54342).
ESTRELA
Soares, Av Pedro Alvares Cabral, 1 (Telef 684282)
GRAÇA
Morão, Largo da Graça 63 (Telef 860700).
INTENDENTE
Góis, Rua dos Anjos, 12-12D (Telef. 840101).
LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, lote 12-C (Telef 790704)
RESTELO
Ocidental, Rua D Jerónimo Osório, J.M.P., 3 (Telef. 610256)
SANTOS-O-VELHO
Fontoura de Carvalho, Rua Santos-o-Velho, 12 (Telef 662075
S SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres, Av Luis Bivar 69 (Telef 47213
XABREGAS
Romana, R Actor Augusto de Melo, 7-A (Telef. 383800)

TURNO B-2
(TODA A NOITE)

AJUDA
Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 117 (Telef 633288)
ALFAMA
Arneiro, Rua das Escolas Gerais, 88-A (Telef. 863940).
ALVALADE
Gasparinho, Rua Dr Gama Barros, 45-A (Telef 710465).
Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (Telef 712070)
AREEIRO
Onilda, Av João XXI, 13-A (Telef 726848).
AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av João Crisóstomo, 44-C (Telef 40592), Universal, Rua Actor Taborda, 5 (Telef 44158)
BAIRRO ACTORES
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (Telef 842152)
BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, Rua Forno do Tijolo 40 (Telef 841122)
BAIXA
Morão, Rua da Assunção, 17 (Telef 321289)
BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica 429 (Telef 780027-789965).
CAMPO GRANDE
(Ver Alvalade e Lumiar).
CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho 232-C (Telef 650760)
CAMPO PEQUENO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Av Sacadura Cabral) (Telef 770776)
ESTRELA
Paivas e Parente, Rua de Santo António à Estrela, 96 (Telef 66196)
LUMIAR
Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Telef 790942)
MARVILA
Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Telef 381612)
OLIVAIS
Higiene, Rua Cidade Vila Cabral (ex-Rua B, 4), lote 43, zona Poente (Olivais Sul) (Telef 310026)
PENHA DE FRANÇA
Nova Luz, Rua Domingos Jardo, 28-A (à Avenida D Afonso III) (Telef 843439)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Pichelaria, 140-B-C (Telef 720703-728395)
REGO
Pratas e Mota, Rua da Beneficência, 91 (Telef 773728)
RESTELO
Tanara, R Rodrigo Rainel, 3-A (a encosta do Restelo próximo dos Moinhos) (Telef 611814)
SANTO AMARO
Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (Telef 637020)
S. PAULO
Central, Rua de S. Paulo, 108 (Telef. 320383).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miradouro, R. António Granjo, 2 (Telef. 213161)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco (Telef. 2435147)
OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Telef. 2430891)
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Telef. 2471204)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Telef. 263052)
ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (Telef. 260191)
CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19.41 (Telef. 280141)
Cascais, R Conde de Monte Real-Bº Caixas (Telef 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I -Lote 146-Bº Janeiro (Telef. 932756)
Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef 932210)
Igreja, P da Igreja, 22-A (Telef. 937740)
Jardim, Av. Conde Oeiras, loja X-1 Reboleira (Telef. 938424)
DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461)
VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Telef 972530)
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 15 (Telef. 950043)
Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Telef. 951641)
CACÉM
Araújo e Sá
MEM MARTINS
Quimia, Est Mem Martins 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)
SINTRA
Marrazes, L. Afonso Albuquerque (Telef. 980058)
COLARES
Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
ALHOS VEDROS
Guimão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)
ALMADA
Silva Júnior (Telef. 278030)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef. 224302)
BARREIRO
Pimenta, R. Cons.º Joaquim António de Aguiar, 12 (Telef. 2073443)
COVA DA PIEDADE
Louro
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Telef. 230008)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar, (Telef. 229471)
SETÚBAL
Costa, L. da Misericórdia, (Telef. 22760) Brasil, P. do Brasil, (Telef. 24788)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

PORTO

7.º TURNO

SUB TURNO A

Alírio de Barros, Suc., Rua de Costa Cabral, 240, Central, Rua Santo António, 203; Gomes Carneiro, Rua de Cedofeita, 348, Magalhães, Rua de Serralves 566 Nova de Monsanto, Rua de Monsanto, 148, Ribeiro Júnior, Sucr.ª, Rua Firmeza, 99-A.

SUB TURNO B

Correia, P M de Albuquerque, 50, Corujeira (da), R S Roque Lameira 1473 Couto, L. S. Domingos, 106, Lapa (da), R Antero Quental, 211, Luso-Francesa, Rua Sá da Bandeira, 140.

COIMBRA

TURNO H

Montes Claros, R Dr António J de Almeida 69 (T 25904), Viegas e Coelho, R da Sofia, 19-21 (Tel. 22089)

cinemas

ROXI (Tel. 48560)
21.45 Estreia
(Grupo D -18 anos)
Color de Luxe Reze para que não seja verdade! A LENDA DA CASA ASSOMBRADA com Palmbca Franklin, Roddy McDowal, Clive Revill e Cayle Hunnicutt

MUNDIAL (T. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana! Colorido
Barbra Streisand e Robert Redford O NOSSO AMOR DE ONTEM

CONDES (Tel. 322523/326710)
21.45 Estreia
(Grupo D-18anos)
Color de luxe. Mete medo até aos proprios profissionais O ESQUADRÃO INDOMAVEL com Roy Scheider e Tony Lo Bianco

CASINO ESTORIL (Tel. 264821)
17.00 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Technicolor, Panavision
O PISTOLEIRO DO DIABO com Cleant Eastwood e Verna Bloom

ESTÚDIO APOLO 70 (T. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
5.ª Semana! Technicolor
Um dos 10 melhores filmes do ano! AMERICAN GRAFFIT (NOVA GERAÇÃO) de George Lucas
Hoje às 24.00 horas O Riso da Meia-Noite (Grupo D-18 anos)
SUITE EM HOTEL DE LUXO de Arthur Miller com Walter Mathau

LONDRES (T. 731313)
21.45
Grupo D (18 anos)
Estreia
HIROSHIMA MEU AMOR
14.15, 16.30 e 18.45
Grupo D (18 anos)
Ultimas
O CONVITE

ALVALADE (Tel. 717480)
21.45 Estreia
(Grupo D-18 anos)
Mete medo até aos proprios profissionais O ESQUADRÃO INDOMAVEL com Roy Scheider e Tony Lo Bianco

EUROPA
21.30 Grupo D (18 anos)
VÊM A OS CABELUDOS

RESTELO (T. 610275)
21.30
Grupo C (14 anos)
Technicolor
COBRAS VENENOSAS com Strother Martin e Dick Benedict

IMPÉRIO (T. 555134)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Technicolor
Malcolm McDowell UM HOMEM DE SORTE um filme de Lindsay Anderson
Hoje
Grupo C (14 anos)
«Os Bons Velhos Tempos»
Realização de George Stevens O GIGANTE com Rock Hudson, Elizabeth Taylor e James Dean
(Metro. alameda)

ROYAL (T. 865037)
15.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
MATAR OU NÃO MATAR, EIS A QUESTÃO. Em complemento BANANAS

CINEARTE
21.30 Grupo D (18 anos)
O ULTIMO COMBOIO

BERNA (T. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
20.ª semana! Technicolor
TOdd-AO 35 mm
O filme de Norman Jewison JESUS CRISTO SUPERSTAR
Hoje às 00.30 horas Meia-Noite Fantastica (Grupo D-18 anos)
O HOMEM SINISTRO de Alfred Vohrer com Joaquim Fuchsberger

ROMA
Estreia às 21.30 Grupo C (18 anos)
OS HEROIS com Rod Stgrger e Rossana Schassissimo

ESTÚDIO 444 (T. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
28.ª Semana! Eastmancolor
O PORTEIRO Bernard Le Coq, Maureen Karwin e Michel Calabru
Hoje e amanha
00.30
Grupo D (18 anos)
«Cinema Fora de Horas»
MALTESES, BURGUESES E ÀS VEZES

POLITEAMA (T. 326305)
15.15, 18.15 e 21.45
Grupo A (6 anos)
3.ª Semana! Eastmancolor
EUSEBIO A PANTERA NEGRA

CINEMA CASTIL (T. 530194)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Eastmancolor
SEGREDOS PROIBIDOS Jacqueline Bisset
(Parque Castil)

PATHÉ (Tel. 821933)
21.45 Estreia
(Grupo D-18 anos)
Color de Luxe. Arranjem-lhe um sarilho e ele arranja-lhes um lindo enterro A ESPREITA DO SARILHO com Robert Hooks e Paul Winfield

MONUMENTAL (T. 555131)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana! Panavision Technicolor
Clint Eastwood HARRY O DETECTIVE EM ACÇÃO

18.30
Grupo B (10 anos) (Excepcionalmente)
«O Homem No Seu Tempo»
Um filme de D. A. Pennbaker EU SOU BOB DYLAN com Bob Dylan, Joan Baez e Donovan
Amanhã
00.30
Grupo D (18 anos)
Ante-Estreia
Burt Lancastre e Robert Ryan AO ÂO EXECUTIVA

ESTÚDIO (T. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana!
A obra-prima de Ingmar Bergman RITUAL (RITEN) com Ingrid Thulin
(Metro Alameda)

EDEN (T. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
10.ª Semana! Eastmancolor
Cantinflas AS ORDENS DE VOSSELÊNCIAS

ODEON (T. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
As artes marciais na máxima fero cidade CRUEL VINGADOR
15.15 e 18.15
Grupo B (10 anos)
O DELICADINHO NA MARINHA

AVIZ (T. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Eastmancolor
MALTESES, BURGUESES E ÀS VEZES Yola e Artur Semedo

SATÉLITE (T. 562632)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
6.ª Semana! Color
A obra prima de Nagisa Oshima CERIMONIA SOLENE

VOX (T. 720808)
ENCERRADO TEMPORARIAMENTE PARA BENEFICIAÇÕES

TIVOLI (T. 50595)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Technicolor
Paul Newman, Robert Redford e Robert Shaw A GOLPADA (THE STING) premiado com 7 Oscares incluíndo o do melhor filme e do melhor realizador!

S. JORGE (T. 54154)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Richard Chamberlain e Glenda Jackson TCHAIKOVSKY DEL RIO DE AMOR o celebre filme de Ken Russel

outros espectáculos

LISBOA, Teatros

MARIA MATOS
21.45 (14 anos)
«A morte de um caixeiro viajante»
VILLARET
21.45 (18 anos)
«A Dama de Copas e o Rei de Cuva»
MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Ver, Ouvir e ... Calar»
CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«A Menina Alice e o Inspector»
TEATRO MUNICIPAL DE S. LUIZ
21.45 (14 anos)
«Sábado, Domingo e Segunda»
CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Doroteia»
A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Com Parra Nova»
VARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Uma Rosa ao Pequeno Almoço»
LAURA ALVES
22.00 (18 anos)
«Zoo Story»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19.00 (14 anos)
«O Fabricante de foiras explosivas»
PARIS
21.30 (10 anos)
«A Grande Bronca»
JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«As Borboletas são Livres»
CINE MOSCAVIDE
21.00 (10 anos)
«O As Vale Mais»
SACAVÉM
S Jose
21.00 (18 anos)
«Os Detectives»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«Sartana mata tudo»
ESTORIL
Casino
17.00 - 21.30 (18 anos)
«O Pistoleiro do Diabo»
CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Mulheres é comigo»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João
21.30 (18 anos)
«Casei-me por engano»
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Smic, Smac, Smoc»
SINTRA
Carlos Manuel
(10 anos)
«Tarzan e as amazonas»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«A Túnica»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Simplesmente Revista»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Jesus Cristo Superstar»
S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Uma Mulher Perigosa»
JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos)
«O Porteiro»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Quando passam as cegonhas»
BATALHA
21.30 (10 anos)
«Cantinflas às ordens de Vosselência»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«40 Idade Perigosa»
ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
Jerry Enfermeiro Sem Diploma»
ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«A Máscara»
OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«A Rapariga Invencível»
VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«A Raiva do Tigre»
CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«O Magnífico Robin Hood» e «Matar ou Não Matar»
RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Zorba o Grego»
COLISEU
21.30 (14 anos)
«Paixão Cigana»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Autopsia de um Crime»
AVENIDA
21.00 (18 anos)
«Projecção Privada»
TIVOLI
21.30 (14 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

EXPOSIÇÕES

ARCADAS DO PARQUE — Trabalhos de Vicente Besugo (das 10 às 22 h).

BELAS ARTES — Pinturas de Fernando Fernandes e Alberto Carneiro. (das 14 às 20 h.).

BUCHHOLZ — Trabalhos de Henrique Manuel (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.)

CASA DA IMPRENSA — Óleos de Jorge Ferreira (das 16 às 21 h., excepto sábados e domingos).

CASINO ESTORIL — Obras de Margarida Vigoço (das 15 às 3 h.).

COTA D'ARMAS — Trabalhos de José Maria Santos Zoio (das 15 às 22 h.).

DA VINCI — Pintura de Zal.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS — Óleos de Fernando Falpe (das 10 às 12.30 e das 14.30 às 19 h.).

DINASTIA — «Nove Pintores de Paris» (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

DIPROVE — Pinturas de Regina Alexandre (das 15 as 21 h, excepto aos domingos)

ESCOLA ANTÓNIO ARROIO — Exposição de pintura e artes gráficas (das 15 às 20 h.).

FUNDAÇÃO GULBENKIAN — Trabalhos de Etienne Hajdu (das 10 às 20 h).

FUTURA — Telas de Mota Macedo (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

GRAFIL — Objectos e guaches de Vítor Belém (Terças e quintas-feiras, das 15 às 24 h; restantes dias, das 10 às 13 e das 15 às 20 h.).

JUDITE DA CRUZ — Trabalhos de José Vaz Vieira (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.)

OPINIÃO — Desenhos de Renato Cruz (das 10 às 20 h)

OTTOLINI — Pinturas de Lima de Carvalho (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.).

PALÁCIO FOZ — Trabalhos de Turgut Zaim, Corália Forster e Acácio Miranda.

PRISMA 73 — Trabalhos de Garizo do Carmo (das 15 às 20 h. excepto domingos e às quartas-feiras das 15 às 24 h).

QUADRANTE — Trabalhos de Natividade Corrêa (das 10 às 13 e das 15 as 19 h.)

S. FRANCISCO — Exposição de Gravura Internacional (das 10 às 13 e das 15 às 19 h) Encerra aos domingos.

S. MAMEDE — Oleos de Carlos Botelho (das 10 às 13 e das 15 às 20 h.).

TÁVOLA — Aguarelas de Le Corbusier (das 11 às 20 h).

BARS BOITES

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais. T. 26461/264526/264586/264621/264946.

ESPADARTE CLUB — SESIMBRA Discoteca e acidentalmente fado ou musica de folclore interp por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. T. 229189.

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.

SOLAR DA HERMÍNIA Hermínia Silva, hoje e sempre. Largo Trindade Coelho, n.º 10-11 Encerra aos domingos. T. 320164.

TAMILA Marão e s/ conjunto. Matinées todos os dias Encerra aos domingos Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.

CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

Limpeza e Restauro de Carpetes

Consulte os serviços especializados da FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO. Pedidos aos escritorios Rua Conde Redondo, 64, 2. Dir Telef. 59288

Orçamentos grátis

DL/NACIONAL

DL
[illegible]
REDACÇÃO [illegible]
RUA CASTIL[illegible]
TELEF 654511/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA
END TEL DIBOA TELEX [illegible]
LISBOA PORTUGAL

PROCLAMAÇÃO DA JUNTA DE SALVAÇÃO NACIONAL

Apresentada a Junta de Salvação Nacional, nos estúdios da R.T.P., pelo locutor Fialho Gouveia, seguiu-se a leitura ao País, pelo general António de Sinola, da seguinte proclamação:

«Em obediência ao mandato que me acaba de ser confiado pelas Forças Armadas, após o triunfo do Movimento em boa hora levado a cabo, pela sobrevivência nacional e pelo bem-estar do Povo Português, a Junta de Salvação Nacional a que presido, constituída pelo imperativo de assegurar a ordem e de dirigir o País para a definição e consecução de verdadeiros objectivos nacionais, assume perante o mesmo o compromisso de:

— Garantir a sobrevivência da Nação como Pátria soberana no seu todo pluricontinental;

— Promover desde já a consciencialização do Portugueses, permitindo plena expressão a todas as correntes de opinião em ordem a acelerar a constituição das associações cívicas e a regularizar tendências e facilitar a livre eleição por sufrágio directo de uma Assembleia Nacional constituinte, e a sequente eleição do Presidente da República;

— Garantir a liberdade de expressão e pensamento;

— Abster-se de qualquer atitude política que possa condicionar a liberdade de eleição, e a tarefa da futura Assembleia Constituinte, evitar por todos os meios que outras forças possam interferir no processo que se deseja iminentetente nacional;

— Pautar a sua acção pelas normas elementares da moral e da justiça, assegurando a cada cidadão os direitos fundamentais estatuídos em declarações universais e fazer respeitar a paz cívica, limitando o exercício da autoridade à garantia da liberdade dos cidadãos:

— Respeitar os compromissos internacionais decorrentes dos tratados celebrados;

— Dinamizar as suas tarefas, em ordem a que, no mais curto prazo, o País venha a governar-se pelas instituições de sua livre escolha;

— Devolver o Poder às instituições constituicionais, logo que o Presidente da República eleito entre no exercício das suas funções.»

Marcelo e Tomás estão na Madeira

Marcelo Caetano e Américo Tomás estão exilados na Madeira. O último foi levado de helicóptero para a Pontinha, dali tendo seguido em automovel para a Portela. Um avião militar transportou-o, então, ao Funchal.

Igualmente dois ex-ministros, Moreira Baptista e Silva Cunha, se encontram naquela ilha.

REACÇÃO FAVORÁVEL DO TERCEIRO MUNDO

NAÇÕES UNIDAS, 26 — (R.) — Delegados das Nações Unidas seguem com grande interesse os acontecimentos de ontem em Portugal — há muito tempo alvo de várias resoluções a pedirem o termo da sua política africana e a concessão de independência aos povos em sujeição.

Não foi feito qualquer comentário por parte do embaixador de Portugal dr. António Patrício, irmão mais velho do dr. Rui Patrício que era ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo de Lisboa. Por outro lado, nenhum dos outros membros da missão portuguesa fez qualquer comentário ao levantamento militar em Portugal continental.

Diplomatas do Terceiro Mundo acolheram geralmente com manifestações favoráveis o levantamento militar, ao mesmo tempo que permanecem cautelosos a respeito dos futuros acontecimentos na Africa portuguesa.

Alguns diplomatas exprimiram receios de que os aconteci-

WASHINGTON ATENTA

WASHINGTON, 26 — (F.P.) — O Governo americano segue de perto o levantamento militar que derrubou o Governo de Caetano. O porta-voz do Departamento de Estado, John King, indicou que o Governo se mantém em contacto frequente, por telefone, com a sua embaixada em Lisboa. Precisou que, ao que sabe, os acontecimentos em Portugal não causaram qualquer dano aos cidadãos americanos que vivem nesse país nem às instalações americanas, designadamente as da base das Lajes.

A particular atenção que o Governo americano dá ao que se passa em Portugal compreende-se melhor se notarmos que o Governo de Lisboa foi o único que se aliou aos Estados Unidos durante a última guerra do Médio Oriente, permitindo aos aviões americanos, que auxiliavam Israel, a utilização da Base das Lajes.

COMENTÁRIO DA TASS

MOSCOVO, 26 — (F.P.) — A Agência Tass deu ao fim da manhã de ontem a notícia do levantamento militar em Portugal e da intenção dos insurrectos de criar um «Conselho de Salvação Nacional».

«A crise profunda que Portugal vive — disse a agência — tem como causa principal a falência da política africana de Lisboa».

Spinola às Forças Armadas

O general António de Spínola, presidente da Junta de Salvação Nacional, dirigiu a seguinte mensagem às Forças Armadas:

«Aos bravos militares dos três ramos das Forças Armadas, expresso o meu agradecimento por mais este sublime acto de patriotismo a juntar a tantos outros praticados na defesa do Ultramar português e ainda pela exemplar disciplina e alta eficiência demonstradas no cumprimento da transcendente missão de que foram incumbidos a bem da Pátria. Bem hajam! Viva Portugal!»

Era fácil de prever

RIO DE JANEIRO, 26 (ANI) — O antigo governador do Estado da Guanabara, Carlos Lac[illegible] ontem à UPI que o ocorrido em Portugal era fácil de pr[illegible] qualquer pes[illegible] do o livro do [illegible] de Spínola [illegible]

[illegible] vou La[illegible] Spínola «de-[illegible] qual ser[illegible] rno por [illegible] mundial amante da paz e da liber[illegible] não pode senão regozijar-se an[illegible] fim de quase cinquenta anos [illegible] que privou de [illegible] o portu[illegible]

D[illegible] acres-[illegible] jornalista brasileiro, muito ligado à vida portuguesa — que o general Spínola de maneira alguma propugnou a liquidação das províncias portuguesas na África. «tendo porém prometido dar a todos os habitantes das mesmas o direito de decidir, com inteira liberdade, se desejam ou não continuar a ser parte de Portugal

O novo Governo português prosseguiu o antigo governador da Guanabara — deve receber o maximo apoio de todas as democracias do mundo, por [illegible]

[illegible] seguramente [illegible] der. O mais importante e que tratara de criar as condicões necessarias para a livre expressão da vontade popular

Finalmente, Lacerda desmentiu que tenha tido parte alguma na redação do livro do general Spínola, apesar dos rumores existentes.

Infortunadamente não é assim» — afirmou Lacerda à Imprensa

Muitos jornalistas bloqueados na fronteira

BADAJOZ, 26 (F.P.) Muitos jornalistas estrangeiros desejando seguir para Portugal ficaram bloqueados ontem à noite na fronteira hispano-portuguesa situada entre as cidades de Badajoz (Espanha e Elvas (Portugal). A fronteira foi encerrada pelas autoridades portuguesas ao princípio da noite às 19 e 30, enquanto durante o dia todo o tráfego no sentido Portugal-Espanha decorreu de forma normal.

A Junta Militar tal como apareceu esta madrugada nos «écrans» da televisão, vendo-se da esquerda para a direita: o capitão de fragata António Alva Coutinho, o capitão de mar-e-guerra José Baptista Pinheiro Azevedo, general Francisco da Costa Gomes, General António de Spínola, brigadeiro Jaime Silvério Marques e coronel Carlos Galvão de Melo. O sétimo elemento da Junta, general Diogo Neto não se vê na foto

mesa redonda

MUITOS SINDICATOS SÃO PESOS MORTOS -NA PÁG. CINCO

PROFESSORES MAUS NÃO SERVEM

Façam as reformas que quiserem Espalhem as escolas de norte a sul, de leste a oeste, de Lisboa a Quadrazais Construam edifícios modernos, cantinas, planos de estudo, organizem transportes fáceis, fomentem os audiovisuais e as bolsas de estudo Mandem mesmo que se democratize o ensino e tudo, que nós estaremos aqui para congratular-nos e prometemos aplaudir Ao mesmo tempo, esqueçam-se de estimular a preparação dos professores, obriguem-nos a entregar os nossos filhos a «agentes de ensino» sem qualificação real que nós estaremos aqui para contar a história do homem rico que levantou um palácio em cima da areia.

Diga-se o que se disser, é impossível fechar os olhos ao progresso dos últimos anos em matéria de investimento escolar, o que, ao contrário do que muitos sustentam não revela apenas o fosso anterior que nos envergonhava mas também o resultado de uma política educativa ao serviço do desenvolvimento do país, cada vez mais necessitado de agentes de trabalho produtivo. Como é que se vai depois distribuir o fruto dessa produção — isso é outro problema, que talvez já não seja da competência do Ministério da Educação. Isto para dizer que ao nível oficial alguma coisa se tem feito, embora se possam apontar defeitos, alguns graves até, sobretudo na maneira como não se desentopem nem se criam canais da participação.

Mas, ao nível particular, também se tenta fazer muito coisa e, quantas vezes, com uma generosidade só explicável pelo profissionalismo persistente

Convite ao debate

O ANO MUNDIAL DA POPULAÇÃO

O Ano Mundial da População está a passar quase totalmente despercebido entre nós. Parece, efectivamente, aceite que, sendo Portugal um dos países a braços com o perigo real do despovoamento, não nos atingem os riscos de degradação das condições naturais da sobrevivência humana pela iminência da superpopulação mundial.

Trata-se de pura ilusão. Primeiro, porque as causas do saldo demográfico negativo que temos vindo a registar nos últimos anos, poderão a todo o tempo, ser corrigidas pelo regresso da massa emigrada, quer devido à deterioração das condições de trabalho nas diversas partes do mundo onde se encpntra espalhada, quer pela melhoria desejável dessas mesmas condições entre nós. Segundo, porque, sendo real o ritmo de crescimento da população mundial e certo que os recursos da Terra não são inesgotáveis, só por misantropia nos poderemos considerar alheados dos problemas da Humanidade.

A convicção de que os recursos mundiais de subsistência não aumentarão em ritmo suficiente para as necessidades da humanidade que cresce, aliada à certeza de que, sem processos rigorosamente estudados, não haverá hipótese de suster o crescimento da população de forma a manterem-se inalteradas as possibilidades de vida na Terra, levou a O.N.U. a propor esta ano, ao mundo a meditação sobre a necessidade de se atingir o crescimento zero, ou seja, uma taxa de natalidade correspondente à da mortalidade.

O tema tem servido às mais desencontradas opiniões: uns crêem que qualquer tentativa de limitaçao da natalidade é reflexo de egoísmo, porquanto se procura assim impedir que «novos comensais se sentem à mesa da vida», em vez de se conjugarem esforços para aumentar as iguarias e reparti-las equitativamente; outros pensam que, a manter-se o actual ritmo de crescimento, nenhuma panaceia livrará o mundo da autodestruição próxima.

São posições extremadas, claro. Porque, se é desejável o «contrôle» científico dos nascimentos, não o é menos a equitativa distribuição das riquezas, de forma a dar-se a cada homem a possibilidade de realização total pela igualdade de oportunidades de acesso aos bens da civilização.

Estes os temas cujo debate, sempre oportuno, se nos afigura não dever ser escamoteado, minimizado ou iludido neste Ano Mundial da População, a entrar no quinto mês sem que em Portugal se tenha dado por ele.

TORQUATO DA LUZ

UM FALSO DILEMA:

PRODUZIR TRIGO OU CARNE

Se o plano de fomento frutícola, como dizíamos em artigo anterior («DL» 19-4-74) teve um grande sucesso, deve-se substancialmente a três factores: aptidão natural, mercados seguros e preços compensadores e uma base de investigação e experimentação.

A actividade pecuária, ao contrário, conheceu diversos planos de fomento, uns promulgados, outros que voltaram para as gavetas sem grandes resultados práticos. Se há mercados assegurados, a aptidão natural para a criação de gado, como em todas as regiões mediterrânicas é fraca relativamente à densidade pecuária que se consegue obter em outros climas com chuvas bem distribuidas todo o ano e durante a estação quente.

PORQUE HOUVE UM INCREMENTO DE PRODUÇÃO

Todavia apenas uma medida foi capaz de incrementar a nossa produção de bovinos, a carne mais em falta: a elevação de preços e os subsídios à carne de melhor qualidade dos novilhos entregues nos talhos (subsídio é afinal um preço melhor ao agricultor que não pesa no consumidor e melhor se poderia chamar subsídio ao consumidor).

Desta forma evitou-se a «matança dos inocentes» como judiciosamente se chamava à entrega maciça dos vitelos aos talhos. Estes desmamados e engordados constituiam aos dezoito meses ou dois anos (consoante a precocidade das diversas raças) uma tonelagem de carne só por si quase suficiente, sem aumento dos efectivos, para acorrer ao aumento do consumo que a melhoria do nível de vida determinara. **Assim, de 1964 a 1970, o consumo duplicou, mas a produção pecuária, como resultado dessas disposições, sofreu aumento mais rápido sobretudo entre 1968 e 1970.** As importações de carne bovina que em 1967 atingiram um máximo de cerca de 32 por cento do consumo total em 1970 desceram para cerca de 6,6 por cento desse consumo, dispensando quase as importações. Mas em 1971 e seguintes, o incremento da produção caíu e o consumo aumentou voltando-se às grandes importações.

Como eram engordados esses vitelos até se transformarem em novilhos, com as vantagens indicadas acrescidas ainda de melhor qualidade e sabor da carne de novilho em relação à vitela?

Fundamentalmente com produtos e suprodutos da produção de cereais, rações concentradas e alguma pastagem natural que era possível surripiar ao outro gado. Palhas e restolhos de trigo, de milho e de outros cereais, alguns cereais e sementes impróprias para o consumo humano e como elemento fornecedor da maior parte das unidades forrageiras (as calorias nos animais) as rações concentradas cujo fabrico aumentou enormemente nesse período. Ora as rações concentradas são fabricadas fundamentalmente com

cereais, (e de algumas partidas impróprias para o consumo humano), melaços, touteaux e outros subprodutos da indústria de alimentos. E aliás a forma utilizada em todos os países quando necessitam de aumentar rapidamente a produção de carne. Todavia conduz a preços de custo muito altos, dependentes das cotações internacionais dos cereais e outros componentes das rações e por isso se o preço da carne não é actualizado consoante o aumento de custo das rações, os agricultores desinteressam-se da operação e desfazem-se das vitelas directamente para os talhos.

PORQUE É POSSÍVEL PRODUZIR CARNE

Não temos suficientes contas ácerca do custo de produção de carne obtida por este processo. Conhecemos algumas que indicavam em 1968 lucros muito pequenos, se a grande empresa contabilizasse todos os encargos. Razão que talvez explique o facto dessas engordas de novilhos terem sido feitas, mesmo no Sul, em pequenas explorações de um ou dois animais apensos à casa de habitação do rural como é a engorda dos procos domésticos, sem contabilizar despesas do trabalho humano e de instalações.

Por outro lado a produção de carne se está ligada à produção de cereais própria ou alheia, está também fortemente ligada à produção do leite. São as vacas leiteiras as maiores fornecedoras de vitelos para essa engorda, como «subproduto» do leite. Fica muito caro criar vitelas de outra forma a não ser nas explorações de manadio do Sul desde que as manadas não sejam inferiores a duzentas cabeças. Em muitos países a maioria das vacas leiteiras são cruzadas com touros especializados em carne, para conseguir vitelos com melhor rendimento na engorda, reservando-se o renovo dos efectivos leiteiros às explorações especializadas em gado de boa estirpe.

OUTRAS SOLUÇÕES

Todavia não deixa de haver quem com razão, procure outras soluções para o problema. Um agrónomo dizia, com graça, em reunião recente, que importar cereais e leguminosas para fazer rações para engordar gado é quase a mesma coisa que importar a carne. Importar a fazenda ou já o pronto a vestir. Ora, a procura de outras soluções data pelo menos de há um século sem que no entanto se tenha resolvido o problema na prática. Consiste em criar gado com forragens de regadio (algumas áreas dos regadios estão por aproveitar) e semear forragens nos pousios dos cereais em vez da erva nascidiça, ou nos campos em que a impossibilidade da mecanização ou as baixas produções daquelas levou ao abandono da sua cultura.

Temos assim um grande **potencial de produção pecuária.** Desde Alexandre Herculano, Oliveira Martins e Ezequiel de Campos que o problema é formulado, atribuindo-se ao não aproveitamento desse potencial às mais diversas (e disparatadas) causas e não aquela que é a real: os custos de produção são demasiado elevados para os preços praticados entre nós e no mundo.

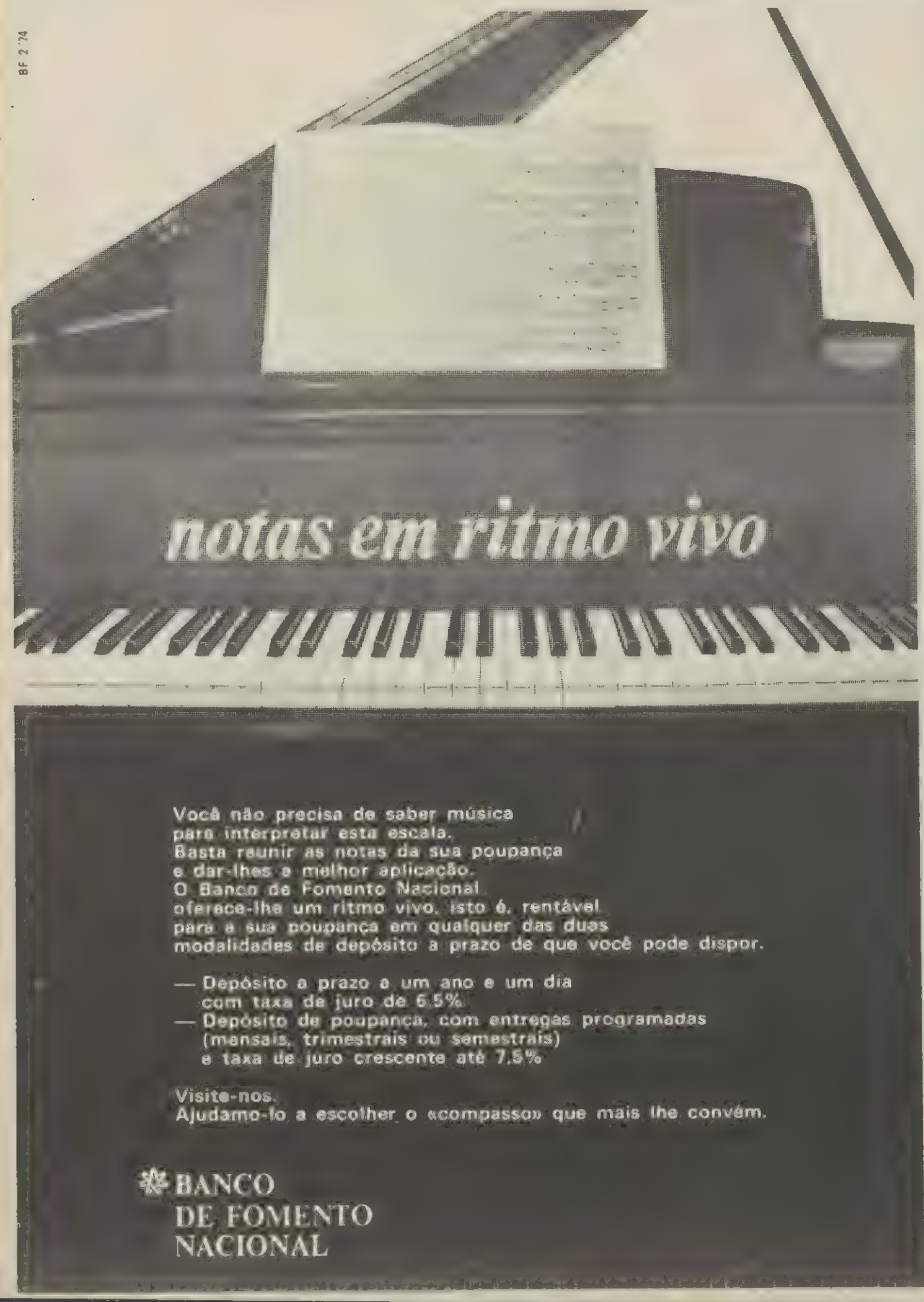
A nossa investigação agronómica tinha antes de tudo de encontrar um esquema de exploração pecuária com essas bases (cultivo de forragens de sequeiro e regadio) que fosse económico. A partir daí poder-se-ia pensar então em fomento pecuário. Pensamos já ter dado ideia aos leitores há tempos e em pormenor, dos erros de palmatória que se tem vindo a cometer desde o cultivo e estabelecimento de campos e divulgação de forragens sem o apuramento de resultados económicos até à elaboração de sucessivos planos (?) de fomento pecuário. Com essas falsas bases são mais «desejos» de fomento pecuário de que outra coisa. Havia até um que apelava para os bons sentimentos dos agricultores no sentido de produzirem carne que fazia tanta falta a Portugal.

OUTRO «DESEJO» DE FOMENTO PECUÁRIO

O mais recente desses planos em projecto já divulgado pelos agricultores mais evoluídos não deixa de os alarmar. Datado de 1972 (enquanto o seu corolário, o plano de investigação é datado de 1973, mostrando só por isso o erro de planeamento) começa pela afirmação disparatada de que não há incremento da pecuária por causa da protecção à cultura do trigo o que desvia a atenção dos agricultores dos «benefícios» daquela actividade. Se ao menos as pessoas que redigem planos de fomento pecuário tivessem um elementar conhecimento do campo, verificariam que a nossa pecuária existe com a expressão actual porque se pratica a cultura cerealífera.

Sem ela as terras eram matagais só próprios para cabradas ou vacadas bravas com pouca densidade por unidade de superfície.

Apenas conhecemos dois esforços meritórios para determinar preços de custo de gado criado com forragens de regadio e sequeiro. Um de uma em-



FORMAÇÃO PROFISSIONAL AGRÍCOLA

A Junta de Colonização Interna continua a fazer cursos de agricultura. Ora os Cursos de Empresários Agrícolas (C E A) são absolutamente necessários mas em outros moldes. Aprende-se muita doutrina, muita teoria, mas que não assenta sobre bases sólidas, sobre um resquício de formação profissional e sequer de formação humana. Nos outros cursos ainda se aprendem algumas coisas proveitosas para o progresso da exploração, se bem que, teimamos em dizer, se devessem aprender muitas mais. Estes cursos deviam decorrer nas próprias explorações e em zonas restritas com características comuns de solo, clima e potencialidades. Assim os cursos seriam autênticas missões junto dos mais interessados e do meio onde estivessem inseridos. Estes cursos deveriam ser precedidos por um estudo sério, na região de influência, de tudo o que facilitasse no futuro, a dimensão das explorações, as opções culturais a fazer, os estudos de irrigação ou de drenagem aconselháveis, as vias de acesso necessárias e muitas mais coisas.

Os cursos de formação agrícola têm falhado porque não têm sensibilização prévia nem são acompanhados de apoio técnico posterior

E imperioso encontrar-se uma política agrícola regionalizada para se saber as metas a atingir, nas diferentes regiões, e dar um objectivo concreto aos empresários que frequentassem tais cursos. Claro que, neste momento, não se pensa nisso nem se topam quaisquer experimentações que mostrem seguramente o que fazer no futuro. Atacar as coisas pela rama é normal e ser-se paladino do futuro com alicerce real custa e exige muito saber, disponibilidade e doacção total à causa rural esquecendo o risco da previsão. O argumento de que os cursos realizados no próprio local saem mais caros não convence. Basta termos em conta as despesas efectuadas com deslocações e estadias em hotéis. O argumento só pode ser outro: **dificuldade em conseguir técnicos que se disponham a sair da cidade para irem fazer cursos por esse Portugal além.** Ora, entendem os lavradores que a **iniciação e até os novos graus devem ser feitos nas terras deles, na ecologia própria**

Porque teimam os chefes dos respectivos serviços em remar contra esta corrente? Por outro lado cremos ver uma preocupação demasiada em justificar as estruturas existentes (os Centros) e apresentar números de cursos e de estagiários.

CURSOS DESADAPTADOS

Nestes cursos quiseram aplicar, sem mais delongas, a metodologia francesa, mas não tiveram o cuidado de fazer as devidas adaptações, de acordo com o nível da massa empresarial de lá e de cá... Qual será a rentabilidade da aprendizagem nos Cursos de Empresários? Que inovações fizeram nas explorações? Qual a produtividade do capital investido nesses cursos? E esse capital não é tão pouco como isso...

Qualquer dos cursos exige este conjunto de princípios base: prémentalização, recrutamento criterioso, adaptação do programa ao caso específico, acompanhamento no pós-curso, localização na região do estagiário e usando tanto quanto possível a própria exploração.

A condição essencial, ainda anterior a qualquer destas, é a preparação adequada do pessoal docente. Para dar **formação** não bastam técnicos quaisquer. Além de **profissionalmente sabedores**, exigem-se **pessoas integralmente válidas**, que saibam ensinar, que se devotem ao ensino, com forte sentido dos outros e do bem comum, sendo os centros dirigidos por técnicos superiores.

Os Cursos de Telepromoção Rural, foram uma falência de tal ordem que tiveram que acabar. Também se tentou transplantá-los da versão francesa nas não se soube. Estive em França e vi como se faz telepromoção rural. O maior número de centros de telepromoção era dominado pela Jeunesse Agrícole Catholique, e a «coisa» andava, funcionava.

Cá, esses cursos nasceram, nem se sabe bem se na J.C.I. se na telescola, mas a colaboração deteriorou-se e findou. Enfim, findaram, porque tinham que findar mesmo. Depois do que vi, nas cartas que me endereçaram alguns dos frequentadores desses cursos, e do que ouvi deles, creio que foi melhor acabá-los. Nada daquilo que devia ser feito a tempo e horas estava a ser respeitado, e foi pena, pois que pela sua essência podiam ser uma interessante forma de formação dos nossos lavradores. Mas nasceu no signo da confusão. Para além do método não ter sido aplicado, aconteciam demoras escusadas na entrega aos lavradores da documentação escrita e preparatória das sessões. Como remate a preparação dos animadores não satisfez. Mas os cursos acabaram e, portanto, deixemo-los em paz.

Ainda que aparentemente nada tenha a ver com a Formação Profissional Agrícola, não se pode separar da actuação desses cursos o aparecimento e trabalho das chamadas **Brigadas de Sensibilização das Populações Rurais**, com uma das quais trabalhámos durante algum tempo. Só um trabalho em profundidade interessa iniciar, encontrando os problemas, sensibilizando as pessoas para eles, fazendo-as reflectir e encontrar soluções a contento das populações. Mais uma vez fazemos notar a preparação dos seus constituintes, lembrando que a admissão de pessoal é da responsabilidade dos chefes e se ele não presta...

Uma coisa é certa, não vale a pena que saiam brigadas para trabalharem com tempo limitado como foi o caso daquela que esteve na Murtosa e a que dei apoio. Estiveram horas junto dos ex-estagiários dos Cursos de Iniciação Agrícola, mas isso não adiantou nada ao seu saber ou à resolução de problemas. De tudo isto deram conhecimento ao chefe da Brigada, (um homem competente, isso não estivesse em causa).

UM «AVISO PRÉVIO»

E do conhecimento público que vai ser posto um «aviso prévio» à Assembleia Nacional sobre este assunto. Para quê um «aviso prévio» sobre uma actividade que está a nascer (não falamos nos cursos feitos desde longa data e estritamente técnicos) e de que só lamentamos tão deficiente princípio? O problema está a nível executório e não achamos necessidade de ocupar os parlamentares com essa questão. O que interessava era que o Governo fizesse crescer entre boas mãos esta importante actividade, pondo nos lugares de chefia os técnicos competentes, que os tem com toda a certeza. Quanto à alínea em que o sr. Deputado afirma «que os quadros não sejam constituídos por técnicos de serviços já existentes», só perguntamos: um bom técnico, sabendo o que quer e o que está a fazer, faz-se numas poucas horas? Porque não tirar partido da experiência de alguns experimentaods e conscientes que estão naqueles serviços?

SÉRGIO FONSECA

PROFESSORES MAUS NÃO SERVEM

Continuação da página um

de grupos de professores que deste modo redimem o prestígio de uma classe adormecida e já descrente da sua fundamental missão na sociedade. Os exemplos vêm dos mais variados sectores. No últim número da «Revista de Pedagogia» lança-se a ideia da fundação de uma Sociedade Portuguesa de Professores (sic), «em moldes semelhantes à já existente Sociedade Portuguesa de Escritores». No mesmo número a revista noticia os esforços empreendidos por um grupo já numeroso de educadores (pais, encarregados de educação, e professores) que se propõe criar uma «Associação Portuguesa de Educação» com o objectivo de estudar problemas relativos ao ensino e educação em Portugal. Outra revista mais conhecida, «O Professor», dedicava também o seu número de Dezembro passado ao debate sobre a criação de uma eventual «Associação dos Professores» que os representasse colectivamente. Conhecem-se também os esforços dos professores do ensino particular e até de elementos do próprio Grémio no sentido da promoção docente, perante problemas tão graves que não se sabe quais sejam os mais urgentes.

Tanta associação... mas o que é isto? Afinal não existem associações a mais, existem dificuldades a mais e força a menos.

Não nos cabe enunciar sequer todas as questões que importa resolver para que o ensino em Portugal esteja à altura das suas responsabilidades. Que o faça quem para isso tem mais competência, a começar pelos próprios professores que são aqueles que mais experiência colheram dos problemas e das necessidades. Limitamo-nos por isso a apresentar algumas transcrições de trabalhos publicados no último número da revista «O Professor» abordando a formação dos professores e os estágios pedagógicos.

COMPETIR E ESPIAR

Logo no primeiro depoimento, um professor provisório do Ensino Técnico fala do medo dos estágios, que afastaria muitos de a ele se lançarem. Sacrifícios monetários, cansaço físico, desgaste psíquico e frustração perante a impossibilidade de aplicar novidades aprendidas, «violências de personalidade com tendência para reduzi-la a autómato» e «numerosas assistências de juízes construtores mas também destrutores».

Significativo, por ser da autoria de uma metodóloga, é o depoimento da professora D. Maria Helena Albergaria, que reconhecendo o estágio como «um passo no caminho de formação profissionalizante», aponta as suas limitações, sobretudo a pressa com que eles se processam (oito meses e alguns dias, seguidos do precipitado Exame de Estado, um mês depois) tornando-se deste modo impossível a criação de quatro momentos psicológicos fundamentais, a saber: o da documentação e informação, o da opção, o do exercício e o da conclusão.

Para o professor Boaventura Reis, o estagiário está sujeito a uma contradição flagrante, na medida em que a missão de professor implica iniciativa, responsabilização e criatividade, valores estes que se encontram ameaçados pela orgânica do estágio. Efectivamente, na mira de conseguir uma classificação suficiente (que vai ser definitiva), o professor estagiário é levado a cair na tentação de integrar a sua lição dentro dos planos (entenda-se também: dentro dos princípios) que sabe serem importantes para as entidades que o vão fiscalizar (o assistente pedagógico, o metodólogo, o reitor, os metodólogos itinerantes, todos investidos na missão de juízes do trabalho do espiado estagiário).

As razões de queixa vêm de todos os lados, não há dúvida, mas o que se põe em questão não é o princípio do estágio mas a forma como se encontra estruturado. Assim, a professora Ofélia Duarte Carvalhão, depois de vincar a necessidade e as finalidades pedagógicas do estágio, acrescenta: «Os estágios são condição sem a qual não se pode ser professor, no sentido verdadeiro do termo. Se têm falhado, não é por existirem, mas por falta de estruturação adequada. É esta estruturação que deverá a meu ver ser revista, estudada e organizada, de molde a poderem ser alcançadas as finalidades expostas».

Por sua vez, três professores estagiários do liceu acentuam o vício do espírito competitivo e a completa ausência de cooperação entre estagiários e metodólogos.

CONTRA A MARÉ

Sem negar estas falhas, antes pelo contrário, um grupo de estagiários de Coimbra procurou soluções possíveis durante o estágio de 1972/73, convencidos de que «**as condições que enformam o estágio, não sendo um fruto directo da vontade dos estagiários, encontram todavia neles, individualmente tomados, a melhor base para a sua legitimação**». Vale a pena assinalar um pouco da sua experiência relatada no mesmo número da revista a que nos referimos. Através da reflexão em grupo, os estagiários procuravam evitar que o estágio correspondesse a uma lavagem ao cérebro e que fosse vencida a fatalidade implícita em reacções muito comuns e que se resumem no desabafo «o que é preciso é chegar ao fim».

Assim, a partir de um primeiro encontro aberto, em que participaram 30 estagiários, foram organizados quatro grupos de trabalho. Num segundo encontro, foi possível reunir 88 participantes (incluindo alguns assistentes pedagógicos e metodólogos). Das conclusões aprovadas salientamos as seguintes:

«A manter-se a estrutura do estágio dentro da perspectiva que os indicadores consagram, dificilmente se evitará percorrer caminhos cujo único sentido seja a base se soluções meramente administrativas, perante as quais o estagiário, burocraticamente dirigido, mal chega a aperceber-se do seu papel de agente e vítima do processo».

Sobre a mecânica da classificação e as suas consequências antipedagógicas, diz o grupo: **«O nosso depoimento sobre os reflexos negativos do estágio pode e deve ir mais além. Deve ir até ao desmascaramento do seu estilo competitivo, que nos aparece como um dos grandes factores de desagregação da classe docente».**

No final da reunião foi aprovada uma proposta, de que se deu conhecimento ao M.E.N. e aos directores-gerais, nestes termos:

«Discordando em absoluto do estágio nos moldes actuais, pelo que de negativo ele possibilita, nomeadamente:

1 — espírito competitivo que distorce a verdadeira natureza do esforço;

2 — incidência desastrosa sobre o corpo de professores, enquanto comunidade;

Propomos — aliás dentro de uma visão repetidamente invocada pelo Ministério da Educação Nacional — que:

1 — o estágio seja substituído por uma estrutura efectivamente humanizada, consagrando-se nela expressamente o trabalho de grupo;

2 — a classificação quantitativa seja substituída por uma de tipo qualitativa, traduzida em termos de «apto» e «não apto»;

3 — seja abolido o Exame de Estado;

Sem participação activa de professores e de alunos, não há educação possível

4 — sejam criadas condições de reciclagem no sentido de uma valorização permanente do professor;

5 — sejam alargados os quadros».

Referem-se depois as diligências infrutíferas que o grupo efectuou junto das instâncias superiores e, finalmente, aponta-se uma reflexão sobre as condições que devem presidir ao funcionamento dos grupos de trabalho, para que deles possa resultar o proveito desejado.

ESTÁGIO E FORMAÇÃO PERMANENTE

Para quem analisa de fora esta questão dos estágios e do Exame de Estado, há umas tantas verdades que ninguém contesta. Em primeiro lugar, o professor, como outro qualquer profissional, precisa de estar preparado para conduzir aulas participadas e criativas. Ora isto não está assegurado pela simples passagem pela Universidade, ainda por cima nas circunstâncias que se conhecem. Um bom universitário não será necessariamente um bom professor, precisa de preparação profissional e de um desenvolvimento humano que a Universidade por si só não pode dar. Daí reconhecer-se a necessidade absoluta de uma formação permanente, que faculte aos professores a aprendizagem (não apenas pedagógica, pois não se percebe como se se pode reduzir a pedagogia a uma espécie de tecnocracia do ensino...) e a possibilidade de analisarem constantemente o seu papel e as suas actuações em confronto com a realidade (a escola, a sociedade e os alunos).

Parece portanto que em princípio os estágios são necessários. O ponto que se discute é a maneira como eles se processam e o feixe de questões que os estágios não resolvem. Ainda que os oito meses de estágio fossem estruturados da melhor maneira, subsistiria sempre a dura realidade do dia-a-dia na escola: como aplicar as técnicas adequadas de aprendizagem pernnte turmas amontoadas em salas sem condições, sem material, sem participação livre dos alunos sem tempo para preparação conveniente, etc, etc?

Dos depoimentos dos professores, retira-se além de um desejo de consciência profissional, a firme convicção de que só uma formação continuada, em plena liberdade e em clima de exigência, assegurará possibilidades de aperfeiçoamento mínimo dos professores. Mas nada disto é suficiente. Mantêm-se os problemas fundamentais, à volta do papel do professor na Sociedade e nesta sociedade. Problemas que não podem resolver-se através de uma portaria mas por todos os cidadãos, a começar pelos professores, pelos alunos e pelos pais.

A. R.

"MUITOS SINDICATOS São pesos-mortos"

Afirma o Secretário da Corporação da Indústria

O secretário-geral da Corporação da Indústria afirma, num artigo publicado no Boletim da Federação Nacional dos Industriais de Moagem, que há em Portugal um número exagerado de sindicatos, «muitos dos quais, impedidos por manifesta falta de meios de exercerem a sua acção, constituem verdadeiros pesos mortos sem qualquer utilidade».

Em 1969, havia 325 sindicatos. O número médio de trabalhadores por sindicato era de cerca de 4300. Mas apenas 76 sindicatos possuíam um número de sócios igual ou superior àquela média. A reduzidíssima massa associativa da grande maioria dos sindicatos é ainda evidenciada pelo facto de 8 sindicatos, ou cerca de 2,5 por cento do total, abrangerem 36,4 por cento dos trabalhadores susceptíveis de serem sindicalizados.

O secretário-geral da Corporação da Indústria, dr. Basílio Horta, considera que este estado de coisas não é saudável para a contratação colectiva, «pois que ele está na base da pulverização das convenções, geradora de graves anomalias na gestão das empresas e fonte de injustificáveis desigualdades no tratamento dos regimes de prestação de trabalho».

Será legítimo inferir que a excessiva pulverização da estrutura sindical, além de lesar a defesa dos interesses dos trabalhadores, começa a causar prejuízos às próprias empresas,

O alargamento do âmbito sindical pela via administrativa, através da emissão de portarias, não se afigura ao secretário-geral da Corporação da Indústria processo de solucionar este problema. E também se mostra céptico quanto ao alcance real do Decreto-Lei n.º 390/72, primeiro estatuto jurídico das federações e uniões dos sectores secundário e terciário e tentativa de correcção das distorções da estrutura corporativa de base, através do melhor dimensionamento das organizações intermédias.

No dizer do secretário-geral da Corporação da Indústria, a alteração da actual situação, em tempo útil, exigirá um trabalho de base que ponha em causa os princípios informadores da estrutura sindical portuguesa: «Seria um campo de eleição para uma colaboração íntima e actuante da administração com os interessados, que são os trabalhadores, mas também com as entidades patronais que igualmente são afectadas pelo actual sistema de organização sindical».

Do trabalho conjunto da administração, dos trabalhadores e das entidades patronais resultaria a fixação de critérios verticais ou horizontais de integração sindical, consoante a natureza dos sectores, as características das profissões e a vontade dos interessados. Definidos os critérios da integração sindical, seria estudada a sua dimensão territorial, tendo em conta a importância das actividades, sua localização e critérios de desenvolvimento regional e de ordenamento do território.

Por fim, o secretário-geral da Corporação da Indústria afirma que «a transposição para sede legislativa das orientações assim traçadas não poderia ser encarada como uma ingerência do poder estatal na vida dos corpos intermédios», pois se trataria apenas «de os dotar de estruturas e consequentemente de meios que os tornassem aptos a prosseguirem com autenticidade as finalidades que lhes estão cometidas».

A CONTRATAÇÃO COLECTIVA

No mesmo artigo, o secretário-geral da Corporação da Indústria fornece algumas informações pertinentes sobre o atraso da regulamentação do trabalho em Portugal. A nossa primeira convenção colectiva foi celebrada em 1919, entre as empresas jornalísticas e a Federação Portuguesa de Trabalhadores do Livro e do Jornal, após numerosas greves.

Em 1913, a Alemanha já contava 12.369 convenções colectivas, abrangendo 1 milhão e 800 mil trabalhadores.

O Estatuto do Trabalho Nacional, fundamento da organização corporativa, foi promulgado em 1933, Mas só catorze anos depois, em 1947, as convenções colectivas foram dotadas de um estatuto legal específico, estatuto que já existia na Holanda desde 1907, na Alemanha desde 1918 e em França desde 1919. E só depois de 1969, com a publicação do Decreto-Lei 49.212, viria a verificar-se uma dinamização na celebração das convenções colectivas, cujo número sobe de 43 em 1968, para 146 em 1971.

O secretário-geral da Corporação da Indústria afirma que até 1960 as organizações sindicais estavam dispostas, na maior parte dos países, a agir em comum com o Estado e, frequentemente, com as entidades patronais, no sentido de se obterem taxas satisfatórias de crescimento económico através do mútuo comprometimento dos factores produtivos. Porém, a partir de 1960, por todo o lado se multiplicam os conflitos de trabalho e se modifica a estratégia sindical. As próprias entidades patronais são afectadas pela modificação do clima social: «Os empresários, objecto de ataques constantes no plano ideológico como representantes do sistema capitalista, já não se encontram tão srguros como há alguns anos do papel que lhes cabe desempenhar na sociedade. Frequentemente, nas mesas de contratação colectiva eles não sabem como reagir e defender a sua posição. Assim, por exemplo, constata-se uma enorme relutância em utilizar a expressão «lucro» e em raciocinar com base neste critério ainda que sob uma óptica distributiva. Prefere-se sistematicamente falar em «custos» e não há qualquer esforço em convencer os representantes dos trabalhadores e o público de que as empresas devem realizar lucros, pois estes, desde que lícitos, são garantia do progresso económico e social no futuro».

Desta modificação do clima das relações entre o capital e o trabalho infere o secretário-geral da Corporação da Indústria, o que não deixará de surpreender, que «o andamento corporativo se poderá mostrar apto a enfrentar, agora e no futuro, a melindrosa problemática que no vasto campo das relações laborais se lhe depara, desde que aceite, em tempo útil as modificações de estrutura e os ajustamentos de acção que as necessidades sociais em permanente movimento, lhe hão-de impor.»

UM FALSO DILEMA: PRODUZIR TRIGO OU CARNE?

Continuação da página dois

presa privada ligada ao comércio de produtos agrícolas e outro de um organismo oficial constituído por um grupo de agrónomos portugueses e alemães o CEATA (Centro de Experimentação e Ajuda Técnica à Agricultura) que recentemente conseguiu determinar preços de custo dos novilhos engordados com forragens de regadio. Esses preços embora superiores, já se aproximavam dos preços praticados no mercado o ano passado e estão abaixo dos preços actualmente praticados embora entretanto os custos se tenham agravado. Trabalho meritório, feito com poucos meios, com áreas muito reduzidas cedidas numa propriedade da Junta de Colonização Interna, não se sabendo porque um organismo tão útil não dispunha ao menos de toda a restante área dessa propriedade, onde não se faz positivamente nada.

Na cultura do sequeiro, tomos todos «intoxicados» por uma forragem importada da Austrália (o trevo subterrâneo) ao que dizem de origem portuguesa e levada de cá pelos australianos.

Há cerca de oito anos que dura a sua divulgação sem que, no entanto, os seus divulgadores tivessem feito aquilo que realmente interessava: o estudo da rendabilidade do seu estabelecimento nos solos mais pobres para que ele está teoricamente destinado.

Se este trabalho tivesse sido começado, há anos, bem como os trabalhos do CEATA que deveriam ter sido iniciados logo que há cerca de 18 anos se programaram os novos regadios do Sul para a exploração pecuária, já dispunhamos de elementos seguros. Mesmo que se tivesse chegado às mesmas conclusões — preços de custo superiores aos preços praticados — o resultado já era positivo, e permitiria estudos posteriores de aperfeiçoamento das técnicas de maneio e cultura de forragens no sentido de baixar os custos e ao mesmo tempo chegar a conclusões acerca dos preços de garantia a práticas e da sua vantagem ou não consoante o seu montante.

UM NOVO «PLANO»

Que tem este novo plano (?) de especial para alarmar alguns agricultores além da inversão de termos, isto é, a investigação depois do fomento?

Substancialmente parte do princípio de que é viável economicamente a cultura de forragens em vez do pousio alternando com o trigo nos bons solos e em exclusivo nos solos maus, combinado com cultivo de regadio até se voltar à introdução de cultura cerealífera depois de aumentado o nível de fertilidade.

E prevê o estabelecimento de um «Projecto de Produção Animal» com financiamento aos agricultores que voluntariamente adiram a esse projecto em número calculado em 792, cobrindo uma área de 300 000 hectares ou sejam cerca de 17 por cento da área potencial, todos a sul do Tejo. Prevê-se também para o Noroeste (Minho) a «adesão» de 34 explorações abrangendo uma área de 1014 hectares.

Os modelos de exploração bem como os rendimentos foram estabelecidos teoricamente, sem qualquer base experimental

O plano de investigação de pastagens, forragens e produção animal, vindo um ano depois da mesma origem que o plano de fomento (o Gabinete de Planeamento de Secretaria de Estado da Agricultura), projecta por assim dizer, a unificação num só organismo deste tipo de investigação (o que não estaria mal) prevendo em vinte anos um dispendio de cerca de 800 mil contos, perfeitamente compatível, aliás, com as nossas possibilidades financeiras.

Todavia o principal defeito desse plano, quanto a nós é a sua excessiva ambição. Quer saber tudo desde as adubações de pastagens até à comparação, das diversas raças nos seus diversos comportamentos e vocações e talvez por isso não se chegue a saber nada, porque assusta a nossa administração pública. Os agricultores, estamos certos, apreciaram mais um programa de investigação menos ambicioso — em muitos casos bastaria o reforço de verbas e outros meios aos poucos organismos que trabalham bem — que não «assustasse» tanto a nossa administração e trouxesse ensinamentos e elementos verdadeiramente úteis.

JOSÉ HIPOLITO RAPOSO

Viaje de comboio para Madrid.

Com segurança.

Caminhos de Ferro Portugueses

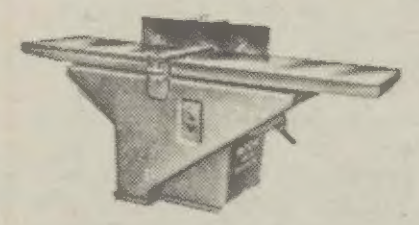
CP8A 74

CAUNY

Relogio suiço

100% Impermeável

«MIDA»



Garlopa
Mod. GA

UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

Fábrica: TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

Mitsui & Co. Europe (Portugal), Lda.

A MITSUI & CO. (PORTUGAL) Importações e Exportações, Lda., comunica que, em virtude das Sociedades MITSUIS estabelecidas na Europa, se terem agrupado, alterou a sua denominação social, passando, portanto, a denominar-se:

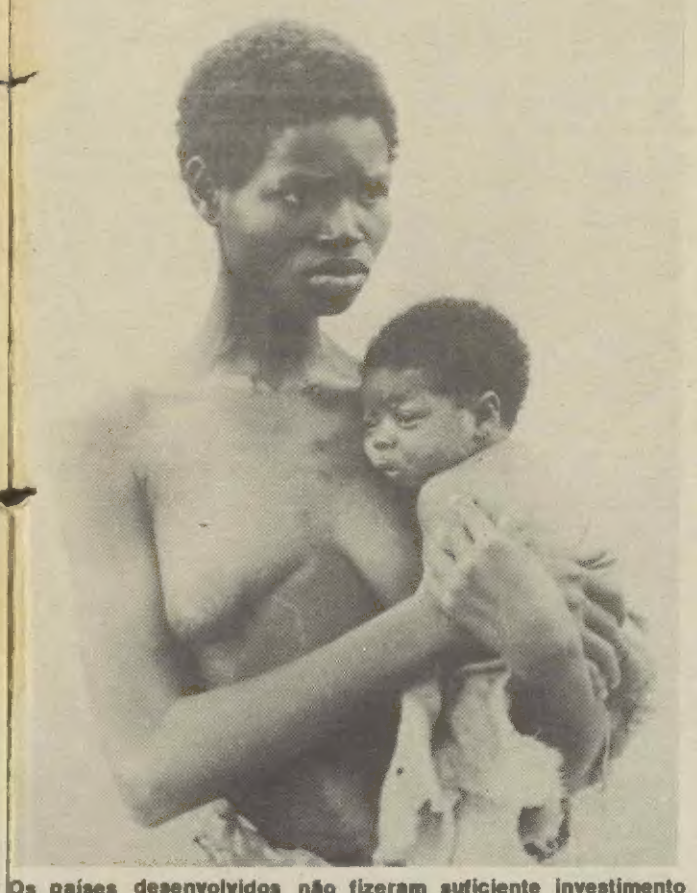
Mitsui & Co. Europe (Portugal), Lda.

N. B. — A sua sede continua a ser no Edifício Mobil—Rua Castilho, n.º 165, 3.º—Lisboa-1.
Os telefones também são os mesmos. 656101 (10 linhas)
Telex: 12348 Mitsui P

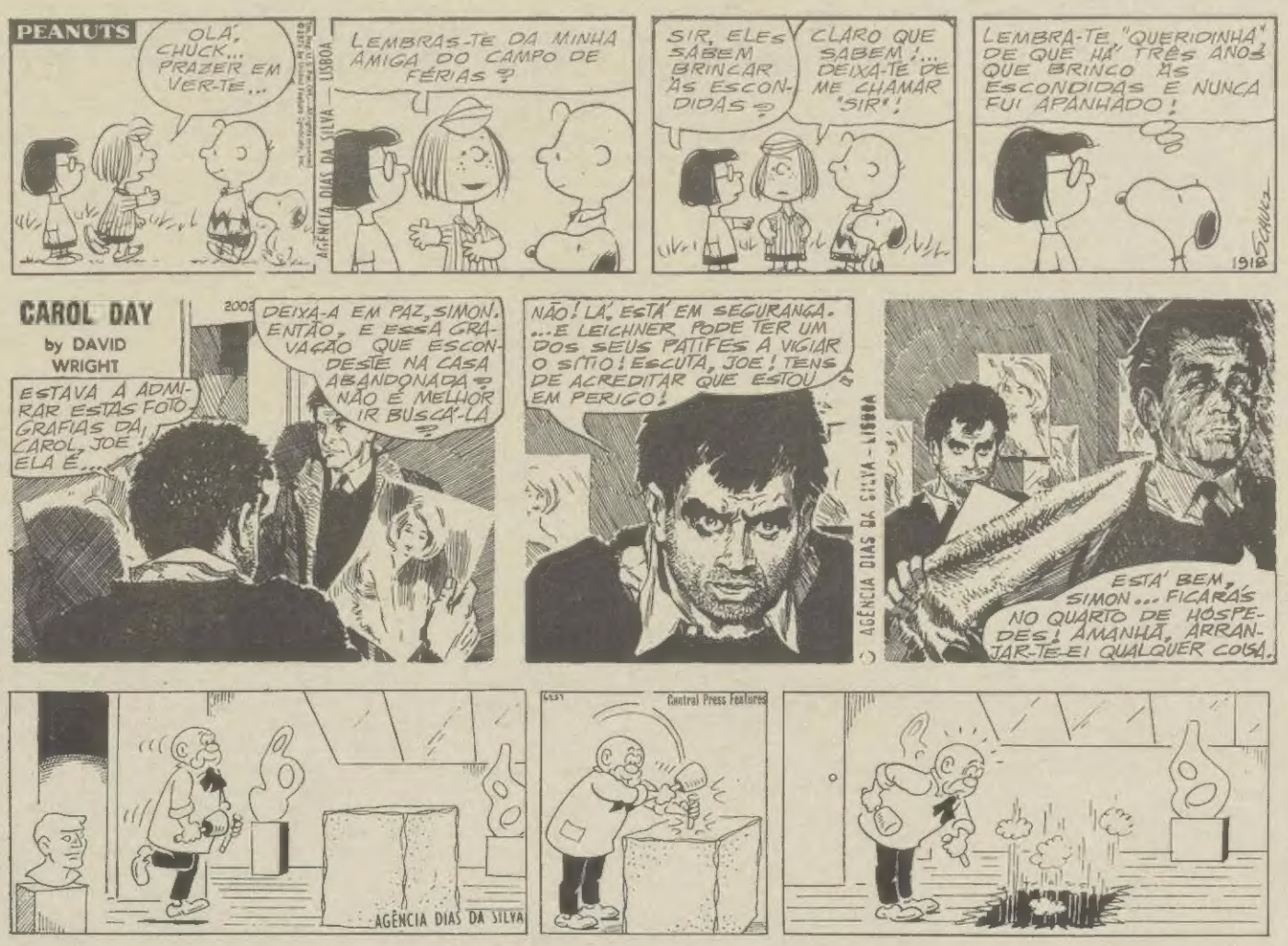
vindo um ano
ma origem que
ento (o Gabine-
nto de Secreta-
da Agricultura),
sim dizer, a uni-
organismo des-
tigação (o que
l) prevendo em
dispendio de
l contos, perfei-
tível, aliás, com
bilidades finan-

rincipal defeito
uanto a nós é
ambição. Quer
esde as adu-
stagens até à
das diversas
diversos com-
vocações e tal-
ão se chegue a
rque assusta a
tração pública.
, estamos cer-
mais um pro-
stigação menos
m muitos casos
rço de verbas
aos poucos-or-
trabalham bem
sustasse» tanto
stração e trou-
ntos e elemen-
ente úteis.

ITO RAPOSO



Os países desenvolvidos não fizeram suficiente investimento tecnológico na produção de alimentos, ao contrário do que aconteceu com o progresso industrial. Daí a redução dos «stoks» de alimentos em todo o mundo e o alastramento da fome



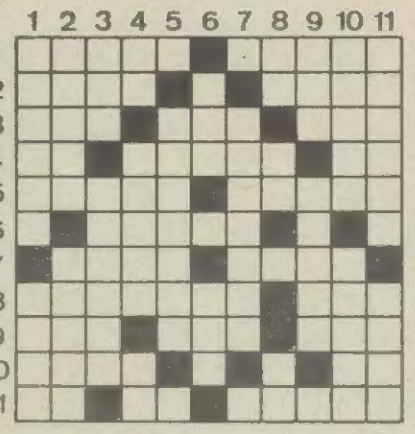
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10766

HORIZONTAIS:

1 Pessoa perversa, bárbara ignorante ou sovina. Passa o dia em jejum (Gir. Bras.).
2 Estimai. Artigo definido. Desordem (fig).
3 Fruto da nogueira. Médico dinamarquês que recebeu o PrémioNobel da Medicina em 1943. Larva das feridas dos animais.
4 Senhor. Loucas. Crómio (s.q.).
5 Cidade da Suiça. Colhei.
6 Dai urros.
7 Montão. Forma antiga de Sara (deserto).
8 Suavidade (fig). Olé.
9 Agora. Prefixo que designa ar. Ente.
10 Nome de flor. Prefixo de negação.
11 Artigo definido. Despido. Harmonia.



VERTICAIS:

1 Fatigas. Habito.
2 Nome de fruto. Simples.
3 Arranja. Velas.
4 Zomba. Lento. Prefixo de privação.
5 Da côr do ouro.
6 Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Artigo definido. Unidade monetária do Japão.
7 Colorir.
8 Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Nota musical. Rado (s.q.).
9 Título honorífico na índia. Singulares. (fig).
10 Energia. Renque de árvores.
11 Guarneceria de asas. Rio da Toscana.

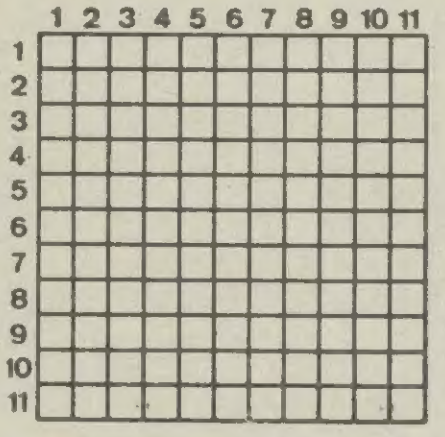
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6924

HORIZONTAIS:

1 Ocultas. Cabelos brancos.
2 Fechara as asas para descer mais depressa. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Estrépito de desmoronamento.
3 Oásis. Uma das cinco partes do Mundo.
4 Caminha aos saltinhos.
5 Nesse lugar. Cidade do antigo Egipto. Aqui.
6 Agora. Abaixas.
7 Antiga capital da Birmânia. Rente.
8 Coloração. Antes do meio dia.
9 Sua santidade. Xaile das mulheres índias e parses.
10 Direcção. Cálcio (s.q.). Ena!
11 Encarquilharam.



VERTICAIS:

1 Césio (s.q.). Animal doméstico. Um dos estados do Pará.
2 Camareira. A Pérsia. Grande ribeira da Ásia Russa.
3 Ponta de verga. Alcança com a vista.
4 Cidade de França. Tostar.
5 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Uma das esposas de Jacob.
6 Prendam. Fértil.
7 Apura (fig). Átomo.
8 Manhosos.
9 Seguia. Neon (s.q.). Prefixo que designa ar.
10 Arcaico. Uniria por casamento.
11 Transpiraras. Dão mios.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10765

HORIZONTAIS:

1 Cantar. Cabe.
2 Abais. Lapas.
3 Ploras. Naus.
4 Rã. Ar. At. Sa.
5 Tristes.
6 Cr. Arasse.
7 Chias. Sim.
8 Copo. Eça. Só.
9 Rara. ATA.
10 Casota. ONDE.
11 Em. Serrai.

VERTICAIS:

1 Capri. Cc. Ce.
2 Abia. CHORAM.
3 NÃO. Tripas.
4 Tirar. Aoros.
5 Asarias. Até.
6 Sr. Ar.
7 Atasca.
8 CANTES. Atoa.
9 APa. SSS. Ani.
10 Baús. Eis.
11 Essas. Morem.

Provérbio: ONDE CHORAM NÃO CANTES.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6923

HORIZONTAIS:

1 Masca. Cassa.
2 Arei. Sias.
3 Nem. Cem. Mós.
4 Ha. Carmo. Sa.
5 Ramalho.
6 Sairas. Mit.
7 Mar. Coo.
8 Sm. Samos. Br.
9 Um. Dor. Moi.
10 Agora. Treia.
11 Ceres. Sãs.

VERTICAIS:

1 Manhosas. AC.
2 Área. Muge.
3 Sem. Rim. Mor.
4 Cl. Caras. Re.
5 Camaradas.
6 Geras. Mo.
7 MML. Corta.
8 Ás. Oh! Os.
9 Sim. Omo. Mês.
10 Sãos. Bola.
11 Assaltarias.

© Punch

— Se queres acompanhar a taxa de inflação tens de trabalhar mais depressa!

— Eis o meu pequeno paraíso: as minhas rosas, as minhas túlipas, a minha vizinha.

A FUNÇÃO DOS REVISORES DE CONTAS

Com a portaria n.º 83/74, de 6 de Fevereiro, dos Ministérios da Justiças e das Finanças, veio, finalmene, a declarar-se constituída a Câmara dos Revisores Oficiais de Contas.

Poderá agora dar-se execução ao decreto-lei n.º 1/72, de 3 de Janeiro, que regulamentou a actividade destes novos profissionais que, além do exercício de outras funções específicas, completam ou suprem a actuação dos actuais conselhos fiscais.

Quando se publicou este decreto-lei afirmámos que embora se admitisse preferível sacrificar a perfeição das primeiras soluções a continuar delas carecidos (1), conviria ao máximo despender esforços de modo a que quer as soluções legais quer as práticas a adoptar fossem as mais adequadas.

Na verdade de há muito se vinha clamando contra as insuficiências dos conselhos fiscais e se enunciavam males derivados de as sociedades anónimas portuguesas não sofrerem qualquer censura válida e consequente quanto à incorrecta divulgação (ou omissão) da valorimetria patrimonial ou do apuramento dos resultados ou quanto à insuficiente ou deturpada apresentação das actuações gestivas.

Ora a comunidade nacional terá de empenhar-se no conhecimento e crítica da maneira como marcham e são geridas as mais importantes unidades económicas do País. E quem nas mesmas trabalha ou investe capitais, quem a elas compra ou vende bens e serviços tem legítimo direito de ser correctamente informado dos dados que a lei obriga a divulgar.

A ausência de tradições e de sãos hábitos de muitos empresários, as insuficiências várias que nas matérias de gestão, contabilidade e revisão de contas ainda existem no País e as inevitáveis dificuldades da criação de um profissionalismo em novos moldes serão obstáculos sérios e de não fácil transposição... Para os revisores oficiais removerem os escolhos que se lhes depararão torna-se necessário constituam um corpo de peritos bem apetrechado e organizado. Para isso a actuação do conselho directivo da Câmara dos Revisores Oficiais de Contas, poderá assumir extrema relevância.

DIFICULDADES E RISCOS

Do empenhomento e inteligência daquele conselho na acção, do apoio que receber das entidades oficiais, da compreensão que obtiver das empresas, dependerá em muito o reconhecimento público e o prestígio da nova classe profissional. Porém, o que mais contará para a informação dos revisores oficiais de contas será o somatório dos seus esforços e correctas actuações, o bom desempenho dos seus deveres, o

Por ROGÉRIO FERREIRA FERNANDES

adequado uso das suas prerrogativas, a devida atenção às limitações, etc.

O conhecimento que a vida nos vai dando das realidades e das motivações em que as pessoas se encontram inseridas preocupa-nos quanto à correcta institucionalização das acções a empreender. Actuações que se reputam justas para a comunidade exigem ainda assim precauções na sua concretização, em face de interesses individuais ou classitas poderosos. Estes, sentido-se ameaçados, usam vias de ataque, mesmo ilegítimas, preocupados como estão em manter privilégios abusivos ou em minimizar efeitos contrários.

Por isso se dirá que a actuação dos revisores oficiais carecerá, nesta fase inicial, de redobradas cautelas. Daí justificarem-se exigências de probidade moral, adequada formação profissional, extremo bomsenso... Sem estes predicados será difícil levar a bom termo os trabalhos de análise e os juízos de síntese (que serão solicitados aos revisores e a que eventualmente terá de dar-se publicidade) sobre a veracidade e correcção dos elementos patrimoniais e resultados apurados e sobre a actuação gestiva de cada empresa em apreciação.

O PROBLEMA DAS REMUNERAÇÕES

A remuneração e forma de actuação dos revisores terá de encarar-se diferentemente do que tem sucedido até agora com a generalidade dos membros dos conselhos fiscais. O cometimento de exclusividade oficial da revisão (cf. art.ºs 3.º e 57.º do Decreto-Lei n.º 1/72) e as responsabilidades e sanções a que ficam sujeitos os revisores (cf. art.ºs 46.º a 58.º) terão de corresponder a adequadas remunerações e exigir equivalentes prestações de trabalho sistemático.

A esperada fixação de honorários, prevista aliás no art.º 44.º do citado Decreto-Lei n.º 1/72, suscitou-nos a questão de averiguar o número de conselhos fiscais que poderão ou deverão ser atribuídos a cada revisor ou sociedade de revisores. Não se considerava muito líquido o resultado da interpretação conjunta do disposto no art.º 2.º, alínea g do Decreto-Lei n.º 49 381, de 15 de Novembro (que limita indistintamente o número dos conselhos fiscais atribuíveis a cada pessoa) com o n.º 1 do art.º 39.º do decreto-lei n.º 1/72, que indica constituirem incompatibilidades relativas para os revisores as causas de incompatibilidade previstas nas alíneas a) a f) (somente) do referido art.º 2.º do primeiro decreto-lei.

A interpretação oficial que acabou por vir a público, pela Portaria n.º 192/74, de 12 de Março, corresponde à aceitação da existência do limite legal de cinco cargos de membro efectivo de conselho fiscal **por cada revisor**, quer actuando a título individual quer agrupado em sociedade.

Julga-se convir salientar que uma limitação simplesmente assente no número de conselhos fiscais revestirá por certo caracter transitório, pois pode traduzir-se em medida injusta e constituir eventual fonte de ressentimentos nefastos, atentando nos honorários a cobrar. Na fixação destes, mais tarde ou mais cedo, terão que atender-se às reais diversidades das sociedades a revisar (dimensão, património, movimento, complexidade da gestão, organização dos serviços, validade dos directores, chefias e executantes das tarefas gestivas e contabilísticas da empresa, instrumental por esta utilizado, etc.).

Com a questão anterior prende-se o facto de ser reduzido o número de revisores já inscritos, alguns dos quais se admite não possam dar o seu concurso devido a incompatibilidades ou por carência de tempo para se dedicarem à função como a mesma requer (cf. art.ºs 38.º e 39.º do Decreto-Lei n.º 1/72). Considera-se, por conseguinte, salutar o escalonamento da sujeição das empresas a revisão oficial prevenido nos n.ºs 3.º e 4.º da aludida Portaria n.º 83/74 e reputam-se úteis quaisquer outras ressalvas enquanto não houver em funcionamento efectivo um corpo de revisores mais numeroso e especializado.

Um ponto que poderá eventualmente suscitar certo tipo de dúvidas é o de saber se os actuais empregados de sociedades anónimas deverão ou poderão constituir-se seus revisores oficiais (ou das suas associadas), em resultado de ilações que poderão decorrer da interpretação do verdadeiro alcance e extensão do disposto no art.º 39.º do citado Decreto-Lei n.º 1/72. E esta norma exige que decorra um prazo de três anos para um revisor que prestou serviços a uma entidade poder vir a desempenhar posteriormente funções nessa mesma entidade.

Um outro ponto que igualmente carecerá de atenção especial consiste no facto de os revisores serem pagos pelas empresas. Isto porque o seu trabalho assume também relevância externa que, pela lógica da função oficial de revisor, poderá sobrepor-se aos interesses reais da empresa (quando estes não forem legítimos ou, ao menos, chocarem com outros interesses que concorram com os primeiros e legalmente se lhes sobreponham).

Concluindo: Os revisores oficiais de contas estarão perante desafio a que deverá ser dada muita atenção, convindo alertar a opinião pública para a importância da actividade nascente que, bem exercida e cumprida, teria reflexos sociais altamente benéficos.

(1) De facto a perfeição foi sacrificada em aspectos importantes — ver nossos artigos nos n.ºs 154 e 156 da revista de **Contabilidade e Comércio.**

O que é um revisor oficial de contas

O revisor de contas não é um funcionário público nem um fiscal do Governo dentro dos conselhos fiscais das sociedades anónimas. Ele é apenas um profissional a quem compete defender interesses da colectividade, quer velando pela aplicação das leis e princípios contabilísticos, quer acautelando os direitos particulares dos accionistas. Por seu lado, a Câmara dos Revisores Oficiais de Contas também não é um organismo público, embora todas as sociedades anónimas, a partir de certa dimensão, sejam obrigadas a ter, entre os membros dos do seu conselho fiscal, um revisor oficial que podem escolher da lista dos inscritos na Câmara.

Não tendo os seus pareceres direito de veto dentro dos conselhos fiscais, a opinião dos revisores é no entanto determinante da política das empresas na medida em que pode representar a denúncia de irregularidades quer perante os accionistas e o público quer perante a Câmara dos Revisores. Neste caso, o revisor pode sentir-se levado a renunciar às suas funções em determinada empresa. Por aqui se vê que é importante a presença do revisor dentro dos conselhos fiscais pois a sua actividade pode representar uma forma de pressão. Mas as normas legais que regulam esta actividades não bastam para assegurar-lhe a necessária insenção. E do seu estatuto híbrido decorrem as principais dificuldades deontológicas de um revisor de contas que pretenda manter a coerência e a idoneidade.

(N. da R.)

O JORNALISTA E AS FONTES DE INFORMAÇÃO

Estar ou não estar em reunião, eis o grande problema. Tudo depende da pessoa que procura e de quem se procura. De qualquer modo é nesta vida de contra-relógio do fazer de um jornal, que mais se dá pela **coisa** a **coisa**, absurda, mesquinha, infeliz, perdulária, que é **estar em reunião.**

Não vamos escrever sobre exemplos cheios de simbolismos, mas sobre casos concretos. E quando falamos em **casos** usando do plural, nem sequer exageramos.

Comecemos por dizer que na agenda de trabalho da redacção nos coube, durante os últimas dias, a incumbência de realizar dois apontamentos de reportagem. E lá fomos em busca dos elementos necessários, procurando pessoas responsáveis, que nos pudessem fornecer os tais elementos uma vez que o que se dá a público não pode submeter-se ao risco da pura adivinhação por parte de quem escreve.

Saímos do jornal a correr, a correr apanhámos o primeiro táxi disponível e a correr chegámos ao primeiro ponto de encontro com um dos tais responsáveis. E aí todo o nosso entusiasmo esfriou: embora já tivessemos marcado telefonicamente o dia e a hora da entrevista possível, eis que um solícito contínuo nos informa: **O sr. dr. está em reunião**.

Um ponto perdido não quer dizer que não ganhe o campeonato, se nos permitem esta gíria futebolistica. Tinhamos mais dois sítios onde ir. Apressados, com a promessa de que no dia seguinte «o senhor-doutor em-reunião» nos receberia sem falta, disparámos para outro local. Também aí se nos deparou «a coisa» **o sr. engenheiro manda pedir muita desculpa mas está em reunião.**

Tínhamos desperdiçado quase hora e meia de espera. Pronto, nada fazer senão tentar reconquistar noutro sítio o tempo esbanjado. Mas não tivemos sorte nenhuma: **o sr. fulano de tal está em reunião e não o pode receber.** E isto após uma longa meia hora de espera. Tudo adiado para o dia seguinte.

Não se admirem, no entanto, se lhe dissermos que, no mesmo circuito e no dia seguinte, as respostas foram as mesmas, o tempo perdido o mesmo e as reuniões exactamente as mesmas nos mesmos sítios e mandadas dizer pelas mesmas pessoas. O pior foi quando nós insistimos, diante do gabinete do sr. engenheiro. Muito direito, um riso azulado na face olheirenta, o contínuo respondeu assim à teimosia do repórter:

Sabe: cada minuto perdido pelo sr engenheiro vale ouro.

Já sabiamos. Só o **tempo deles** é que tem importância. Só o tempo de certas pessoas é que conta, é que vale rios de dinheiro, é que é primordial para a vida do mundo. O tempo dos outros não passa duma chuchadeira, não contabiliza cifras, não determina cumprimento de horários, de missões, de trabalhos para a comunidade, enfim. Há, porém, um aspecto ainda mais grave a comendar dentro do tema: se o repórter desiste, devido às **intensivas reuniões** das suas fontes de informação e procura outras fontes menos responsáveis mas menos irredutíveis, na ânsia de apresentar o serviço no jornal a tempo e horas, respeitando a actualidade e utilidade, «aqui del-rei» que o repórter falseou a verdade, não tentou falar com autênticos responsáveis e que é preciso desmentir que vem escrito no jornal. Claro vão ser precisas não sei quantas reuniões para redigir o desmentido que será enviado com urgência ao abrigo da lei de imprensa ao «jornal que V. Excelência superiormente dirige».

JOSÉ HIPÓLITO RAPOSO

mesa redonda